

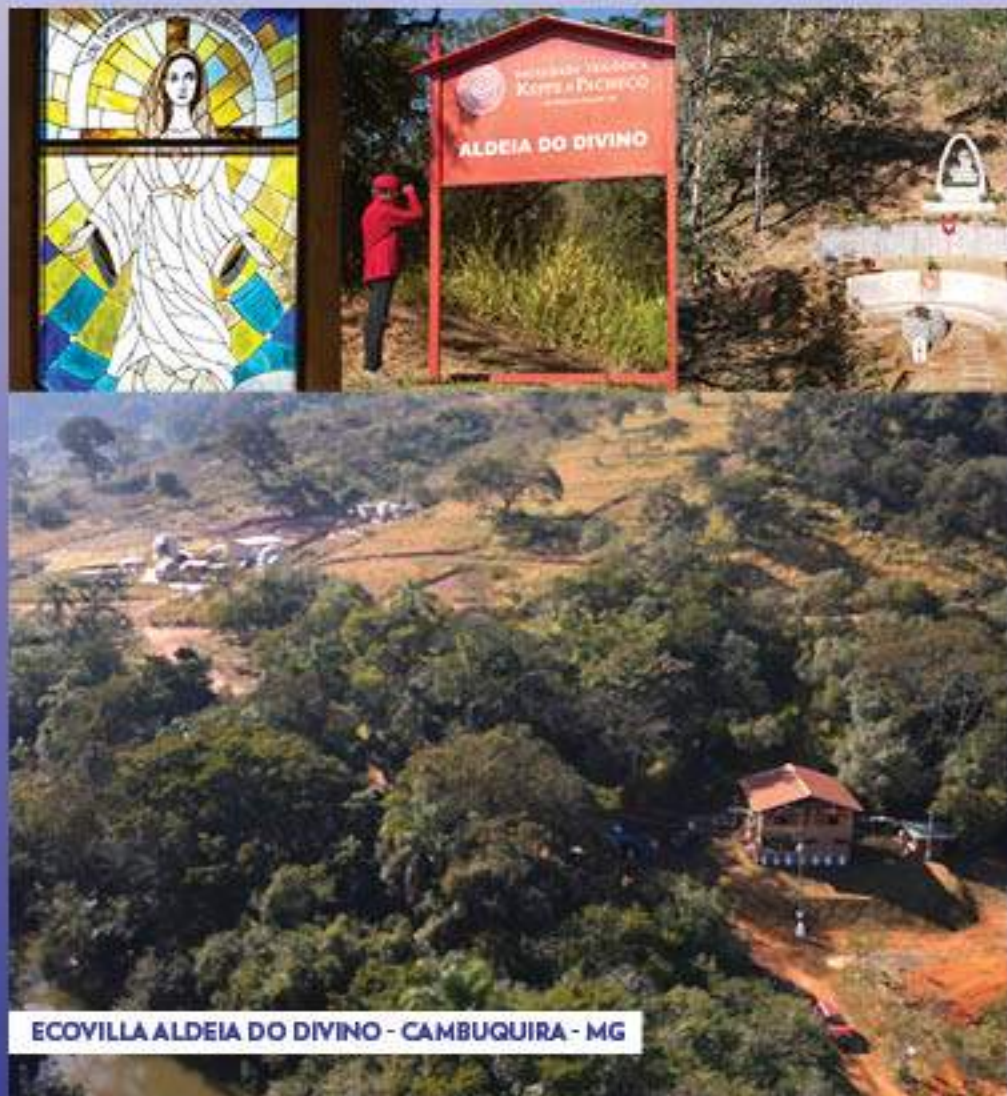
REVISTA DE

Psicanálise Integral

Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco

em convênio com a Sociedade Internacional de Trilogia Analítica

VOLUME 31 • NÚMERO 36 • JULHO 2021 • PUBLICAÇÃO SEMESTRAL • ISSN 0102-4205



ECOVILLA ALDEIA DO DIVINO - CAMBUQUIRA - MG



Proton Editora

NE (Nota Editorial):

Para se adequar ao Padrão Internacional de Publicações Científicas, a presente edição da Revista de Psicanálise Integral substituiu o termo *ano* (de publicação) para a palavra *volume*, mais utilizada em tais publicações.

NE: Para fazer referências aos artigos de edições anteriores da Revista de Psicanálise Integral sugiro que o número referente ao *ano* seja utilizado como *volume*, da seguinte forma, por exemplo: ano 28, número 32 para: Vol. 28, No. 32, ou 28(32).

NE: Os números das revistas continuarão em sua ordem cronológica, para manter o padrão sequencial adotado desde a primeira edição.

NE: Os *títulos* e *resumos* se apresentarão em dois idiomas: 1º) português e 2º) inglês, respectivamente, para seguir o Padrão Internacional de Publicações Científicas.

NE: As mudanças a partir desta edição não se limitaram a estes aspectos formais, mas também houve uma adequação de conteúdo, nos vários textos publicados, aos Padrões Científicos Internacionais.

Expediente

Capa: Carlos Moccagatta

Revisão: Maurício Domingues

Diagramação: Mara Szankowski

© Todos os direitos de publicação reservados à Sociedade Internacional de Trilogia Analítica. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, estocada em sistema de memória, ou transmitida por nenhuma forma ou meios, sejam eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou de gravação, sem a citação de sua fonte.

www.keppepacheco.edu.br | www.trilogiaanalitica.org

contato@keppepacheco.edu.br

contato@trilogiaanalitica.org

proton@editoraproton.com.br

ÍNDICE

Editorial.	3
Seremos para sempre o que fazemos, sentimos e pensamos <i>Norberto R. Keppe</i>	5
As patologias individuais e sociais são provenientes da inversão energética –(Coordenação de diálogos científicos) <i>Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco</i>	9
Superando os delírios cotidianos em que vivemos! <i>Marc André R. Keppe</i>	26
Dialogia entre a Pedagogia e Teologia da esperança na formação docente – sob uma perspectiva trilógica <i>Bruno Pontes da Costa</i>	33
A História à luz da Teologia da Física: Ressonâncias do Quinto Império <i>Paulo Roberto Furtado de Azevedo Varejão</i>	53
Abordagem Trilógica do conhecimento <i>João Léo Pinto Lima e Alexandre Frascari</i>	71

Celeiro do Divino: Plantio experimental de transição – uma prática exitosa da Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco	85
<i>Sari Hannele Koivukangas, Ana Luiza Silva Rosa, Vanessa Widmanski e Eduardo Nascimento Castelã</i>	
Arte, criatividade e psico-sócio-patologia (Parte 1)	102
<i>Marcos Fernando Vescovi Pera</i>	
O Bailarino Russo Vaslav Nijinsky: Uma Análise Trilógica de sua Vida	112
<i>Mariane Barros Fernandez</i>	
Sobre as Faculdades Trilógicas Keppe e Pacheco	131
Sobre a Proton Editora	135

EDITORIAL

Na segunda metade do século XX nasce em São Paulo, Brasil, uma escola de pensamento chamada de Trilogia Analítica (Psicanálise Integral), elaborada pelo psicanalista Norberto Keppe – abraçando: Ciência, Filosofia e Teologia (espiritualidade). Pesquisador independente, Keppe consegue elaborar um campo unificado dos saberes, atingindo a essência do conhecimento, que ao mesmo tempo é aplicado a todos os campos da civilização. Atualmente a Escola Norberto Keppe conta com:

1. SITA: Sociedade Internacional de Trilogia Analítica (Psicanálise Integral);
2. Instituto de Ciência e Tecnologia Keppe e Pacheco;
3. Duas Faculdades: 1ª) PRESENCIAL: Faculdade Trilógica Keppe e Pacheco e 2ª) EAD: Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos;
4. Editora Próton: com publicações sobre a Trilogia Analítica - em 10 idiomas;
5. Ophicina Keppe de Motores Ressonantes;
6. Aldeia do Divino: Condomínio psico-socioeconômico-ecológico;
7. Academia de Artes Beethoven;
8. Jornais científicos culturais - de distribuição gratuita;
9. Programas de Televisão e de Rádio terapêuticos;
10. Centro de Línguas Millennium - com o método terapêutico de ensino de Keppe;

11. CEAD: Centro de Empresas da Aldeia do Divino - com empresas do modelo trilógico.
12. CEJUR- Centro Jurídico da Faculdade Trilógica.

Os artigos aqui publicados mostram um pouco da aplicação possível da Trilogia Analítica, nos campos da Teologia, da Física, da Psicanálise, da Pedagogia, da História, da Filosofia, das Artes, da Agricultura Orgânica e do Meio Ambiente. A Revista de Psicanálise Integral apresenta também, mais do que tudo, uma finalidade psico-sócio-terapêutica para indivíduos, dentro e fora do campo acadêmico.

Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco
Diretora Fundadora

SEREMOS PARA SEMPRE O QUE FAZEMOS, SENTIMOS E PENSAMOS

WE WILL BE FOREVER WHAT WE DO, FEEL, AND THINK

Norberto da Rocha Keppe¹

1

RESUMO

Para a ação não existe tempo e espaço, pois ela é eterna. Por isso, tudo o que fizermos, pensarmos e sentirmos será carregado para o Juízo Particular e Final. Vivemos agora o natural e o sobrenatural, com a predominância do espiritual, cuja percepção, porém, ainda não alcançamos, devido à deficiência de nossos conhecimentos.

Palavras-chave: Ação. Atitude e Ser. Vida eterna. Universo Material e Espiritual. Deficiência nos Conhecimentos.

¹ Elaborador da Trilogia Analítica ou Psicanálise Integral. Doutor Honoris Causa pela FATRI – Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco. Psicanalista, psicólogo, pedagogo, cientista social, físico (independente), escritor, fez sua formação psicanalítica em Viena, onde foi treinado por professores como Viktor E. Frankl (Hospital de Policlínicas, Escola de Análise Existencial), Knut Baumgarten (Child Guidance Clinic) e Igor Caruso (Círculo de Psicologia Profunda). É fundador e Presidente da Sociedade Internacional de Psicanálise Integral ou Trilogia Analítica (1970) desenvolvendo sua própria teoria e método científicos de tratamento de doenças psíquicas, sociais, orgânicas e espirituais. Foi capaz de integrar as áreas da ciência, da filosofia e da espiritualidade, criando um novo campo chamado de psico-sócio-patologia.

ABSTRACT

For action there is no time and space, as it is eternal. Therefore, everything we do, think and feel will be carried over to the Private and Final Judgment. We now live the natural and the supernatural, with the predominance of the spiritual, whose perception, however, we have not yet reached, due to the deficiency of our knowledge.

Keywords: Action. Attitude and Being. Eternal life. Material and Spiritual Universe. Knowledge deficiency

Todo o nosso passado está no presente, e o nosso presente estará no futuro — o que nós passamos agora é do passado, inclusive acrescentado pelo que fazemos atualmente, sejam as boas ou más obras, e de acordo com o seu volume, seja bom ou mal. Posso dizer que na vida psíquica não existe o fim, pois a ação é eterna — quando pensamos que esquecemos erramos, porque o que realizamos é, simplesmente, esconder o que não desejamos lembrar. De qualquer modo, tudo o que aconteceu está guardado em nosso interior para sempre, porque para a ação não existe tempo e espaço, toda ela está presente inteiramente difusa no espaço — é por este motivo, que carregaremos o que fizemos, pensarmos e sentirmos para o Juízo Particular e Final, como se tivesse acontecido agora, não importa em que tempo, ou em qual região estivermos. Quando dizemos que seremos perdoados, temos que nos lembrar que, também não seremos esquecidos, do que fazemos.

Nossa existência é rápida, mas a conduta não, pois viveremos com ela para sempre, porque seremos o que fazemos,

de acordo com o nível — não é porque alcançamos uma vida eterna, que iremos mudar de conduta, pois, ao estar em ambiente favorável, continuaremos no que escolhemos, pois só o céu é maravilhoso, e nós participantes de acordo com o nível. Não podemos nos esquecer que formamos a existência com o que fazemos, pensamos e sentimos, porque determinamos o próprio Ser com nossas atitudes — somos nós que escolhemos o que seremos, pois a vida do Além é invariável, tendo de se adaptar a ela, e não ela a nós.

Tudo foi formado de acordo com a Vontade Divina (com o que é real), e não poderia haver de outro modo — este é o motivo de não se poder existir diferentemente, porque a realidade é uma só. É claro que a patologia e os enganos são apenas desvios e estagnação ao que é correto, que temos de conscientizar e corrigir. Nem o Criador pode fazer o que não somos, motivo de existir o erro e a patologia, que são atinentes até aos anjos e humanos deformados e doentes. A Ação faz o Ser, de acordo com o tempo que temos de liberdade, para escolher o tipo de existência futura.

Quando falo que seremos para sempre o que fazemos, sentimos e pensamos, para entrar no Paraíso Divino, temos evidentemente de corrigir os seus aspectos patológicos, que são demoníacos — essa possibilidade levou os religiosos a acreditar na existência de um purgatório, onde seriam corrigidos os enganos que não conseguimos eliminar aqui. Com certeza, as pessoas tementes a Deus, que não conseguem chegar a um nível de virtude perfeita, terão de permanecer em um ambiente ao contrário daquele que viveram aqui, causando-lhe enorme sofrimento, porque será como passar do que era satisfatório, para uma situação extremamente desagradável e mesmo insatisfatória — esse é o motivo, neste mundo, de rejeitar a orientação verdadeira, que é de acordo com o que é verdadeiramente real. Estou desejando es-

clarecer que não é porque uma pessoa fala que frequenta uma Igreja é que ela vive corretamente, mas é aquela que vive fazendo o Bem, o Belo e o Verdadeiro.

Vivemos aqui e agora simultaneamente o natural e o sobrenatural, ao lado do normal e do anormal, ou do saudável com o patológico, pois estes se chocam — mas, o que predomina totalmente é o segundo elemento, que é muito mais próximo a Deus, porque é mais semelhante a Ele, não apenas na qualidade, como também na quantidade, pois o Universo Material constitui em uma Gota de Água, no Oceano da Criação. Posso dizer que o Espiritual é quase Infinito, como o seu Criador; talvez 90% de tudo o que existe, ao contrário do que a maioria dos Seres Humanos pensa, só por ser mais invisível — posso dizer que o visível é 10% do que existe, e o Sobrenatural é que segura e conserva o natural material que, inclusive, contém em parte o sobrenatural, pois o natural constitui um restinho da energia total, e o material apenas uma fumaça que se levanta de um fósforo aceso.

É necessário que a Humanidade tome conhecimento de que o Universo Material com os seus bilhões de Sóis, Galáxias, Planetas, constitui uma pequena parte da Criação. O que existe mesmo no Universo (Espiritual) é de 90%, e só não alcançamos até agora essa percepção, porque ele é invisível; e também devido à cegueira, ocasionada pela soberba, inveja e demais vícios. Porém, quero deixar registrada aqui essa informação, para que todos nós comecemos a considerar que temos uma incrível deficiência nos conhecimentos, não sabendo o que existe realmente.

**AS PATOLOGIAS INDIVIDUAIS E SOCIAIS SÃO
PROVENIENTES DA INVERSÃO ENERGÉTICA
(COORDENAÇÃO DE DIÁLOGOS CIENTÍFICOS)**

**INDIVIDUAL AND SOCIAL PATHOLOGIES STEM
FROM ENERGY INVERSION
(COORDINATION OF SCIENTIFIC DIALOGUES)**

Cláudia B.S. Pacheco¹

RESUMO

Este artigo é uma compilação dos diálogos e comentários científicos realizados entre alguns cientistas, coordenados por C.B.S. Pacheco e baseados no livro *A Nova Física*, de N. Keppe.

Palavras-chave: Inversão Energética. Patologias Individuais e Sociais. Energia Essencial (escalar). Ressonância Energética. Manifestação da Ação como Amor e Verdade.

ABSTRACT

This article is a compilation of scientific dialogues and comments carried out among some scientists, coordinated by C.B.S. Pacheco and based on the book *A Nova Physics*, by N. Keppe.

¹ Doutora Honoris Causa pela FATRI - Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco. Pós-graduada em Psicossociopatologia pela Universidade Livre Keppe e Pacheco, INPG, SP. Psicanalista.

Keywords: Energy Inversion. Individual and Social Pathologies. Essencial (scalar) Energy. Energy Resonance. Manifestation of Action as Love and Truth.

TRECHO DO LIVRO *A NOVA FÍSICA*, DE NORBERTO KEPPE

O descontrolo do universo adveio em consequência da distorção da energia essencial (escalar), que transtornou a união substancial (forma-matéria), levando ao aparecimento da patologia humana, social e material. Qualquer doença é proveniente do desequilíbrio energético que o indivíduo sofre por causa do desencontro entre sentimento e ideia; a bactéria não é o elemento patológico fundamental que ocasiona as enfermidades físicas, mas a conduta invertida que enfraquece o organismo tornando-o vulnerável. A pessoa muito patológica incomoda tanto porque quer introduzir na existência o superficial que é a inversão típica, que evidentemente o próximo não pode aceitar – e quanto mais doente for maior será sua distorção. E com isso forma uma estrutura social (econômica, política, legal) invertida, que ocasiona enorme tensão (estresse) aos que são obrigados a viver dentro dela; por este motivo, os povos do chamado 1º Mundo são os mais neuróticos.

COMENTÁRIOS

Cesar: Acho que a coisa mais importante para entender desse parágrafo é que nós, seres humanos, só somos sãos quando estamos em harmonia com a energia essencial e a natureza ao nosso redor. Quando distorcemos nosso comportamento, quando não temos equilíbrio entre os nossos pensamentos e sentimentos, nos tornamos desequilibrados e não nos beneficiamos da energia ao nosso redor. Este desequilíbrio nos leva a começar a atacar a natureza tam-

bém. Nossas ações ficam então compatíveis com essa distorção da energia. Assim, é claro, se estamos desequilibrados, também produziremos uma sociedade desequilibrada. Esta é uma consequência das nossas atitudes inconscientizadas e da nossa patologia. Quanto mais patologia tivermos, mais doente é a sociedade que geramos porque não estaremos em sintonia com a energia ao nosso redor, que é a energia do universo.

Cláudia: O principal princípio da ressonância energética é que a energia emana, assim como a bondade. Essa energia se origina de uma fonte Divina, ressoa dentro de nós se permitirmos e, então, flui de nós para fora. Poderíamos dizer, portanto, que essa energia essencial é diretamente ligada ao amor, e um dos princípios dessa energia essencial é que ela emana. Na realidade, não há possibilidade disso não acontecer. Todo o bem no universo, tudo o que “é”, é expressivo, expansivo. Este é o princípio dos nossos seres, falando tanto em termos energéticos quanto psicológicos. Recebemos essa energia essencial, escalar, de Deus dentro do nosso interior e depois temos que emanar essa bondade, para retransmiti-la. Se não retransmitirmos a energia escalar essencial, se quisermos ser egoístas e manter essa energia dentro de nós, então irá ocorrer um resultado energético muito negativo. Isto afeta não só nosso equilíbrio mental, mas também nosso ambiente físico, social e ecológico.

Keppe fala frequentemente sobre como a ação deve se manifestar. E amor e verdade são ações. A ação é energia expressa ou colocada para fora de nós. Poder interior é energia. Em alemão, eles têm a palavra ‘*geist*’ para explicar duas coisas: combustível real, e espírito ou alma. Eles usam a mesma palavra para ambos os conceitos.

Participante: A imagem que chegou à minha mente foi a de que estamos aumentando a poluição do mundo quando não emitimos energia positiva de nós. Em outras palavras, somos um pouco como transmissores energéticos, e quando não faze-

mos o que deveríamos - que é transmitir ou espalhar a energia de acordo com a beleza, a verdade e a bondade – ou se distorcemos o que transmitimos, então realmente podemos contribuir para poluir o universo energeticamente.

Cláudia: Você está absolutamente certo. E você sabe que isso pode até mesmo causar catástrofes “naturais”? Quando as pessoas estudam os efeitos da oração na natureza, seus estudos são baseados na Física, na verdadeira Física que estamos discutindo aqui. Poderíamos discutir os efeitos das energias de baixa frequência que estão atualmente sendo estudadas pela CIA e KGB. Eles querem usá-las para criar desastres ambientais como um meio de fazer guerra; isto é, criando furacões e outras catástrofes “naturais”. Os poderes querem usar esse tipo de energia para atacar a agricultura e a natureza nos outros países. Mas não nos esqueçamos de que nossas mentes são muito mais poderosas do que quaisquer máquinas desenvolvidas pela CIA e KGB. A maioria dos índios nativos sabia sobre o poder da crença, cantos e orações, e eles usavam essas técnicas energéticas para fazer chover.

Cesar: Eu lembro de Keppe falando a respeito de uma seca severa que ocorreu, e como começou a chover depois da chegada de um xamã. Parecia que a vibração energética desse homem sábio tinha uma influência no clima. Igualmente muitas lendas indígenas neste país e ao redor do mundo se referem repetidamente a demônios ou espíritos nas florestas, e como esses espíritos também aparecem dentro dos tornados e furacões. O que isso parece significar é que alguns padrões climáticos têm uma influência espiritual também. Bem, a vida psicológica humana pode realmente afetar o clima e o meio ambiente circundante. Não sabemos exatamente como isso acontece, mas sabemos que ocorre.

Cláudia: As escrituras judaicas descrevem muitas dessas coisas também e precisamos entender que a teologia e a

revelação incluem muitos dados científicos que ainda não foram bem entendidos pela humanidade. É claro, este livro que estamos discutindo, *A Nova Física*, irá percorrer um longo caminho para explicar todos esses fenômenos.

CONTINUAÇÃO DO LIVRO *A NOVA FÍSICA*, DE N. KEPPE

A inversão energética no cérebro pode ser explicada pelo maior predomínio do hemisfério esquerdo, o qual comanda agora o direito (que deveria ser justamente o fundamental); isto significa o ser humano dando orientação até mesmo ao mundo transcendental, como se fosse superior a ele. Estou mostrando que a intuição e a percepção da verdadeira realidade advêm do hemisfério direito no indivíduo equilibrado e que deveria predominar sempre. Se, ao contrário, a pessoa entrou em um campo de força invertida por causa de sua inveja e avareza, à medida que se aproxima da energia fundamental (escalar) sofre uma verdadeira agonia – motivo pelo qual os possesores de Gerasa afirmavam que a presença de Cristo lhes ocasionava tormentos. Provavelmente este é o sofrimento dos que estão no Inferno e Purgatório, pois para existir são obrigados a aceitar o campo de ação divino, que justamente lutam contra – o que significa uma interminável batalha contra o próprio ser, sem que haja seu perecimento. Este é o fenômeno que denominei de inversão descoberto em agosto de 1977.

COMENTÁRIOS

Alex: Se voltarmos ao conceito do cérebro direito e esquerdo, parece que recebemos nossa energia espiritual do exterior primeiro dentro do hemisfério direito do cérebro. Isso pode ser explicado através do entendimento de uma síndrome chamada de mão alienígena. Isto ocorre com pes-

soas que têm uma epilepsia severa que elas tentam resolver cortando a conexão entre o cérebro direito e o esquerdo. Se esses indivíduos tentam se matar, eles usam suas mãos esquerdas, que são controladas pelo hemisfério direito.

Cláudia: O ponto em que você está tentando chegar é que nosso cérebro direito está invertido; ele é contra a vida agora.

Alex: Sim. Através das nossas atitudes, estamos em contato com os espíritos malignos e quando não temos controle sobre os nossos cérebros, esses espíritos maus ficam livres para agir em nossos corpos. A má influência espiritual suprema é nos matar.

Cláudia: Mas, na verdade, todos nós estamos fazendo isso. Morremos quando não deveríamos morrer. É importante enfatizar que esse processo de morrer e ficar doente é a nossa meta; o objetivo final da humanidade é a morte, porque é para lá que estamos indo – sem nenhuma exceção. Esta atitude contra a vida – que não é um instinto como é normalmente entendido, mas uma falha na nossa genética – está impressa dentro do nosso código genético hoje. Essa é a manifestação física da Inversão psicológica que Keppe identificou. E a Inversão causou uma decadência massiva na nossa genética.

Alex: A atitude correta no nosso estado original é a intuição: uma conexão que nos guiaria para a transcendência e a bondade.

Cláudia: E somente para a bondade, verdade e beleza. Entretanto, invertemos essa atitude e temos um impulso invertido dentro de nós agora. Todo mundo tem esse impulso contra a vida, o amor, a verdade e a razão, que através da nossa ética temos que trabalhar para corrigir todo dia. Ainda assim, terminamos morrendo de qualquer maneira, porque

ainda não temos as condições de restaurar essa inversão em nossa psicogenética.

Poderíamos dizer que o egoísmo, por exemplo, é o movimento invertido da energia, enquanto que o altruísmo, a bondade, a ação boa, seriam o correto fluxo da energia. Quando a energia está fluindo corretamente, seria recebida de Deus dentro de nós e depois emanada para fora. A bondade, a ação boa seriam emanadas de dentro de nós para fora. Este é o princípio fundamental presente nos seres humanos. No egoísmo, egocentrismo e arrogância, nossa energia flui do modo errado, invertidamente. Isto não é um fluxo de energia e, sim, um bloqueio da energia, que faz com que nossas funções se deteriore. O egoísmo não é bom para nós; é, na verdade, uma destruição dos nossos seres. Na realidade, não podemos viver sem sermos bons, fazermos o bem e sentirmos amor.

Contudo, muitas vezes as pessoas têm uma ideia errada sobre isso. Eu estava discutindo essa ideia com uma cliente recentemente, que disse “Eu tenho que fazer o bem para mim primeiro antes de ser capaz de fazer o bem para as outras pessoas.” Esta é a abordagem errada a ser tomada. Só nos beneficiamos quando queremos fazer o bem para outras pessoas. Boas ações nos colocam na realidade e são o único caminho que verdadeiramente nos permite ser bons conosco e “ser” completamente.

Roberto: Tenho uma experiência interessante para compartilhar sobre como a energia escalar pode nos curar. Recentemente, o lado esquerdo do meu rosto estava ficando inchado; até meus olhos estavam inchando. Então, durante minha sessão de análise, eu vi que estava numa crise de inveja e, uma vez que tomei consciência disso, o inchaço começou a diminuir.

Cesar: Se usarmos a imaginação para dividir nossas faces e prestarmos atenção à diferença entre os lados esquerdo e direito, poderemos dizer que tipo de energia a pessoa está captando através do hemisfério direito do seu cérebro.

Cláudia: Cubra o lado direito da sua face e dê uma olhada no lado esquerdo. Este é o lado da sua face que mostra o que está inconsciente para você, enquanto o lado direito mostra seu lado social. Algumas pessoas têm uma aparência muito raivosa do lado esquerdo da sua face, que corresponde ao lado direito do cérebro. Outras têm uma sobrancelha arrogante, por exemplo, uma sobrancelha que está constantemente levantada. Algumas pessoas têm uma aparência muito triste e depressiva. Outros podem parecer um pouco decadentes ou maliciosos. É melhor sermos mais equilibrados na nossa aparência, mais harmônicos. Se os dois lados da face são muito diferentes, isso pode indicar mais doença. Quanto mais consciente uma pessoa é, mais equilibrados serão os dois lados da face.

Cesar: É interessante como algumas orientações terapêuticas tentam unificar os sentimentos que temos no hemisfério direito com a razão que temos no esquerdo. Algumas terapias tentam unir o que sentimos com o que pensamos. O único problema com isso é que alguns dos nossos pensamentos são muito negativos. Até a análise freudiana prescreve que não deveríamos reprimir o que temos dentro de nós. Acho que isso dá às pessoas a impressão de que deveríamos descarregar todas as coisas ruins que temos no hemisfério direito dos nossos cérebros. Mas se fizermos isso, iremos ser controlados por essas forças e mesmo superados por elas. Isso é muito perigoso. Lembro que uma vez Keppe salientou que existe uma grande diferença entre repressão e censura. Devemos reprimir nossos maus sentimentos, mas não podemos censurar a consciência desses sentimentos. Essa

é a grande diferença entre a terapia Trilógica e outras terapias tradicionais, que enfatizam que temos que pôr essas coisas para fora. Temos que reprimir, mas não censurar a causa dos pensamentos negativos. Somente desse modo podemos fazer o bem e sermos saudáveis.

Cláudia: Antes de prosseguirmos, vamos discutir outra Inversão forte que está causando sérias deteriorações na humanidade, e podemos até dizer que está nos matando: a Inversão do trabalho e capital. Quando colocamos o dinheiro e o egoísmo como o ápice da sociedade, isso é extremamente patológico porque quase mata inteiramente a iniciativa da realização e das boas ações, e nos destrói.

Anos atrás nós nos encontramos com o famoso psiquiatra rancês Henri Laborit, que gostava muito das teorias de Keppe, especialmente aquelas sobre a ação. Para Keppe, a ação (ação boa e bela, naturalmente) é praticamente sinônimo de consciência. Quero dizer que quando uma pessoa é impedida de trabalhar, por qualquer motivo, seja devido a um sistema, uma ideia invertida da sociedade, ou algo dentro do indivíduo, ou quando uma pessoa não tem a possibilidade de trabalhar e realizar, ela se torna psicótica. O que está absolutamente empobrecendo a sociedade e impedindo a economia de ir para a frente, e que está impossibilitando a humanidade de ser mais rica e ter uma melhor qualidade de vida, é essa Inversão, de colocar o dinheiro acima do trabalho. É absolutamente insano pensar que a única razão para as pessoas trabalharem seja o dinheiro. O dinheiro apenas impede e desmotiva as pessoas no trabalho, não o contrário. No momento em que percebermos essa Inversão, a humanidade será capaz de resolver seus problemas econômicos e todos terão as necessidades básicas para a vida. As pessoas trabalharão pela realização que o trabalho traz por si só, e não pelo dinheiro. Esta é a verdadeira razão para as pessoas

trabalharem e temos visto isso em nossas empresas Trilógicas. Quando as pessoas pensam muito em dinheiro, o tempo todo, elas se desviam do verdadeiro propósito de suas vidas e todo esse pensar, pensar, pensar no dinheiro leva a uma inércia e paralisação no trabalho. As pessoas não querem trabalhar, elas querem fazer dinheiro. Portanto, o dinheiro realmente desmotiva os trabalhadores.

CONTINUAÇÃO DO LIVRO *A NOVA FÍSICA*, DE N. KEPPE

O estudo desinvertido (correto) da Física irá possibilitar compreender e aperfeiçoar a existência porque fornecerá os princípios certos para lidar com tudo o que existe; explicará porque um indivíduo se desenvolve mais do que outros, uma nação se adianta em relação às demais, um tipo de ciência melhora e grupos e pessoas assumem o controle da humanidade. Existe semelhança muito grande entre o funcionamento do homem com o movimento dos átomos e até mesmo os aparatos mecânicos; o princípio que serve para um aplica-se para todos os outros. Por exemplo: o inconsciente seria o denominado elemento potencial da Física; o indivíduo acredita que seu poder viria da potência, como Bohm falava; assim, Freud usou a ideia do inconsciente como se fosse o elemento básico, negando que exista realmente algo anterior e superior, que é justamente o ato que forma tudo. Quando a Física fala em universo paralelo quer afirmar que existiria alguma coisa (irreal) que geraria o real; isto corresponde aos estados alterados da consciência (como dizem as pessoas que lidam com misticismos), que levam o indivíduo aos delírios.

COMENTÁRIOS

Cláudia: Vocês podem compreender que aqui Keppe está identificando ser com ato? É claro, ele não foi o único a considerar isso. O próprio Aristóteles considerou que Deus era ato puro e vamos nos lembrar que fomos criados à Sua

imagem. Isso significa que deveríamos estar no ato puro também. O único modo de liberar nossos seres e executar essa ação boa, bela, amorosa e verdadeira é se corrigirmos a Inversão maciça que estamos sofrendo e nos esforçarmos na direção correta. Não iremos chegar lá espontaneamente, porque decaímos demais do nosso estado original. Precisamos nos forçar a fazer coisas boas, belas e verdadeiras para assim ficarmos energizados. Se você se sente triste, deprimido, negativo, raivoso, irritado, cansado ou o que quer que seja, não descanse, não se aliene, não faça coisas que você gostaria de fazer. Faça o bem. Force a si mesmo a fazer algo útil. Pense em algo bom, que você poderia fazer para outras pessoas. Se você se esforçar desse modo, você se sentirá restaurado, recuperado e ativo. Isso parece estranho, não é? Fazendo algo bom para outra pessoa, você não se sentirá cansado. Não ficamos cansados por causa do excesso de trabalho ou porque fazemos muito pelos outros. Nós nos sentimos cansados porque estamos deixando a Inversão e o egoísmo dominarem nossas vidas. Pensamos e até mesmo raciocinamos invertidamente: “Ó, eu estou muito cansado porque eu trabalhei muito duro.” Com certeza, se eu trabalhei muito para roubar as outras pessoas ou poluir a sociedade – algo negativo (“Ó, eu estou tão cansado de um dia inteiro de roubo!”) – então, é claro que ficaremos cansados. Mas da ação boa, nunca. Porque essa ação boa está nos ajudando a conectar com a energia essencial boa vinda de Deus.

Alex: Se uma pessoa tem muito potencial mas não faz nada, isso mostra que ela é muito doente.

Cláudia: Quando as pessoas dizem, “Agora, nessa era de Aquário é quando podemos liberar nossos seres e finalmente sermos livres para sermos nós mesmos,” podemos ver um bonito conceito aqui. Infelizmente, o que as pessoas pensam que entendem do significado desse conceito é que

elas podem fazer o que quiserem. Elas podem ignorar todos os princípios éticos se elas quiserem ou não se importar com ninguém ou nada. A falsa ideia que as pessoas têm é que elas são livres para pensar apenas nelas mesmas. Isso é totalmente invertido, de cabeça para baixo – demoníaco mesmo.

Participante: E muito ingênuo, Cláudia, porque não vemos que o que nos domina é a patologia, e não a bondade. Adam Smith não cometeu esse erro na criação do capitalismo? Ele falava sobre deixar as pessoas fazerem o que quisessem, e que elas terminariam, de alguma maneira misteriosa, fazendo coisas boas. Essa foi a exaltada “Mão Invisível” do mercado. Porém, na realidade, as coisas funcionam exatamente ao contrário. Se você deixa as pessoas fazerem o que querem, elas não farão coisas boas espontaneamente – como temos visto no estudo da psicopatologia. Temos que prestar atenção a esse aspecto mais espiritual.

Cláudia: Sim, ‘mão invisível’, de fato. Parece que a mão invisível da qual Smith falava era a do demônio, porque é isso que está realmente controlando nossa sociedade. E provavelmente as pessoas pensam que este é o momento em que estamos livres para fazer o que quisermos. Mas sejam cuidadosos, porque esse é o caminho para a entropia e a morte. Fazer o que quisermos é na verdade agir contra o nosso ser. Egoísmo, inversão, narcisismo, arrogância, esquecer dos outros e fazer coisas somente para si mesmo – esse é o caminho para a morte, para a doença, o sofrimento, a ansiedade, a solidão e a decadência. Este é o resultado de fazermos o que quisermos, em oposição ao nosso ser. Fomos enganados, vocês sabem. Estamos vivendo numa grande mentira que Satanás trouxe para Adão e Eva, e que está continuando hoje em dia nas nossas vidas diárias.

Cesar: Quando Keppe diz que a Física pode nos ajudar a entender a psicologia dos humanos, eu penso no fenômeno

do elástico. Se esticarmos um elástico além de um certo ponto, ele perderá sua habilidade de voltar ao normal. Os seres humanos não deveriam pensar que podem deixar a rédea solta para qualquer comportamento e depois voltar ao normal quando desejarem. Nossa estrutura psicológica é limitada. Não podemos fazer tudo o que quisermos porque, após um determinado ponto, não seremos mais capazes de retornar ao nosso estado original.

CONTINUAÇÃO DO LIVRO *A NOVA FÍSICA*, DE N. KEPPE

Aharonov-Bohm explica o efeito elétrico através de potenciais; estes são apenas números e não têm realidade metafísica, pois afirmam que os sentidos estão subordinados às ideias errôneas – o que mostra a teomania do ser humano. O potencial seria equivalente ao inconsciente, algo criado pelo homem (e ao contrário do ato) porque coloca a ideia ilusória acima da realidade.

A existência da neurose pode ser caracterizada pela atitude humana de não querer ver que carrega problemas. O processo básico de análise consiste em descobrir empecilhos, para, na medida do possível, resolvê-los; em minha experiência clínica desde 1956, tenho notado que a principal característica neurótica é o desejo de não lidar com as dificuldades da vida. Posso afirmar que tal comportamento importa em um estancamento geral da personalidade, e essa inércia poderá ser vista como sendo uma tentativa de impedir qualquer movimento, desde que todo objeto está em um turbilhão de ação; portanto trata-se de uma oposição às vibrações que formam a vida.

COMENTÁRIOS

Cláudia: Vocês podem ver que se uma pessoa acha que está estressada porque ela está trabalhando demais, isso só poderia ser verdade se o trabalho tivesse visado propósitos egoístas, mas não se o trabalho foi para o bem. O trabalho para o bem tem uma boa vibração ligada a ele. O trabalho bom é uma manifestação da verdade, da bondade e do amor, os quais nos alimentam. Algumas vezes vocês veem pessoas que são realmente idosas, mas que parecem jovens de alguma maneira – especialmente aquelas que são muito dedicadas a fazer coisas para os outros, que são generosas, otimistas, que têm corações e mentes elevados e bom humor.

Participante: Por outro lado, podemos ver pessoas que ficam exaustas mesmo quando estão fazendo o que nós chamaríamos de um trabalho bom. Isto deve ser indicação de uma resistência de alguma maneira, certo?

Cláudia: Sim, isso é resistência, é como fazer as coisas com os freios. Há outro engano a considerar também. Estou vendo uma ideia muito invertida surgindo das ideias de alguns desses teóricos da Europa, sobre lazer produtivo, o que chamam de ociosidade produtiva. Eles estão apresentando essas teorias elaboradas sobre como a humanidade alcançou um ponto onde deveríamos aprender como viver no ócio e que essa inatividade seria produtiva e muito saudável. Essa ideia vem desses países ricos, os quais, de alguma maneira, encontraram um modo de explorar os outros países; assim, eles têm um bom padrão de vida e podem ser mais ociosos do que outros povos. Provavelmente, é por isso que vemos pessoas em outros países que são muito mais saudáveis mentalmente do que muitas no Primeiro Mundo, para não falar mais felizes. Todos precisamos continuar trabalhando. Muitos de nós não temos essa “oportunidade” de estar no ócio em que o Primeiro Mundo se encontra agora.

É por isso que vemos um enorme crescimento da depressão, da dependência de drogas, da infelicidade e da fadiga crônica nesses países no momento. Quanto menos eles trabalham, mais fatigados se sentem; eles têm esgotamento nervoso porque estão fazendo coisas contra seus seres. Esses tipos de coisas são totalmente contra a nossa natureza.

Participante: Existe um fenômeno interessante que você observa quando trabalha com crianças pequenas. Suas mães estão sempre tentando pará-las. É algo a se perceber; as crianças estão vibrando todo o tempo. Elas estão aprendendo, estão tocando as coisas, precisam ver tudo. E elas não conseguem só andar para qualquer lado, elas estão sempre correndo. As de um ou dois anos de idade estão sempre com suas mães gritando, “Pare, pare! Você não pode simplesmente parar?” A sociedade está nos forçando a esse ponto de parar a vida e a energia. Nos dias atuais, quando as crianças atingem os seis anos, elas já estão paradas.

Cláudia: E tomando drogas.

Participante: E assistindo TV, sem aprender, sem trabalhar, sem vibrar com essa energia escalar. Isso está fazendo com que as crianças fiquem muito neuróticas hoje em dia.

Alex: Acabei de me lembrar de um artigo que li recentemente, que diz que quando você assiste TV seu cérebro fica quase parado. Na verdade, fica mais parado do que quando você está dormindo.

Participante: É obviamente por isso que nos sentimos como zumbis quando assistimos televisão. É completamente passivo. É uma experiência terrível assistir muita televisão.

Cláudia: Você pode se sentir inclusive completamente demonizado, irritado, intransigente ou mesmo paranoico depois de algumas coisas que assiste na televisão ou em vídeos.

CONTINUAÇÃO DO LIVRO *A NOVA FÍSICA*, DE N. KEPPE

Tanto o método dedutivo da Filosofia como o indutivo da experimentação científica não é suficiente, por causa da falha humana na percepção; e nem mesmo um método misto dos dois seria satisfatório, por causa da mesma questão: a patologia humana. Não é só o fenômeno dedutivo científico que explicará a realidade, mas principalmente a cabeça do indivíduo, que necessariamente tem de estar orientada de acordo com as leis da natureza, para que estabeleça harmonia com a verdade. A maior parte dos indivíduos usa as ondas betas, no sentido único de descarregar as emoções; poucos usam as alfas para compreender e lidar com as verdadeiras necessidades da vida.

Quem tem muita raiva de trabalhar não é porque a ação provoque tal sentimento, mas é através da ação que manifesta o ódio em que vive; por este motivo muitos não conseguem agir, ou quando se põem em atividade estragam tudo: acidentes e erros graves. O ser humano não gosta de enxergar o que é bom porque teria de ver também o que é ruim, por causa da imediata comparação que estabelece entre um e outro; deste modo, permanece o tempo todo distante da verdadeira realidade (que é boa), perdendo tempo precioso de sua existência.

Para a produção de eletricidade tem de haver um movimento inicial (que nas usinas hidroelétricas é produzida pela queda de água) para fazer a turbina rodar, juntamente com o magneto dentro do rolo de arame; na vida psíquica acontece o mesmo: o primeiro movimento é dado pelo sentimento e a ideia, que entram em contato com o elemento energético externo (energia escalar), levando o ser humano a se relacionar com as forças exteriores boas ou

más. As leis naturais seguem sempre o mesmo princípio, sejam as do campo físico ou psicológico (espiritual).

COMENTÁRIOS

Cláudia: Antes de nos despedirmos hoje, eu queria lembrar-lhes para que prestem atenção ao primeiro movimento que vocês fazem ao acordar. O que você está sentindo? Em que você está pensando? Está pensando em Deus e em fazer o bem durante o dia? Está pedindo a Deus para lhe dar energia para ser bom e realizar algo? Tem vontade de trabalhar para a realização da criação e da verdadeira finalidade na sua vida ou está negativo, pessimista, raivoso, triste e deixando esses sentimentos dominarem você? É nesta primeira onda de sensações e sentimentos que precisamos prestar atenção a cada manhã. Como eu disse antes, fazer o bem requer esforço e ir contra a nossa vontade. Temos que nos esforçar primeiro, mas, mais tarde, as coisas correm mais suavemente, porque somos capazes de captar essa energia escalar, essencial, da qual temos falado bastante nessas teleaulas. Nossos primeiros movimentos, pensamentos e sentimentos são difíceis, mas se estivermos orientados corretamente, seremos capazes de captar bem a energia essencial.

Talvez todos vocês tenham um modo de iniciar o dia. Eu espero que sim, porque deveríamos pensar em dar glória a Deus, e se você de fato quiser fazer isso através de suas boas ações, se sentirá glorificado nEle. Isso não é teoria, mas uma perspectiva e abordagem muito práticas para a vida. O que irei fazer hoje para melhor dar glória a Deus? Este é o propósito de nossas vidas. Dar glória a Deus é realmente energético e estamos explorando como isso funciona na Física - a Física Trilógica, que inclui a nossa parte psicológica.

SUPERANDO OS DELÍRIOS COTIDIANOS EM QUE VIVEMOS!

OVERCOMING THE DAILY DELIRIUMS WE LIVE IN!

Marc André R. Keppe¹

RESUMO

Neste artigo, o autor demonstra a possibilidade de superarmos os delírios cotidianos nos quais todos nós vivemos; seja de maneira consciente, ou inconscientizada. O método utilizado é o da observação de casos clínicos e a investigação profunda da área de psicopatologia.

ABSTRACT

In this paper, the author shows us that it's possible to overcome the daily deliriums we all live in, consciously or unconsciously. The method used is observation of clinical cases and a deep investigation into psychopathology..

DELÍRIOS COTIDIANOS?

Meu pai, o psicanalista Norberto Keppe, fala muitas frases geniais, que só quem convive com ele tem a valiosa oportu-

1. Doutor em Psicologia pela USP e Mestre em Psicossomática pela PUC. Psicanalista e Psicólogo.

tunidade de ouvi-las. Em algumas ocasiões ele observa que algumas pessoas *vivem no delírio*, ou seja, vivem imersas em seus delírios. Tal observação me despertou a motivação de pesquisar este assunto e verificar em qual extensão cada um de nós vive imerso em delírios. Realizei esta pesquisa, tanto pela observação de casos clínicos, quanto pela investigação profunda na área da psicopatologia.

- 1) **O que é delírio?** – Segundo o Doutor em Medicina Isaías Paim, em seu livro *Curso de Psicopatologia*: “Alguns autores atribuem à origem do delírio a **perda do juízo de realidade**. Que significa isto?⁸” O **juízo de realidade**: ‘É a capacidade humana de discernir o real do irreal. Em virtude desta capacidade podemos separar o que é a verdadeira realidade daquilo que é fruto de nossa imaginação’ (Goás)⁸. Quando a pessoa perde seu **juízo de realidade**, ou o seu *senso de realidade* não consegue mais separar a realidade da fantasia; confundindo o mundo real, tal qual se apresenta, com as suas próprias imaginações. Imersa em seus delírios, a pessoa confunde a realidade com as suas próprias fantasias.
- 2) **Só os loucos deliram?** – Popularmente chamados de *loucos* e, no passado, denominados *doentes mentais*; alguns indivíduos que demonstram mais os seus *delírios* são atualmente conhecidos como *psicóticos*. Tais pessoas mostram mais a sua confusão entre realidade e fantasia e, por este motivo, acredita-se que somente elas apresentem *delírios*. Na definição atualizada do DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – 5ª Edição), a *psicose* é descrita no item *Espectro da Esquizofrenia e Outros Transtornos Psicóticos*, da seguinte forma:

“O espectro da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos inclui esquizofrenia, outros transtornos psicóticos e transtorno (da personalidade) esquizotípica. Esses transtornos são definidos por anormalidades em um ou mais dos cinco domínios a seguir: delírios, alucinações, pensamento (discurso) desorganizado, comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal (incluindo catatonia) e sintomas negativos”.

Portanto, muitos acreditam que apenas os *psicóticos* deliram e as demais pessoas da população, tidas como normais, não confundam realidade com fantasia e, portanto, estão livres completamente dos delírios. Mas, as observações clínicas vêm demonstrando que a ideia de que apenas os *loucos*, ou *psicóticos* deliram pode estar equivocada.

Desde pequeno venho acompanhando os estudos da psicanálise e da psicopatologia, pois assistia as palestras do meu pai, Norberto Keppe, nas cidades do interior do estado de São Paulo. Meu pai foi um grande divulgador da psicanálise no Brasil, em uma época na qual o conhecimento da psicanálise era bastante limitado. Enquanto ele proferia a palestra, eu ficava no fundo da sala, para distribuir as apostilas, que naquela época eram feitas no mimeógrafo; com aquelas letras roxas e aquele cheiro de álcool característicos. Eu também vendia os livros, que naqueles idos tempos eram: *A MEDICINA DA ALMA*⁵ e *PSICANÁLISE INTEGRAL*⁶, para um público grande, de 100 a 500 pessoas, em cada palestra.

Me lembro claramente de uma estória que ele contava, para diferenciar os *psicóticos* dos *neuróticos*, história esta que ilustra, como poucas, a diferença entre os *psicóticos* (que manifestam mais seus delírios e alucinações) e os *neuróticos*

(considerados mais “normais”). Ele dizia que: “Os neuróticos constroem ‘castelos no ar’, e que os psicóticos “moram neles”, enquanto os psiquiatras cobravam aluguel”. Ou seja, os neuróticos, “construindo castelos no ar” também produziam delírios, mas teriam a consciência de que tais imaginações seriam apenas *fantasias*, ora acreditando nelas, ora desacreditando. Enquanto isto, os psicóticos viveriam dentro deste mundo de fantasias, ou delírios; confundindo a realidade com a imaginação. Desta forma, os *psicóticos* não seriam tão diferentes do restante da população, considerada mais “normal” e apenas teriam mais convicção de seus delírios do que o restante da população.

TIPOS DE DELÍRIOS MAIS COMUNS

Para exemplificar o que é um delírio, podemos descrever os tipos de delírios mais comuns, que são observados na prática clínica:

- 1) **Delírio de grandeza** – ou megalomania, definido por Norberto Keppe como teomania (mania de ser deus). Enquanto alguns psicóticos demonstram claramente tal delírio, quando afirmam ser grandes personagens históricos, como: Jesus Cristo, Napoleão ou Joana D’Arc; os neuróticos demonstram esta mania de grandeza de modo mais sutil, atribuindo-se grande importância ou relevância. A diferença é sutil, mas ambos se atribuem muita grandeza e importância.
- 2) **Delírios de perseguição** – muito comum na paranoia, que é um tipo de psicose, bem definida por Jean Bergeret, em seu livro A PERSONALIDADE NORMAL E PATOLÓGICA²:

*“Os pacientes “paranoicos” sempre constituíram, para os psiquiatras, um grupo de doentes apaixonantes, porém temíveis; apaixonantes, por buscarem atrair a atenção e convicção com poderosos meios afetivos; temíveis, por recusarem-se fervorosamente a dobrar-se à vontade curadora do terapeuta, mais ou menos claramente impregnado de um desejo de onipotência. A etimologia da paranoia, **para-nous**, enuncia que se trata daquele que tem ‘o espírito voltado contra’²”.*

O delírio de perseguição, seja no caso clínico da paranoia, seja em outro caso, se caracteriza pela sensação constante de ser perseguido, que o indivíduo apresenta. Mas, na sociedade atual, com tantas perseguições reais, seja de psicopatas, como de criminosos, ou de sádicos que fazem o conhecido *bullying*; é mais difícil identificar quando o indivíduo se refere a uma perseguição imaginada, ou delirante e quando se refere a uma perseguição real. A confusão entre sensação de perseguição real ou fantasiosa é comum nos paranoicos; mas também é muito corriqueira nas pessoas consideradas mais “normais”. A única diferença é que os mais “normais” ingressam e saem destas fantasias (destes “castelos no ar”), enquanto os psicóticos permanecem mais tempo nelas (“moram” nelas). Desta forma, já estamos verificando que os delírios fazem mais parte do nosso cotidiano do que pensávamos à princípio.

- 3) Delírios de ciúmes** – A palavra ciúmes tem sua origem no termo latino *zelumen*, que por sua vez é derivada também do latim *zelus*. A pessoa muito ciumenta tem grande zêlo pelo seu parceiro, ou sua parceira afetiva. Mas, no que diz respeito ao *delírio*

de ciúmes, talvez aqui, finalmente, percebamos melhor os nossos delírios da vida cotidiana. De vez em quando temos a certeza de que nosso parceiro, ou nossa parceira afetiva está nos traindo, sem qualquer prova, ou indício palpável. É claro que traições realmente existem, mas, em várias circunstâncias, temos a convicção de que há uma traição, quando, na realidade, não há infidelidade nenhuma. Algumas pessoas, quando verificam os fatos, percebem que estavam fantasiando; mas outras mantêm a imaginação firme e convicta, mesmo que não haja qualquer indício razoável de traição. Neste tipo de *delírio* somos muito semelhantes aos psicóticos e podemos perceber que deliramos mais do que gostaríamos de admitir. Então nós também deliramos? Não são apenas os *loucos* que deliram?

COMO SUPERAR OS DELÍRIOS COTIDIANOS?

O psicanalista britânico Wilfred Bion afirmou que todos nós temos uma PPP, ou parte psicótica da personalidade. Ou seja, mesmo que o nosso orgulho e narcisismo fiquem feridos com esta informação, precisamos considerar que “temos um louco morando dentro de nós”. E como este *louco* se manifesta? Através de nossos delírios, sejam de grandeza; sejam de perseguição; sejam de ciúmes. Mas, se não percebemos esta PPP – parte psicótica da personalidade, como podemos lidar com ela e sair dos delírios, ou “castelos no ar”, que nós próprios construímos? A resposta à esta pergunta está no método de conscientização, que nos permite enxergar os nossos aspectos inconscientizados. A partir desta conscientização dos nossos delírios, de nossa paranoia e da nossa megalomania (teomania) conseguiremos sair, um pouco mais, dos “castelos no ar” que construímos e viver, um pouco mais, com

“os pés no chão”. Parafraseando Norberto Keppe: “Quem conscientiza mais a própria loucura tem condições de viver mais a sanidade”. Ou, quem sabe, parafraseando Platão: “Precisamos purificar a nossa alma, percebendo os problemas da *existência*, para voltarmos a viver a nossa *essência*, que é a Beleza, a Bondade e a Verdade.

REFERÊNCIAS

1. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, *DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª Edição*. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2014.
2. BERGERET, J. *A Personalidade Normal e Patológica*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas Sul, 1998.
3. KEPPE, MA. *Método Transdisciplinar de Pesquisa, Tabacologia e Teste*. Saarbrücken, Ed. Novas Edições Acadêmicas, 2017.
4. KEPPE, MA. *O Paradigma da Trilogia Analítica Para Esta Nova Época Pós-Pandêmica*. Revista de Psicanálise Integral. 2020; 30(34): 23-32.
5. KEPPE, N. *A Medicina da Alma*. São Paulo, Ed. Hemus, 1967.
6. KEPPE, N. *Psicanálise Integral*. São Paulo, Ed. Atlas, 1963.
7. KEPPE, N. *Terceiro Milênio: A Era da Consciência*. Revista de Psicanálise Integral. 1983; 6(12): 5-16.
8. PAIM, I. *Curso de Psicopatologia*. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, 1993.

**DIALOGIA ENTRE A PEDAGOGIA E TEOLOGIA DA
ESPERANÇA NA FORMAÇÃO DOCENTE
– SOB UMA PERSPECTIVA TRILÓGICA**

**DIALOGY BETWEEN PEDAGOGY AND THEOLOGY
OF HOPE IN TEACHING TRAINING UNDER A
TRILOGICAL PERSPECTIVE**

*Bruno Pontes da Costa*¹

RESUMO

O presente estudo se constitui numa proposta de contribuição da Esperança no processo de formação docente a partir da pedagogia e da teologia, culminando na psicanálise. A esperança teológica e antropológica como eixo temático nas obras de pensadores relevantes do século XX, Paulo Freire e Jürgen Moltmann, se constitui em fundamental caminho para ressignificar e revitalizar a reflexão no seio da formação docente face à crise atual a qual o conhecimento humano se

¹ Doutor e mestre em Ciências da Educação pela Absolute Christian University (Orlando) e em Teologia pela FEST, Especialista em Ética, Subjetividade e Educação e Bacharel em Teologia pelas Faculdades EST, Bacharel em Ciências Sociais pela University of Dublin (Califórnia), Licenciado em Pedagogia e Letras Clássica (Grego e Latim) pela UFPB, CSS em Segurança Pública e Privada (FIB). Avaliador do sistema BASis do Ministério da Educação (MEC) para os cursos de Pedagogia, Teologia e Segurança Pública.

encontra. Assim, este texto se apresenta como o lançamento de alguns pilares dialógicos para a construção de uma ponte entre a teologia e a pedagogia da Esperança para contribuição na formação de professores a partir da trilogia analítica, para que estes recuperem todo o significado ou uma ressignificação da prática da docência proposta pelo método trilógico de Noberto Keppe.

Palavras-chave: Trilogia, pedagogia da esperança, teologia da esperança, formação de professores.

ABSTRACT

The present study constitutes a proposal for the contribution of Hope in the process of teacher education based on pedagogy and theology, culminating in psychoanalysis. Theological and anthropological hope as a thematic axis in the works of relevant thinkers of the 20th century, Paulo Freire and Jürgen Moltmann, constitutes a fundamental path to re-signify and revitalize the reflection within the teacher formation in the face of the current crisis in which human knowledge is. Thus, this text presents itself as the launching of some dialogical pillars for the construction of a bridge between theology and the pedagogy of Hope to contribute to the formation of teachers from the analytical trilogy, so that they recover all the meaning or a new meaning of the teaching practice proposed by Noberto Keppe's trilogical method.

Keywords: Trilogy, pedagogy of hope, theology of hope, teacher education.

1 INTRODUÇÃO

É explícita e indiscutível a existência de uma crise na profissão e formação docente. Ela se evidencia cada vez mais pela baixa autoestima destes profissionais em seu exercício, pela sua baixa eficácia, pela tímida intervenção social dos docentes, pelo número crescente de diversas patologias entre professores, pela desilusão e renúncia em verem na sua profissão um instrumento de transformação social, pela diminuição na busca dessa formação entre as novas gerações, pela degradação da imagem social do professor, sem falar da baixa valorização econômica desses profissionais. Este quadro de crise da profissão docente se constitui num dos fenômenos mais desafiador na formação de professores na atualidade.

Diante desta cinemática do trauma, a(s) resposta(s) aos desafios não serão proposições isoladas de uma ou duas áreas do conhecimento, mas, multidisciplinar e integral. Sem dúvida alguma passam por uma nova racionalidade, por concepções ideológicas claras, por planejamentos políticos e técnicos, por teorias de ensino e aprendizagem, por uma sinergia entre a Ciência da Educação e as outras áreas do conhecimento, como do autoconhecimento.

Segundo Sá-Chaves¹² a situação de crise e o discurso sobre a mesma não é generalizável a todos os profissionais, pois existem casos pessoais de ruptura com esta realidade. As alternativas de confrontação com a crise devem levar em conta os fatores estruturais, culturais, “prazerosidade” no ensinar, a serenidade e a satisfação pessoal dos muitos professores que se desdobram e superam toda sorte de obstáculos para proporcionar aos seus educandos o acesso a um conhecimento crítico, reflexivo e emancipatório.

Isso significa refletir criticamente, desde o processo de formação, sobre os tipos de conhecimento profissional e as estra-

tégias de formação que sejam motivadoras e potencializadoras do desenvolvimento pessoal, espiritual, social e profissional. No contexto dos desafios da educação para o século XXI os professores precisam mais do que nunca terem domínio sobre o papel determinante das dimensões ecológicas, social, pessoal e cultural na construção de um conhecimento profissional que facilite a compreensão da realidade nas vertentes da(s) complexidade(s), das incertezas e da ambiguidade que caracterizam os atos educativos.

E isso também passa pelas questões subjetivas, dentre as quais uma das questões fundamentais é a Esperança.

A esperança é subjetiva. Está dentro de cada sujeito como forma necessária de sobrevivência em menor grau, e como um claro impulso para os avanços humanos e busca de objetivos transformadores da realidade em maior grau.

Pois a esperança tem estreita relação com ausência e carência e um ativo compromisso com a fé. Ela tem referências com a falta de algo para o sujeito ou sujeitos e, por isso, produz a convicção

Além disso, a esperança se transforma em redes de energia (sinergia/ressonância) capazes de mobilizar outras pessoas em favor da superação da crise, seja ela interna ou social.

2. METODOLOGIA

Nossa proposta tem como objetivo investigar a contribuição da Esperança (ἐδβò) como instrumento de transformação na formação de um docente integral, como capacitação para o enfrentamento das complexidades e patologias que a sociedade atual exige e experiencia em suas relações políticas, das

funções docentes no contexto educacional, através de uma breve pesquisa exploratória bibliográfica, que, segundo

Gil⁶, “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Desse modo, o artigo focaliza as obras fundantes do conceito *elpicêntrico* (do grego elpis – esperança: conceito centrado na esperança enquanto ação), a partir dos principais pensadores das três grandes áreas em análise: **Teologia, Pedagogia e Psicanálise**. Tal proposta abordará uma perspectiva hermenêutica e dialógica da esperança como método de diálogo entre as ciências e na construção de uma crítica humanizada e objetiva na construção de valores para a formação de professores integrais.

Por um lado, trataremos de uma esperança pensada e articulada no seio de duas áreas do conhecimento imbricadas historicamente, a teologia e a pedagogia. Expondo a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann, e da Pedagogia da Esperança, de Paulo Freire, como fonte de possibilidades na formação cidadã e crítica humana. Por outro lado, a síntese da hermenêutica trilogica do Físico e Psicanalista Noberto Keppe, nas obras A Trilogia Analítica e A Libertação.

Objetivamos assim, um fazer teológico e pedagógico da esperança, aproximando a teologia e a pedagogia com a psicanálise como perspectivas dialógicas ante a esperança e como contribuição fundamental na formação docente e aos desafios da educação no século XXI e sua completude a partir da proposta da trilogia analítica na integralidade humana de sua formação como ente multifacetado.

3 . A DIALOGIA DA ESPERANÇA

3.1 A TEOLOGIA

A Teologia da Esperança, obra clássica de basilar para teologia da libertação e da missão integral, foi produzida pelo protestante Jürgen Moltmann um dos principais teólogos do século XX, ainda vivo e reflexivo neste início de século XXI. Nascido em 1926, Hamburgo, na Alemanha. Foi prisioneiro num campo de concentração inglês. Estudou teologia, tornando-se pastor da Igreja Luterana. Em 1967 tornou-se professor de teologia sistemática na Universidade de Tübingen. Como professor de teologia e pesquisador tornou-se o criador da *Teologia da Esperança*.

Nesta obra publicada em 1964, e que o tornou conhecido como um dos grandes teólogos do século XX, desenvolveu as idéias da realização do Reino de Deus como promessa fundamental da Sagrada Escritura cristã e sua mensagem querigmática. Nela afirma a importância da escatologia na doutrina bíblica do Novo Testamento; uma escatologia de fé e ação, não como crença em fatos concretos remetidos para os finais dos tempos, mas, como um impulsionador para a teologia que sustente a ação cristã no mundo de hoje e de sempre.

Enquanto para os gregos a esperança sai da “Caixa de Pandora” ou, segundo Aristóteles, o “*sonho de quem está acordado*”, para a teologia e a filosofia cristã a esperança é a fala escatológica do futuro com Jesus Cristo encarnado (ἐϋαῖος - Logos, do grego: Razão, Palavra, Jesus)¹⁰.

Neste sentido, ela trabalha a realidade da ressurreição de Jesus Cristo e anuncia o futuro do ressuscitado, produzindo assim, uma fé apoiada na esperança. Que segundo o próprio Moltmann, “[...] *por meio da fé, o homem entra no caminho da verdadeira vida, mas, somente a esperança o conserva neste caminho*”¹⁰.

Essa fé nada tem a ver como um escapismo ou fuga do mundo ou da realidade social encontrada, com resignação ou desistência de lutar em favor da vida. A fé apoiada na esperança leva o ser humano a se envolver, a se implicar com a realidade suas ações e consequências. Pela fé a esperança luta por uma realidade corporal e terrena, pois crê na revivificação (ressurreição) corporal. Daí que, aquele que possui esta esperança não mais se satisfaz com as leis e as necessidades desta terra, mas na busca permanente de sentido no processo de transformação pessoal e da humanidade.

Não se acomoda diante da inevitabilidade da morte, nem aceita que os males que geram outros males sejam vistos como naturais e imutáveis, uma vez que nenhuma mal é necessário. Esperança que não traz quietude, mas inquietude; não traz paciência, mas impaciência; não acalma o coração, mas é o próprio coração inquieto no ser humano.

“Quem espera em Cristo não pode mais contentar-se com a realidade dada, mas sofre por causa dela e começa a contradizê-la”¹⁰.

Em uma aula expositiva na Europa em 2004 o próprio Moltmann fez um balanço dos quarenta anos de sua Teologia da Esperança. Para ele a Teologia da Esperança foi ressignificada nos movimentos teológicos contextualizados, que buscaram evidenciar o sofrimento humano, tanto no “terceiro mundo”, como em países ditos desenvolvidos.

Além disso, fruto da teologia da esperança e da necessidade missiológica de transformação social a partir da ação cristã de um homem integral, surge no Brasil evangélico contemporâneo a Teologia da Missão Integral, como consequência da produção da esperança em uma sociedade corrompida e alheia a sua missão enquanto igreja (pobres e viúvas).

Neste balanço, Moltmann ainda chama atenção para uma grave situação que se implantou nas últimas décadas e que alavanca a esperança, que é a libertação. Para o próprio teólogo, os cursos universitários se tornaram meramente cursos profissionalizantes e desumanizados, tornando-se agências para o desenvolvimento de competências.

Assim, desaparece do estudo a curiosidade, o interesse pelo objeto, o prazer do conhecimento, a investigação científica, a reflexividade e a autonomia do pensamento crítico a liberdade de expressão e da fé. Tudo se resume hoje ao desenvolvimento de competências técnicas para o trabalho apenas.

3.2 A PEDAGOGIA

A Pedagogia da Esperança, por sua vez, base da educação brasileira, protagonizada por Paulo Freire, considerado um dos mais importantes educadores do século XX, influente escritor na área da pedagogia, principalmente na discussão sobre a relação teoria e prática da educação crítica, Paulo Freire, nascido no Recife em 1921 e falecido em 1997, impactou a educação latino-americana e mundial com sua obra *Pedagogia do Oprimido*, na qual direciona sua pedagogia libertadora para o ser humano como sujeito da História e não um mero objeto, coadjuvante, através da ação pedagógica centrada no diálogo e na experiência de vida e de mundo.

Para Freire, o povo sempre foi vítima do autoritarismo e do paternalismo oriundo de uma tradição colonial e escravista. Estabelece uma identificação clara com os oprimidos e excluídos, com aqueles que não têm vez e nem voz. Nesta obra inaugural da sua pedagogia libertadora, cuja publicação se dá em 1970, menos de um ano antes da Teologia da Liberta-

ção de Gustavo Gutierrez, evidencia a visão antropológica de Freire.

Nela trabalha uma visão de ser humano a partir da qual procura explicar a realidade do mundo estruturado cultural e socialmente de forma alienante e opressora. Faz a crítica à pedagogia dominante que está fundamentada em uma concepção bancária de educação, na qual predomina um sujeito da educação que é o educador, transformando os educandos em depositários do saber opressor e alienante do mestre.

Concomitantemente apresenta sua proposta de uma transformação cultural humanista e libertadora, que deve atingir todas as pessoas, tanto os opressores quanto os oprimidos. Para Freire a natureza humana é uma gestação histórica, o que significa que o ser humano é um ser em constante construção, um ser inacabado. E é na consciência deste seu inacabamento que o ser humano busca se tornar mais ser humano.

Entretanto, tal postura de busca esbarra nos condicionamentos históricos, políticos e econômicos do Brasil, mas, sua teoria não estagna num destino fatalista, pois a história é sempre dinâmica, passível de câmbios. A história é feita pelos próprios seres humanos que precisam se adequar as condições apresentadas de forma adaptativa e mutante.

Em 1992 Freire retoma sua Pedagogia do Oprimido numa reflexão que analisa suas andanças, histórias vividas e experienciadas, e os temas provocados pela pedagogia do oprimido feita práxis durante anos de luta no campo teórico, prático, político, pedagógico e social. Desse reencontro com sua obra principal nasceu a Pedagogia da Esperança. Nela reivindica a esperança como fundamental para a ação educadora.

“A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quão indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnoseológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica.”³

Por isso defende a necessidade da formação científica continuada dos trabalhadores em educação para que as práticas democráticas se mantenham e renovem permanentemente. Reafirma a educação centrada no aluno como sujeito de sua aprendizagem, e convoca os educadores progressistas à coerência para com o sonho democrático de uma sociedade liberta, sempre respeitando o ser e o saber dos educandos.

“Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza.

Esta é uma esperança que nos move³”.

Seus escritos posteriores sempre trarão junto o tema e a importância da **Esperança**, como a que expressa na obra *Pedagogia da Indignação: A matriz da esperança* é a mesma da educabilidade do ser humano: o inacabamento de seu ser

de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é a educação.

Mas, precisamente porque nos achamos submetidos a um sem número de limitações – obstáculos difíceis de serem superados, influências dominantes de concepções fatalistas da História, o poder da ideologia neoliberal, cuja ética perversa se funda nas leis do mercado – nunca, talvez, tenhamos tido mais necessidade de sublinhar, na prática educativa, o sentido da esperança do que hoje. Daí que, entre saberes vários fundamentais à prática de educadores e educadoras, não importa se progressistas ou conservadores, se salienta o seguinte: *“mudar é difícil, mas é possível”*⁴

Esta esperança paradoxal que brota da pedagogia de Freire não se resume aos países pobres ou em desenvolvimento. Numa perspectiva planetária, no Norte rico faz-se também uma releitura de sua obra, o que fica expresso na fala de Joachim Dabisch: *“A pedagogia de Freire traz esperança aos oprimidos e oprimidas de incontáveis países do mundo, aos que buscam uma vida mais digna”*².

É a esperança de que os políticos dos estados pobres e ricos cumpram sua responsabilidade e que os povos das nações do Primeiro Mundo tomem cuidado para que a sua riqueza não termine em uma ajuda humanitária fracassada e em condições de vida miseráveis. A esperança de uma educação transformacional de reconhecimento de incapacidades e limitações que podem ser superadas no amálgama do aprendizado e diálogo permanente por libertação e consciência cidadã.

3.3 A PSICANÁLISE

A Trilogia Analítica ou Psicanálise Integral é a união da Teologia, Filosofia e Ciência. Freud deve ser reconhecido como um dos maiores gênios da humanidade, pois trouxe a possibilidade de tratamento dos males psíquicos, desconhecidos até o advento da Psicanálise no século XX. Tal descoberta foi extremamente importante para a humanidade, pois além de tratamento, o faz de maneira ímpar por simplesmente usar de dialética, diálogo, onde o próprio paciente descobre a verdade em seu interior.

Noberto Keppe, brasileiro descendente de europeus, psicólogo e físico passa a viver na Europa em meados dos anos 70 e 80 e tornou-se psicanalista nas Escolas de Viena (Freud, Adler e Victor Frankl) e, desde o início de sua carreira, percebeu a necessidade de expandir a abrangência da psicanálise. Uma necessidade de torná-la mais interdisciplinar, mais completa, integral, com a finalidade de tratar melhor do ser humano.

Assim, a Psicanálise Integral, que integra vários campos do saber, ampliou sua abrangência propondo que:

3.3.1 O ser humano possui uma estrutura psíquica de captação da realidade à sua volta que se faz pelo **Sentimento** (Amor), com a intuição, fé, sonhos e *insights*. Ou seja, o Sentimento é manifesto quando nos inspiramos para escrever uma poesia, ou uma carta de amor, ou quando nos emocionamos com uma obra de arte, ou com a visão paradisíaca de uma cena da natureza, ou ainda com o sorriso de uma criança. Trata-se de um sentir fino, discreto, suave, que é próprio da poética, da arte, do amor, de momentos de abstração e intuição.

Neste campo do Sentimento, a ciência que contribui melhor para uma expansão da Psicanálise é a Teologia, que, de alguma forma, engloba o Sentimento humano de Amor, tratando daquele estrato mais íntimo, profundo e discreto, que é a fé, que está em um nível muito tênue de percepção. É próprio do psiquismo, pois depende justamente da profundidade da consciência, como que um lugar onde o Criador habita. Daí, a Teologia integrar a Trilogia Analítica.

3.3.2 Outro componente desta estrutura psíquica é o **Pensamento** (Razão), que tem de se unir ao Sentimento, para que haja o verdadeiro pensar, como escreve N. Keppe: *“a união do pensamento com o instinto resulta na censura, mas com o sentimento aparece a intuição, que é a verdadeira maneira de pensar”*⁷. Diante de uma obra de arte, por exemplo, a primeira coisa que surge no ser humano é Sentimento, que pode ser uma alegria, um contentamento amoroso; já diante de problemas lógicos, que exigem certa precisão de tempo e espaço, é preponderante o Pensamento (o logos), porém é sempre pela união destes dois fundamentos (Amor e Razão) que surge a intuição com a compreensão da verdade, que pode ser verificada pela Ação (Experimentação) em seguida desses dois elementos.

No pensamento, a área que melhor engloba este campo do psiquismo humano é a Filosofia, representando a Razão, que igualmente precisa ser unida à Teologia (Amor), e à experimentação (Ação) para que haja equilíbrio. O ser humano é amigo do pensar, precisa da razão para uma vida melhor. Desta forma, a Filosofia também colaborou com a expansão keppeana da psicanálise e juntamente com a Teologia integra a Trilogia Analítica.

3.3.3 O terceiro componente do psiquismo humano que foi reunido à Trilogia Analítica é a **Ação**. Inclusive, a palavra Trilogia está relacionada ao número três, porque reúne os

três campos do psiquismo humano e três campos do saber. O componente da Ação, que aparece na Ciência e nas Artes foi reunido, pois para vivermos com saúde física e mental para nossas realizações precisamos de vibração interna e movimento.

O Universo é vibração e movimento, e o ser humano não foge a esta regra. Um depressivo sem tratamento, por exemplo, pode, passo a passo, reduzir sua vibração e movimentação, ficando mais lento, mais doente. A vibração, o movimento ou ação, verificam-se melhor pelo método científico lhe trazendo consciência e fé em si mesmo e em Deus novamente. A consciência e a esperança em si.

A Trilogia Analítica une Sentimento (Teologia), Pensamento (Filosofia) e Ação (Ciência), sendo que a ação traz o rigor da Ciência e a criatividade das Artes, pela experimentação. Fazendo com que o homem consciente de suas patologias consiga **Esperança** de cura interior e social de forma racional e libertadora.

Uma pessoa não pode viver sua vida com base apenas no Sentimento, por mais belo que seja, ou só no Pensamento, por mais exato e racional que se mostre. É necessária a experimentação, inclusive, balizando sentimento e pensamento como verdadeiros ou falsos.

“O pensamento é um filhote do sentimento, mas pode se intercambiar com a ciência, tornando-se extremamente eficiente. Se ele depende diretamente da primeira posição, não pode dispensar a terceira — mesmo que no tempo permanecesse assim, por determinado período”.

A Psicanálise Integral une os principais campos da existência humana aliados pela esperança de conscientização e de mudança, após uma análise profunda e preocupada com sua multiforme complexidade em uno, assim:



Figura 1: A Trilogia Analítica, segundo N. Keppe

Com base em Teologia, Filosofia, Arte e Ciência reunidas, a Psicanálise Integral explica que o ser humano escolheu livremente viver de maneira autônoma, ou seja, como se ele fosse uma espécie de causa de si mesmo. Quis o homem ser um tipo de deus e, psicanaliticamente falando, esta atitude se denomina teomania.

Desse modo a trilogia consegue enxergar o aspecto da tradução do mundo a partir das patologias sociais e internas, fazendo com que o homem integral (universal e livre) possa agir por intermédio da verdade e da esperança como instrumentos de transformação desse mundo o qual está inserido.

Uma vez consciente de suas doenças e de sua identidade não “divina”, o mesmo consegue sair do estado físico de inércia e se direciona ao trabalho, que é um ato provedor de (re)construção, (re)significação e transformações.

Como criatura, feito para contemplar e viver a obra divina, o ser humano quis também ser capaz de criar outra realidade, fugindo de seu papel cidadão e de suas reais responsabilidades com o outro e a natureza, como explica N. Keppe:

“Desde que nascemos temos a extrema pretensão de criar uma nova realidade, um novo universo, onde imperaríamos como deuses, substituindo tudo o que existe, pelo nosso devaneio. (...) Esta é a grande doença do homem, a sua ambição desmedida, de se fazer um novo criador, “recriando” tudo e todos, mormente a si mesmo – mas numa posição divina e jamais humana. E, através de sua exaltação descontrolada, cai no mais baixo nível, assumindo a conduta dos seres inferiores, os animais e até as plantas (pelo vegetatismo)⁸”.

Como se vê, o ser humano acabou por sentir Inveja de Deus, sendo a Inveja na Psicanálise Integral: “... *“a atitude de estragar o bem que existe na própria vida e na vida dos outros¹¹”*, ou seja, a verdadeira inversão de valores que tam-

bém desemboca na educação de um homem que aprende valores invertidos.

Por esse motivo, o ser humano rejeita o Bem. Tal afirmativa esclarece a dificuldade no processo de ensino-aprendizagem e na formação docente, que sem o devido cuidado consigo mesmo e da saúde mental, não é possível cuidar e passar segurança e verdade ao outro.

Todo ser humano de uma forma ou outra acaba reproduzindo esse gesto de rejeição em sua vida. A partir desta primeira negação ao Bem, o ser humano demonstra viver de forma invertida, ou seja, ao contrário:

“Assim como os nossos olhos captam as imagens de cabeça para baixo para depois serem automaticamente desinvertidas pelo próprio cérebro, nossa percepção também parece captar a realidade invertidamente e, por um motivo ainda não muito claro (provavelmente, devido à inveja pessoal e, principalmente, à social, que influencia muito o indivíduo, desde o nascimento, tanto no sentido de querer destruir a sua felicidade, como no de ensiná-lo a invejar a felicidade alheia). Essa percepção, na maioria das vezes, permanece invertida em nosso íntimo. Isso nos leva a sentir o que é bom como mau e o mal como um bem¹¹”. Neste sentido de conscientização, a psicanálise integral orienta o ser humano ao regresso de sua essência reflexiva que traduz a esperança de reconexão com tudo que é Bom, Belo e Verdadeiro, desde a criação até o avanço da ciência que tem como finalidade o bem-estar espírito-bio-psicossocial.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a aproximação entre pedagogia de Freire e a teologia de Moltmann possibilita um diálogo esperançoso para se (re)fazer a reflexão, superar as contradições, enfrentar e (re)descobrir novas tensões e acrescentar novas dimensões à formação dos professores na busca pela superação da crise docente e dos valores propostas em suas hermenêuticas.

Tal aproximação se sustenta nas inter-relações estabelecidas ao longo da construção da práxis e construção da teoria pedagógica freireana. A pedagogia de Freire sempre esteve imbricada com a reflexão teológica emergente na América Latina, em especial, e mundo afora. A passagem de Freire pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Estar trabalhando no CMI proporcionou o intercâmbio de discussões, diálogos e construção de projetos em conjunto com a teologia em nível mundial. A pedagogia de Freire e a teologia de Moltmann alimentaram teorias libertadoras para ambas as áreas do conhecimento.

“Na época, o Conselho Mundial de Igrejas estava profundamente envolvido com os movimentos de libertação, principalmente nas igrejas e através delas, mas também de organizações que lutavam pela libertação fora do contexto estritamente eclesial, naquilo que se chamava ‘ecumenismo de base’¹⁴”.

Assim, pedagogia e teologia compreendida como uma educação “[...] construída sobre uma visão de ser humano e de sociedade na relação explícita com a fé cristã na perspectiva do Reino de Deus¹³”, se constituem em reflexão interdisciplinar carregada de ressignificações para a educação.

Neste sentido a educação pode resgatar o sentido do ser humano, dos sonhos da humanidade, das utopias sociais necessárias para uma transformação eficaz das estruturas que desumanizam e diminuem o ser humano.

Um diálogo sustentado na Esperança como referencial motor, possibilita refazer a reflexão, superar as contradições, evidenciar novas perguntas e acrescentar novas dimensões à formação docente e do discente com o intuito de superar sua crise e suas patologias sociais.

Em resumo, a dialogia e hermenêutica em pauta, trata sobre a importância e o sentido da esperança, enquanto tema significativo na reflexão teológica de Moltmann, e pedagógica de Freire, oxigena os temas pedagógicos que tratam do papel e da formação do educador, das metodologias, dos modos de aquisição de conhecimentos e na avaliação destes processos formativos, pois seus princípios constitutivos estão imersos dialeticamente nas realidades humanas e sociais, tendo como pano de fundo a pesquisa, o estudo e a ação, o papel do docente e educando como sujeitos e a vida como um sistema dinâmico que requer o entendimento do cotidiano, dos sonhos, dos mitos e das crenças.

O que se “esperancia” neste sentido, é a possibilidade de proporcionar ao

professor durante sua formação docente, a Esperança como método de interpretação e de ação na construção humana e social, mais integrada com a realidade experimentada e vivenciada desse professor/aluno em seu meio e uma conscientização do amor e da habilidade em sentir a necessidade do outro e do mundo diante das crises, levando esse novo profissional integral à uma gestão de conflitos internos e externos pela percepção das patologias envolvidas e da convicção em ser um agente de transformação de realidades – ser professor.

Não se pode educar apenas com palavras ou métodos, sem levar em consideração a realidade, mas, com ações transformadoras que alimentam a esperança individual em uma dialogia significativa que dá sentido na formação humana integral, perpassando pelas emoções e sentimentos (psicanálise), pela fé e o amor (teologia) e na habilidade e competência na construção dos conhecimentos (pedagogia) que transformam vidas em todas as áreas do ser.

REFERÊNCIAS

1. ANDREOLA, BA; RIBEIRO, MB. *Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra*. Estudos Teológicos. 2005; 45(2): 107-116.
2. DABISCH, J. *Uma pedagogia da esperança ou trinta anos depois da Pedagogia do oprimido de Paulo Freire*. São Paulo, Ed. UNESP, 2001.
3. FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1998.
4. FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, Ed. UNESP, 2000.
5. FREIRE, P. *Pedagogia da tolerância/Paulo Freire*. São Paulo, Ed. UNESP, 2004.
6. GIL, AC. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Ed. Atlas, 1999.
7. KEPPE, N. *Trilogia*. São Paulo, Ed. Proton, 1977.
8. KEPPE, N. *A Libertação*. São Paulo, Ed. Proton, 1998.
9. KEPPE, N. *Psicanálise Integral*. São Paulo, Ed. Proton, 2004.
10. MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. São Paulo, Ed. Herder, 1971.
11. PACHECO, CBS. *ABC de Trilogia Analítica*. São Paulo, Ed. Proton, 2016.
12. SÁ-CHAVES, ISC. *A construção do conhecimento pela análise reflexiva da práxis*. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
13. STRECK, DR. *Correntes pedagógicas: aproximações com a teologia*. Petrópolis, Vozes/CELADEC, 1994.
14. STRECK, DR. *Pedagogia no Encontro de Tempos: Ensaio inspirados em Paulo Freire*. Petrópolis, Vozes, 2001.

**A HISTÓRIA À LUZ DA TEOLOGIA DA FÍSICA:
RESSONÂNCIAS DO QUINTO IMPÉRIO
HISTORY IN THE LIGHT OF THE THEOLOGY OF
PHYSICS: FIFTH EMPIRE RESONANCES**

Paulo Roberto Furtado de Azevedo Varejão¹

RESUMO

O principal objetivo desse artigo é estabelecer um diálogo entre a pesquisa histórica e a Ciência Trilógica, tendo como fundo o tema do Quinto Império.

Palavras-chave: História. Teologia da Física. Ciência Trilógica.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to establish a dialogue between the historical research and the Trilogical Science, having the Fifth Empire quest as background.

Keywords: History. Theology of Physics. Trilogical Science.

INTRODUÇÃO

Em seu livro *A Teologia da Física*, o Dr. Norberto Keppe denuncia um erro muito recorrente praticado pelos físicos acadêmicos mais tradicionais, o qual consiste em, ao se ob-

¹ Professor Adjunto IV da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Mestre em História do Brasil pela PUCSP. Pós-graduado em Psicologia Transpessoal pela FACISA-MG e Pós-graduando em Gestão de Conflitos pela FATRI. Bacharel em História pela UFRJ.

servar a estrutura do átomo, focar a sua atenção exclusivamente nos dois elementos extremos da energia escalar – o próton e o elétron – desprezando por completo o papel axial desempenhado pelo nêutron, o qual possui existência e dignidade próprias. Este equívoco se encontra tão entranhado no interior da comunidade científica vinculada ao *mainstream* institucional, que o fundador da abordagem trilógica se viu obrigado a, didaticamente, recolocar as coisas em seus devidos termos, conforme explicitado na seguinte passagem:

“O neutro existe por si, como o terceiro elemento derivador diretamente da energia escalar, não sendo o resultado das duas forças laterais de ação e recepção – posso afirmar que é uma energia independente, e ao mesmo tempo ligada às outras duas, sendo que cada uma delas só existe dentro desse trio – se uma faltar, as outras se destroem, desintegrando toda a matéria constituída, principalmente o centro, que tem a função de integração”⁵.

Meditemos na citação acima, que dignifica o neutro enquanto elemento intermediário do átomo, através do reconhecimento de que ele habita uma dimensão arbitral entre um par de forças concorrentes. Ele é um verdadeiro dínamo a catalisar sinergicamente a potencialidade das outras duas forças ou polos, visto que em sua Ação ele se constitui no fiel da balança entre o Sentimento enquanto polo passivo e o Pensamento entendido como polo ativo. Numa tradução para uma linguagem teológica dessas ilações extraídas do universo da Física, o Dr. Norberto Keppe criativamente estabeleceu uma correlação entre a estrutura trina do átomo e a pró-

pria Trindade Divina, ao conferir a cada uma das Pessoas que a compõem aqueles atributos que lhes são particulares, ao mesmo tempo que a todos eles harmonizam pela regência do Neutro soberano:

“Parece que a força maior vem do Neutro, por causa de conter ambas as energias, a de gravidade e a de elevação (...) Sempre faço comparação entre esses elementos com a Trindade Divina: Deus-Pai, o inolvidável afeto; Deus-Filho, a razão; e Deus-Espírito Santo, o neutro, que recebe a energia das Duas Primeiras Pessoas, contendo o elemento principal, o sentimento verdadeiro, raciocínio perfeito e a ação dos dois, sendo o equilíbrio perfeito – é o que também acontece no ser humano, e em toda criação animal, vegetal, mineral e principalmente a angelical”⁵.

A Ciência Trilógica também está ancorada, significativamente, em uma perspectiva holística que, não raro, a aproxima de todo um conhecimento arcano, que é parte da Tradição Primordial. A referência feita pelo Dr. Keppe à duas energias – a da Gravidade e da Elevação – que convergem para o Neutro, onde são transsubstanciadas em Ação positiva, faz lembrar de modo inequívoco a consumação do Hierogamos, o Casamento Sagrado ou Místico. Este, de acordo com a perspectiva teosófica, seria sacramentado inclusive no interior do próprio corpo humano, enquanto veículo de indivíduos cujo elevado nível de saúde física e mental os permite aspirar à condição de santidade, ou seja, a de um homem que é são, ou santo. Em casos como esse, a plena realização espiritual se consumaria a partir de um duplo movimento, iniciado quando a energia de cunho gravitacional denominada *Fohat* penetrasse no indivíduo através do chacra coronário,

ou *Sahashara*. Em sentido inverso, aquela energia de elevação que a Tradição arcana denomina *Kundalini* partiria de *Muladhara*, o chacra raiz situado no baixo ventre, elevando-se até o chacra cardíaco, ou *Anahata*, onde se fundiria com o descendente *Fohat*.

Não é certamente por acaso que Anahata, o chacra do coração, é também denominado de ‘O Laboratório do Espírito Santo’, ambiente alquímico em cujo crisol o reto Sentimento é amalgamado ao perfeito Pensamento, donde resulta a Ação Boa, Bela e Verdadeira: eis o Casamento Místico. Aquele Neutro, que é parte constitutiva da natureza do átomo, e que teologicamente está associado à Terceira Pessoa da Trindade, é com toda a justiça considerado pelo pensamento keppeano como sendo o elemento conformador de toda a realidade, uma vez que “*estabelece o resultado geral do processo energético, de um lado, amenizando os extremos, e do outro, constituindo tudo o que existe*”⁵.

Todo esse caminhar no sentido da integração de dois polos opostos mediados por um terceiro elemento que os espelha e transcende corresponde à sublime dialética da Manifestação Divina, que percorre transversalmente todos os planos da existência, desde os mais sutis e elevados até os mais densos e rasteiros. Isso reverbera por toda a obra da Criação, como bem já o assinalou o Dr. Keppe, desde a dimensão angélica até o reino mineral, passando numa espiral descendente também pelos domínios dos seres humanos, dos animais e dos vegetais. A Filosofia Perene registra que a Humanidade está a meio caminho dessa “Grande Corrente do Ser”, constituindo-se numa espécie de fiel da balança da Criação. Ela encarna o elemento Neutro, que está no centro do Plano de Deus, posto que foi criada à Sua imagem e semelhança. Em cada um dos dois pratos daquela balança que tem no Homem o seu fiel, equilibram-se de um lado o polo masculino e, do outro, o polo feminino de uma Pa-

relha Manúsica que, de tempos em tempos, manifesta-se na Face da Terra a fim de reconduzir a Humanidade de volta ao Paraíso do qual, desde a Queda, ela foi expulsa. E dentre todos os povos da Terra foi o Português, cuja expressão quintessencial é o Brasileiro, que recebeu a missão de instituir no planeta a advento da Era do Divino Espírito Santo, recuperando o Paraíso Perdido e inaugurando o modelo sinárquico do Quinto Império Universal.

O PROJETO ÁUREO ENQUANTO PROJETO NACIONAL DA PORTUGALIDADE

Na charneira dos tempos medievais, e tendo como cenário o Porto do Graal, tramou-se por inspiração do Alto a teia que envolveu num Matrimônio Sagrado El-Rei Dom Dinis (1261-1325) e sua consorte, a Rainha Santa Isabel (1270-1336). Um e outro se constituíram nas duas Colunas rotatórias que, girando cada uma delas em sentido contrário à outra, cinzelaram a Pedra Bruta da Nação em formação, a ela dotando de uma identidade, de um sentido de missão e de existir que, perfeitamente ajustado à superfície polida da Obra de Deus, emergiu como o potente Neutro, que recebeu o nome de Projeto Áureo. Em um livro trológico de caráter absolutamente seminal, intitulado *História Secreta do Brasil*, a Dra. Cláudia Pacheco definiu com precisão os fundamentos e o propósito daquele Projeto a que há pouco se fez referência:

“O Projeto Áureo estava essencialmente ligado às tradições anteriores do templarismo (Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão) do joanismo (S. João Evangelista, autor do Apocalipse, sobre cujo Evangelho os cavaleiros templários prestavam juramento) do misticis-

mo cisterciense (da Ordem de Císter, à qual pertenceu o Abade italiano Gioachino di Fiori, o qual iniciou o Renascimento com sua doutrina das Três Idades) do misticismo bernardino (de S. Bernardo de Claraval, fundador da Ordem de Císter, da Ordem dos Cavaleiros do Templo, dos Cavaleiros Teutônicos e do próprio Portugal) e do franciscanismo (movimento criado por S. Francisco de Assis) que tinham em comum a esperança na vinda de uma Nova Idade, do Espírito Santo, que revolucionaria e completaria o tipo de espiritualidade existente”⁷.

Pode-se legitimamente suspeitar que D. Dinis, enquanto Coluna ou Polo do Pensamento, já intuía que por detrás da Realidade aparente de sua época borbulhava impaciente, fervendo no caldeirão alquímico que a decantava, a esperança de um Mundo Novo que ansiava por vir à luz. Mais ainda, o Rei português, membro de uma dinastia desde sempre associada à Ordem Templária, era plenamente consciente de que os cordéis da História conduziam, diretamente, às mãos ocultas das sociedades iniciáticas que, se não a determinavam por inteiro, ao menos influíam poderosamente em seus desdobramentos. O Projeto Áureo, para a sua consumação, não poderia desdenhar da colaboração ativa dos afilhados de São Bernardo de Claraval.

Os acontecimentos se precipitaram. Em 1314 Jacques de Molay, Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém, é executado por ordem de Felipe, o Belo, Rei de França, em conluio com o Papa Clemente V, o qual já havia decretado a extinção daquela Ordem três anos antes. A maioria dos remanescentes templários foram acolhidos em Portugal por D. Dinis, e levaram com eles para a sua nova Pátria copiosos documentos que seus irmãos encontraram, séculos antes,

junto aos alicerces do Templo levantado pelo Rei Davi e seu arquiteto, Hiram Abiff, na capital do Reino de Judá. Tais documentos revelavam segredos importantes, dentre eles indícios de que frotas hebraicas do Rei Salomão navegavam regularmente junto a embarcações fenícias para uma Grande Ilha do Extremo Ocidente, que poderia ser identificada com as terras bíblicas de Ofir. Outros templários, esses refugiados na Escócia e que estão na origem da Maçonaria local, chamavam a essa Ilha de *Hy-Brazil*.

D. Dinis, revelando excepcional senso de oportunidade, recriaria em Portugal, no ano de 1319, a antiga Ordem Templária, agora renomeada como Ordem de Cristo. Ciente das promessas contidas no Além-Mar, onde um Novo Mundo estaria destinado a realizar a profecia joaquimita da Era do Espírito Santo, a notável presciência de estadista do Rei se manifestou quando, ordenando que se semeassem grandes pinhais em Leiria, garantisse que mais de um século depois fosse abundante a madeira para a construção dos navios que iriam empreender o primeiro ensaio de unificação do planeta. E com imensa sensibilidade a sua esposa, a Rainha Santa Isabel, Coluna ou Polo do reto Sentimento, instituiria a partir de 1296 a Festa do Divino, de maneira a preparar o espírito de todo o povo de seu país, antecipadamente, para o advento da prometida Era do Divino Espírito Santo.

O QUINTO IMPÉRIO E A MISSÃO DO MUNDO LATINO

A bem da verdade, o Projeto Áureo que veio a lume durante o reinado da Parelha Manúsica pertencente à Casa de Borgonha, e que expressou na forma de um Projeto Nacional a

determinação de efetivar na Terra a Era do Divino, não foi a primeira e nem seria a última floração do jardim milenário português. Podemos encontrar as suas sementes já no chamado Milagre do Campo de Ourique e muito depois, já no início da chamada Idade Moderna, os brotos mais tardios daquele horto rebentariam no fenômeno Sebastianista e na mística atualizada do Quinto Império. Não se tratará aqui nem de Ourique e nem do fado de D. Sebastião. São temas abordados com proficiência pela Dra. Cláudia em seu livro, ao qual devem se remeter os interessados. Unicamente, ainda que não exaustivamente, serão examinadas nesse trabalho algumas facetas da expressão quintoimperialista, cujo mais abrangente espectro de seus fundamentos está contemplado na *História Secreta do Brasil*.

De maneira resumida, o conceito de Quinto Império resultou, inicialmente, de um sonho do Rei babilônio Nabucodonosor, corretamente interpretado pelo Profeta Daniel, cerca de 2500 anos atrás. Malgrado as suas origens no território do Sagrado, ao cair no mundo profano o Quinto Império se tornou um conceito em disputa. Um conceito em disputa entre a Latinidade e o Anglo-Saxonismo. Afinal de contas, qual país se constituiria na sede do Quinto Império? Os anglo-saxões (ingleses e americanos do norte) entendiam que o Primeiro Império teria sido o Assírio-Babilônico de Nabucodonosor, o Segundo o Persa de Ciro, o Terceiro o Grego de Alexandre e o Quarto o Romano dos Césares. Fundamentado numa estreita interpretação de uma sucessão de Impérios políticos e materialistas como sendo a única possível, o tão pragmático quanto empreendedor Anglo-Saxonismo reivindicava para ele mesmo o cetro da Quinta Monarquia.

Os latinos, aqui encarnados pelos portugueses, partiam de um outro ponto de vista, que privilegiava a dimensão espiritual da ideia de Império em detrimento de sua faceta reducionista e profana, que se exprime pela dominação política e econô-

mica. *Império*, conforme o entende a Latinidade, seria antes a expressão de uma unidade cultural e espiritual que definiria o caráter de uma época. Louvada na opinião do grande poeta português Fernando Pessoa, a Dra. Cláudia Pacheco entende que a correta sucessão dos Impérios seria a seguinte: o Babilônico, o Medo-Persa; o Greco-Romano e o Anglo-Americano. Cada um desses quatro Impérios elencados exprimiria a perspectiva hegemônica de uma visão de mundo que caracterizaria o seu conjunto, sendo que o materialismo crescente de fase em fase encontraria o seu ápice no Quarto Império Anglo-Saxão, o Império do Ferro e do Barro do qual falava o Profeta Daniel. Trata-se de uma sucessão de Quedas em cascata na Matéria, e que em nossa época já dá sinais de exaustão. Caberá à Latinidade Luso-Brasileira efetuar o resgate do primado da Espiritualidade e estabelecer, sob a sua égide, o Quinto Império no mundo.

De acordo com o intelectual mexicano José Vasconcelos Calderón, em seu livro *La Raza Cósmica*, toda a História do Mundo Ocidental, desde o início da Idade Média, tem como fio condutor uma luta entre a Latinidade e o Anglo-Saxonismo, que remonta ao ano 476 de nossa era, quando a cidade de Roma, capital de um Império latino de pretensões civilizatórias universalistas - “católicas”, por assim dizer – caiu nas mãos de bárbaros pagãos de sangue germânico, dentre os quais se alinhavam os anglo-saxões. O estado de animosidade entre católicos latinos e germânicos inicialmente pagãos, e depois predominantemente protestantes, resultou em guerras frequentes através dos séculos, e conflitos emblemáticos foram registrados. À guisa de exemplo, observe-se que a derrota da Invencível Armada luso-espanhola em 1588 diante das costas da Inglaterra, e o afundamento da frota franco-espanhola em Trafalgar, pelo Almirante Nelson, pavimentaram o caminho para que o Quarto Império do Ferro e do Barro, materialista em sua

essência, fosse empolgado pelos ingleses da Europa e os ianques da América.

O Reino Português, contudo, embora latino e católico em sua essência, jamais foi ortodoxamente refratário à influências alienígenas. País indeciso entre dois continentes, em Portugal “*a Europa reina mas sem governar; governa antes a África*”², segundo a definição feliz do sociólogo Gilberto Freyre. E da mesma forma que a sociabilidade portuguesa sempre foi infiltrada pelas influências judaicas e muçulmanas, da mesma maneira Portugal sempre cultivou a aliança inglesa que, mesmo tendo garantido a sua sobrevivência enquanto nação independente, sempre esteve atravessada por ambiguidades e tensões variadas. No fundo, as raízes desse desconforto estavam ancoradas na seguinte questão: como conciliar os compromissos fundamentais de Portugal com a Latinidade católica, sem abrir mão da necessidade pragmática de conservar a aproximação com a Inglaterra germânica e, a partir de certo momento, também hegemonizada pelo protestantismo de viés materialista?

Apenas o recurso a uma metodologia keppeana de abordagem da História, fundamentada nos princípios de sua Teologia da Física, parece ser capaz de responder satisfatoriamente ao desafio que nos colocam questões como essa que foi acima formulada. E todo rigor analítico que o método científico de Keppe exige não prescinde, também, do recurso àquela inata intuição que coloca o pesquisador em contato com os Universais Divinos. No caso em questão, o estudioso do Quinto Império há que se conectar com a percepção intuitiva da imagem da Trindade que jaz no recôndito de seu Ser. É nela que reside a Chave capaz de elucidar a questão. Vamos a ela.

A CASA DE AVIS E O RESULTADO GERAL DO PROCESSO ENERGÉTICO

Uma segunda Parelha Manúsica se manifestou em Portugal no final do século XIV, quando teve início a chamada Dinastia de Avis. O Casamento Sagrado do português e latino Rei D. João I (1357-1433) com a inglesa e anglo-saxã D. Philippa de Lencastre (1360-1415) teve o condão de atualizar, objetivamente, o desafio de responder como Portugal conservaria sem trair o seu compromisso com os valores da Latinidade, ao mesmo tempo em que o seu próprio Rei, supostamente, dormiria com o inimigo. Matar essa charada exige que se penetre no domínio da Energética trológica e o biólogo inglês Rupert Sheldrake, muito citado nos textos de cientistas keppeanos, ao discutir o conceito de Energia, aponta que *“o fluxo energético é organizado em formas por meio de campos”*, isto é, os chamados *“campos mórficos”*, que dialogam tão bem com o princípio da Ressonância.

Sheldrake, cuja formação científica e espiritual muito se beneficiou da longa temporada que passou trabalhando na Índia, sempre foi fascinado pela preocupação muito em voga na filosofia asiática do tema da Unidade dos Contrários, formulando essa questão da seguinte maneira:

“Há dois princípios: um princípio formativo, que são os campos, e um princípio energético. A energia é o princípio da mudança, e a mudança pura seria o caos. Uma maneira de pensar sobre esses dois princípios é fazê-lo em termos da noção indiana tântrica de Shakti como energia e de Siva como princípio formativo, que trabalham juntos para criar o mundo que conhecemos”¹².

A Divina Parelha hindu formada pelo casal universal Siva e Shakti ilumina, por ressonância, a missão iniciática de que foi investido, pelo Eterno, o casal real formado por D. João de Avis e D. Philippa de Lencastre. Note-se que o nome *Avis*, quando lido às avessas, resulta em Siva, Terceira Pessoa da Trimurti Hindu e que corresponde ao Espírito Santo cristão. A Chave linguística, parte da Sabedoria Iniciática das Idades, inequivocamente vincula a Dinastia de Avis à consumação do Projeto Áureo, que visa à consolidação da Era do Divino Espírito Santo.

Na consecução desse objetivo, o trabalho conjunto do casal real só pode ser inteiramente compreendido e avaliado a partir da perspectiva teológica da Energética de Keppe, quando situamos o campo formal representado por D. João na polaridade do Pensamento e o impulso energético de que estava investida D. Philippa no polo do Sentimento. O formalismo que é apanágio da Latinidade absorve e condiciona, dentro de seu próprio Campo, o impulso criativo e empreendedor notável da alma anglo-saxã presente em D. Philippa, que de outra maneira se dispersaria na anarquia. O Pensamento, modelando o Sentimento e se deixando impregnar por ele, resulta na Ação Boa, Bela e Verdadeira. Portugal não deixou de ser formalmente e essencialmente Latino ao se abrir à pertinácia germânica e ao impulso empreendedor do anglo-saxonismo. Antes, orientou-os para melhores fins. E onde entra o Neutro nessa história, aquele que segundo Keppe simboliza a Consciência?

O “resultado geral do processo energético” - as palavras são de Keppe – que reside no Neutro, a partir da interação entre os polos representados pelo Rei e pela Rainha, se encontra na “Ínclita Geração” de príncipes e infantes cultos que ambos geraram, e cuja expressão maior foi o Infante Henrique de Sagres, aquele que de maneira mais completa se imbuíu do sentido da obra missionária portuguesa, cons-

tituindo-se no arquiteto de sua expansão marítima. O seu ânimo empreendedor ele o bebeu diretamente junto ao leite materno, posto que D. Philippa foi uma notável educadora, infundindo em todos os seus filhos aquele tipo de sensibilidade que estimula a conexão criativa com os Universais Divinos, cujas portas de acesso ela abria através de cantigas de ninar, permeadas pela narrativa de lendas do ciclo arturiano, que ela aprendeu em sua Inglaterra natal. A busca do Santo Graal era um constante estímulo. As viagens de São Brandão em busca da mítica Ilha Brasil foi uma lenda celta que inflamou a imaginação do Infante, estimulando-o aos empreendimentos marítimos.

Pode-se dizer que D. Philippa se constituía no modelo arquetípico de mulher “venusiana”, aquela que não só gera os filhos biologicamente, como também lhes modela o caráter num amplo sentido espacial e cósmico. O ventre feminino tem a propriedade de gerar veículos que manifestam a forma do Pentagrama Sagrado, expressão da cabeça e dos quatro membros abertos em estrela, e que também espelha o perfil da Mercabah, a nave transdimensional de que fala a Cabala. Acrescente-se ainda que o tempo de gestação da mulher corresponde aos nove meses que dura a translação do planeta Vênus em torno do Sol. D. Philippa, que cresceu em meio a iniciados templários, provavelmente sabia disso. Através das vias inferiores de seu corpo, de caráter a um só tempo biológico e transcendente, foi parido o Neutro quintoimperial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:
RESSONÂNCIAS PROSPECTIVAS
E PROJETIVAS DO SONHO DO QUINTO IMPÉRIO

Resta acrescentar que o Rei D. João I, além dos sete filhos que teve com a Rainha sua esposa, trouxe ao mundo mais dois fora do casamento. O primeiro foi D. Afonso, Conde de Barcelos. A segunda foi D. Beatriz, de quem uma descendente remota estaria destinada a cumprir um discreto porém significativo papel na trama que viria a atribuir ao Brasil um lugar de absoluta centralidade na construção do Quinto Império. A jovem e desamparada bastarda D. Beatriz, graças à intermediação da caridosa D. Philippa, teve um casamento arranjado com Thomas Fitzlan, Conde de Arundel, membro daquele setor minoritário da nobreza inglesa que, mais tarde, optaria por permanecer fiel ao Catolicismo.

Admita-se que a Energética familiar possa induzir padrões de comportamento que se perpetuam por gerações. Se isso for verdade, efeitos ressonantes podem influir nas escolhas pessoais de vida que forem feitas por dois membros ou mais da mesma família, ainda que separados por séculos de distância. Afinal, em inspirado artigo, o Dr. Keppe já pontuou que, para aqueles que permanecem conectados com o Eterno, o Tempo não existe. Aliás, nem o Espaço⁵. Ora, a família Arundel jamais abjurou da Santa Fé Católica. No século XIX, Isabel Arundel, descendente de D. Beatriz, nasceria na Inglaterra onde veio a se casar em 1861 com Richard Burton, um dos mais notáveis exploradores da Inglaterra vitoriana.

Parece que os ecos da Portugalidade presentes no sangue de Isabel Arundel atraíram para ela, sem que disso a mesma se desse conta, as melhores atenções do cavalheiro Burton. Ele iniciou a sua vida aventureira como Capitão das tropas coloniais inglesas no subcontinente indiano, onde teve

a oportunidade de residir por seis meses na cidade de Goa, então capital do Vice-Reinado português da Índia. Lá ele aprenderia a língua de Camões, do qual traduziu *Os Lusíadas* para o inglês, e tornou-se um admirador da política colonial portuguesa, cuja tolerância, respeito pelos nativos e estímulo à mestiçagem entre os europeus e as pessoas da terra contrastavam vivamente com a intolerância e o racismo dos territórios sob administração britânica.

Ao se casar com Isabel Arundel, o Capitão Richard Burton obteve um posto no corpo diplomático inglês, graças às ligações de sua esposa com a alta aristocracia britânica. Convencido de que o Brasil era uma Goa portuguesa em ponto grande, Burton foi destacado para o posto de Consul da Inglaterra na cidade paulista de Santos. Lá a sua esposa Isabel recuperaria os vínculos com a sua remota ancestralidade portuguesa, enquanto Burton, imbuído do espírito bandeirante da terra, organizava uma expedição que se dirigiria para a cidade de Sabará, no coração de Minas Gerais, lá embarcando em uma canoa, na qual desceria os rios das Velhas e São Francisco. Voltou convencido de que a então província mineira, expressão relevante dos triunfos da Portugalidade no mundo tropical, estava destinada a se constituir no eixo de uma nova e próspera civilização nos séculos vindouros.

Com efeito, desde o século XVIII se podia observar, aos poucos e crescentemente, a adesão à ideia de que no Brasil seria levantado o Quinto Império como modelo paradigmático da civilização em uma Nova Era. Quando no século anterior o Padre Antonio Vieira sistematizou o conceito de Quinto Império em sua “História do Futuro”, supunha-se que a sua sede estaria em Lisboa. Cem anos depois, pensadores da colônia americana de Portugal questionariam aquela primazia conferida à capital portuguesa. Em 1741, o residente mineiro Pedro de Rates Hanequim, imbuído do espírito do novo nativismo brasileiro e respaldado numa argumentação teo-

lógica bastante convincente, sustentava o Quinto Império seria levantado entre as serras do Sul de Minas, região aliás historicamente vinculada a São Paulo, a cuja Capitania pertenceu até 1720. Faz assim muito sentido que se conceba São Paulo como sendo o berço de uma civilização quintoimperial.

Dentro desse contexto, Cambuquira parece ser uma cidade predestinada. Ela faz parte de todo um eixo de municípios sul mineiros que se distribuem ao longo do Paralelo 22, número que corresponde aos Arcanos Maiores do Tarô, ao total de letras do cabalístico alfabeto hebraico e ao vigésimo segundo e último capítulo do Livro do Apocalipse de São João – padroeiro da Maçonaria – o qual anuncia o advento de uma Nova Terra e de Novos Céus. Consta que toda essa região já vem sendo preparada desde cerca de um milênio antes de Cristo para se converter na capital espiritual do mundo, desde que, de acordo com algumas escolas iniciáticas, a expedição fenícia chefiada pelo seu Rei Badezir desembarcou nas praias cariocas ao lado da enigmática Pedra da Gávea. Neste monolito observa-se esculpido um rosto, não se sabe se pela erosão natural ou se por obra do homem. Se assim o foi, especula-se que os fenícios dominariam técnicas de construção avançadas e hoje esquecidas. A possibilidade de que em um passado distante os povos da Antiguidade ainda detivessem o conhecimento, mesmo parcial, de uma tecnologia de ponta desenvolvida por civilizações desaparecidas ainda mais antigas do que eles não é, em absoluto, descartada pelo pensamento keppeano. Tal é, aliás, a perspectiva defendida pelo engenheiro César Soós em seu artigo intitulado *Hipótese Trilógica: o Passado da Terra e da Civilização*¹¹.

A colônia fenícia estabelecida no Rio de Janeiro, que talvez mantivesse relações com a terra de Ofir para onde navegavam as frotas de Salomão, teria se dispersado logo após o trágico naufrágio de dois filhos gêmeos do Rei Badezir na

baía de Guanabara, seguido pela morte do próprio soberano, cujo túmulo estaria na Pedra da Gávea. Numa das faces da Pedra, o arqueólogo Bernardo de Azevedo da Silva Ramos faria a tradução de um texto fenício nela incrustada, o qual diria: TIRO, PHOENICIA, BADEZIR PRIMOGÊNITO DE JETHABAAL. Os remanescestes fenícios da malograda colônia carioca teriam, então, escalado a Serra dos Orgãos e atingido, depois, o Sul de Minas na altura do atual município de Aiuruoca, espalhando-se em seguida por toda a região que vai até Cambuquira.

Aqueles pioneiros fenícios, tão celebrados nos livros do historiador Ludwig Schwennhagen e do arqueólogo Silva Ramos, lançaram assim, ao longo do místico Paralelo 22, as sementeiras espirituais do que viria a ser a Civilização da Nova Era, pois esse era o móvel principal da missão sagrada de que estavam imbuídos Salomão e Badezir, cujas cartas de navegação, localizadas séculos depois pelos templários, mais tarde fariam parte do acervo da Escola de Sagres. Isso permitiria aos portugueses, num movimento ressonante, retomar mais tarde o projeto inacabado dos soberanos hebreus e fenícios, dando renovado fôlego ao Plano Divino de realização do Quinto Império Universal, agora sob a égide da Lusofonia. O circuito se fechou.

Hoje em dia já não restam traços da epopeia fenícia no Sul de Minas ao longo do paralelo 22. Persistiram porém, através dos séculos, as memórias que a sua Energética deixou armazenadas naqueles Campos de Informação estudados por Rupert Sheldrake, e que produzem o fenômeno chamado de Ressonância Mórfica. É exatamente esse apelo ressonante que, através da História, induziria mais tarde os bandeirantes paulistas a copiarem o exemplo fenício e se internarem pelas terras sul mineiras. Também não é por outro motivo que os novos bandeirantes trilógicos, obedientes à

divina intuição que tiveram, já começam a migrar de São Paulo para Cambuquira, a fim de fundar a Aldeia do Divino. Consciência é Libertação. É preciso ter claro, inclusive, as responsabilidades da FATRI no contexto de uma região onde já pululam, há décadas, instituições esotéricas em São Lourenço e em São Tomé das Letras, principalmente, para lá atraídas pela mesma onda ressonante. Muito trabalho será exigido. Mãos à obra.

REFERÊNCIAS

1. ADRIÃO, VM. *Mistérios Iniciáticos do Rei do Mundo: História Oculta de Portugal*. São Paulo, Editora Madras, 2002.
2. FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1977.
3. HOLANDA, SB. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.
4. KEPPE, N. *Ao se privar do Eterno, o Ser Humano Caiu no Tempo e no Espaço*. Revista Metafísica Trilógica. 2005; 1(2).
5. KEPPE, N. *A Teologia da Física*. São Paulo, Editora Proton, 2016.
6. KNIGHT, C; LOMAS, R. *O Livro de Hiram: Maçonaria, Vênus e a Chave Secreta para a revelação da vida de Jesus*. São Paulo, Ed. Madras, 2003.
7. PACHECO, CBS. *História Secreta do Brasil: A Era do Espírito Santo e o Milênio Universal*. São Paulo, Editora Proton, 2016.
8. RAMOS, BAS. *Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1930.
9. SANCEAU, E. *Em Demanda do Preste João*. Porto, Livraria Editora Civilização, 1938.
10. SCHWENNHAGEN, L. *Antiga História do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Cátedra, 1970.
11. SOÓS, C. *Hipótese Trilógica: O Passado da Terra e da Civilização*. Revista Metafísica Trilógica. 2007; 3(5).
12. SHELDRAKE, R. *O Caos, a Criatividade e o Retorno do Sagrado*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1994.
13. VIEIRA, A. *História do Futuro*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 2010.

ABORDAGEM TRILÓGICA DO CONHECIMENTO

TRILOGICAL APPROACH TO KNOWLEDGE

Alexandre Frascari¹ e João Leo Pinto Lima²

RESUMO

Este trabalho visa introduzir uma abordagem de conhecimento com base em um novo modelo, que inclui, além da dimensão racionalista tradicional, o aspecto tanto do sentimento (relacionado à fé, à intuição, ao afeto), como da energética (física, ação). O método será fundamentado no paradigma trilógico, que unifica os três atributos do ser humano, a saber, a razão (vida intelectual), o sentimento (vida afetiva), e a ação (vida científica ou experimental).

Palavras-chave: conhecimento, razão, sentimento, psicopatologia, Trilogia.

ABSTRACT

This paper aims at introducing an approach on knowledge based on a new model, which includes, in addition to the traditional rationalist dimension, the aspect of feeling (related to fideism, intuitionism, affection), as well as that of energetics (Physics, action). The method will be founded on the Trilogical paradigm, which unifies the human being's three attributes,

¹ Mestre em História da Ciência pela PUC-SP e Pós-Graduado em Psicossociopatologia pelo Instituto Keppe & Pacheco. Engenheiro pela Poli USP.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do ABC e Pós-Graduado em Psicossociopatologia pelo Instituto Keppe & Pacheco. Psicanalista Trilógico e Psicólogo pela PUC de Campinas.

namely, reason (intellectual life), feeling (affectionate life) and action (scientific life, experimentation).

Key-words: knowledge, reason, feeling, psychopathology, Trilogy.

O PROBLEMA: A PARCIALIDADE DO PROCESSO DE CONHECIMENTO NA HISTÓRIA

O estudo do conhecimento recebe os nomes de gnosiologia ou epistemologia. Embora sinônimos, o primeiro termo era inicialmente mais usado para se referir à filosofia escolástica (conjunto de doutrinas surgidas e ensinadas nas escolas emergentes em certo período da Idade Média), e o segundo para descrever o conhecimento científico. Com o tempo, a palavra epistemologia passou a ser usada como a pesquisa do saber em geral.

Este artigo pretende estabelecer: 1) Como ocorre o conhecimento; 2) Se o conhecimento é possível e 3) Quais são as suas bases. Tradicionalmente acredita-se que a razão seja seu fundamento, mas há atualmente novas propostas, que serão aqui analisadas. O ato de conhecer geralmente implica em um sujeito que conhece e um objeto a ser conhecido. Então, é necessário primeiro estabelecer o que é um sujeito e o que é um objeto, e isso nos leva ao campo da metafísica ou ontologia, que é o estudo do que são as coisas.

As teorias variam. No que diz respeito ao objeto, Platão falava dos conceitos universais, por exemplo, a ideia de homem. Ao pensar-se na ideia de homem, pode-se ter em men-

te um homem em geral ou um específico, por exemplo, João. Qual deles existe realmente, a ideia de João em sentido abstrato ou a pessoa concreta de João? Há três interpretações sobre os conceitos universais: 1) são eles que realmente existem (essa posição é chamada de *realismo*); 2) eles são apenas abstrações dos objetos concretos e, portanto, são apenas nomes, conceitos vazios que não existem na realidade (posição denominada de *nominalismo* ou *conceitualismo*); 3) a terceira interpretação é chamada de *realismo moderado*, e considera as ideias universais como abstrações de objetos concretos, e sua existência depende de objetos concretos. O filósofo grego acreditava que o que realmente existe são as ideias universais, e o verdadeiro conhecimento consiste em constatar-las. Ao nascer, o indivíduo já traria na mente esses conceitos e depois os aplicaria a casos particulares. Seu discípulo Aristóteles já entendia que o conhecimento parte dos sentidos, os quais conseguem abstrair dos objetos o que eles possuem em comum, formulando em seguida os conceitos gerais. Tal postura caracteriza o conhecimento científico, que considera em primeiro lugar os objetos particulares e depois tenta chegar às leis gerais que os concatenam.

A partir daí, diferentes formas de saber foram estabelecidas. O conhecimento pode ser impreciso, se for apenas uma opinião sobre o objeto, o que Platão chamou de *doxa*. Esse é o conhecimento comumente utilizado pelas pessoas na vida cotidiana. Pode ser o conhecimento místico, que é apreendido através de experiência pessoal contemplativa e profunda; é adquirido por crença (fé), em que não há exigência de provas ou evidências além daquelas simplesmente baseadas em convicções pessoais. Há o saber filosófico, que se baseia em explicações rigorosas do objeto, do ponto de vista do raciocínio e coerência lógica que o demonstra. E existe o conhecimento científico, fundado em evidências fornecidas

por experimentos replicáveis, que podem ser observados por qualquer pesquisador nas mesmas circunstâncias.

O método tradicional do conhecimento típico da Teologia é o da crença, da fé, da convicção mística. Já o da Filosofia tem sido o da razão, através do qual a pesquisa filosófica usa basicamente a demonstração lógica e racional. E o método da ciência segue as evidências experimentais fornecidas pelos cinco sentidos.

Assim as teorias do conhecimento variaram historicamente, dependendo de como era considerado o objeto a ser conhecido. Para Heráclito (540 a.C.), a realidade não podia ser conhecida, pois ela, sendo um constante fluir, escaparia à nossa apreensão. Em outras épocas, quando o objeto do conhecimento foi considerado inefável (isto é, inatingível), como Deus, chegou-se à ideia de uma filosofia negativa, também conhecida como ‘apofática’, que significa só ser possível afirmar-se o que as coisas não são, nunca o que elas são - dada à impossibilidade de sua apreensão.

Já Parmênides (515 a.C.) considerava a realidade movente de Heráclito apenas uma aparência, acreditando ser possível sim conhecer a realidade das coisas, desde que se captasse sua essência. Em seguida, como a metafísica dos sofistas, nos séculos IV e V a.C., negava o absoluto, isto é, postulavam que as coisas não possuíam natureza específica, podendo ser isso ou aquilo, os sofistas passaram a considerar todo saber apenas relativo.

Por sua vez, Sócrates (469 a.C.), com sua frase ‘*só sei que nada sei*’, indicou que é a ignorância que impede o conhecimento, acreditando ser possível o saber verdadeiro. Seu discípulo Platão (429 a.C.) dividiu o mundo em sensível (aparente) e inteligível (real), considerando o saber já presente na mente, através dos conceitos universais inatos no indiví-

duo, que são trazidos como herança do mundo original das ideias em que viviam originalmente.

Aristóteles (384 a.C.), embora partindo dos sentidos para atingir o conhecimento, usava primordialmente a razão para atingir o saber intelectual (o filósofo desenvolveu formalmente a Lógica racional, o silogismo, que são as regras que fundamentam as operações intelectuais e estabelecem as leis que regem as relações, concatenações e implicações do pensamento).

Na Idade Média, houve uma tentativa de se unir o conhecimento obtido pela fé com o da razão, pela chamada filosofia escolástica cristã, que é considerada por muitos a *philosophia perennis* (filosofia perene). Os dogmas da fé e o conhecimento advindo pela revelação, que não eram explicáveis pela razão, deixaram de ser considerados incompatíveis com a filosofia. Foi o que realizaram os grandes doutores da Igreja, que construíram o corpo teórico da filosofia escolástica, como Agostinho, Anselmo, Alberto Magno, Roger Bacon, Boaventura, Pedro Abelardo, Bernardo de Claraval, Escoto Erígena. Essa união passou do modelo puramente teológico-fideísta para o teológico-racional, unificando assim a Teologia e a Filosofia.

Na Idade Moderna, Descartes (1596) julgou o conhecimento sensível ilusório, considerando as verdades como residindo nas abstrações e na consciência. Embora revivendo o uso da razão, acreditava na existência de um gênio maligno que enganava os homens. Por isso, introduziu a dúvida como método para se chegar ao conhecimento verdadeiro. Com sua famosa frase *Cogito, ergo sum*, deu mais ênfase ao sujeito do que ao objeto no processo de conhecimento, inaugurando uma nova postura, na qual o 'eu' passa a predominar na relação sujeito-objeto. A partir dele, a o subjetivo ganha mais relevância no conhecimento do que o objetivo.

Kant (1724), por sua vez, deu sequência a essa linha subjetiva, que coloca o sujeito no centro da aquisição do saber, tornando-se primordial estudar as estruturas transcendentais que caracterizam a mente do sujeito que conhece.

A metafísica de Nietzsche (1844) é niilista, porque, rejeitando a universalidade dos conceitos, principalmente os de bem e mal, retorna o conhecimento ao caráter relativista do passado, uma vez que, segundo ele, cada um é que determina o que é a realidade, pela imposição da própria vontade. Dentro dessa linha, outros filósofos, como Foucault (1926), Deleuze (1925) e Derrida (1930) deram continuidade mais tarde à tentativa de derruir os valores da civilização ocidental, movimento que foi denominado ‘desconstrutivismo’ (desconstruir o que fora construído até então).

Atualmente, a pós-modernidade também critica a razão tomada como método único de conhecimento, o que, nesta visão, valoriza a entropia (degradação); segundo esse movimento, “vale tudo”, e todos os discursos são aceitos. De acordo com essa concepção, a realidade não é mais representada por padrões determinados, resultando em uma mistura ética (comportamento moral) e estética.

Geralmente, todas essas abordagens, com exceção do fideísmo (baseado na fé) introduzido na Idade Média e do intuicionismo bergsoniano (doutrina do filósofo francês, Henri Bergson, 1859, que deu ênfase à intuição, elemento não racional), fazem uso do paradigma racional comum ao processo de conhecimento da filosofia tradicional.

Nossa pergunta então seria: poderia haver outro modelo de conhecimento, além do usado até hoje, da fé, da razão e das evidências obtidas pelos cinco sentidos (ciência sensorialista)?

PROPOSTAS DE MODELOS MAIS ABRANGENTES

Em nosso entendimento, a limitação dos métodos de conhecimento exclusivamente pela fé, pela razão ou pela experimentação sensorialista é que elas desconsideram fatores que são, se não essenciais, pelo menos presentes nos atributos humanos e que, uma vez descartados, não apenas impedem a aquisição de todos os diferentes e sutis matizes componentes da realidade, como pode até dificultar a obtenção de um saber preciso e verdadeiro. Como o ser humano tem sentimento, pensamento e ação, os três elementos são necessários para a aquisição de conhecimento. Ou seja, tanto a fé, a razão como a experimentação são requeridas para que se atinja a realidade.

Assim atestam autores, como Marc André Keppe, que afirma, em sua busca pelo conhecimento da própria existência e do universo, que “*há algo mais amplo*”, que teorias e sistemas não podem alcançar, mas a consciência sim⁵.

O método dedutivo racional pode também cair em inexactidões, como se pode notar nos antigos sofistas, nos quais os silogismos (ou seja, raciocínios e explicações), embora formalmente corretos, levavam a conclusões inexatas. O próprio Aristóteles, racionalista por excelência e sistematizador da lógica, também incluía a intuição no processo de conhecimento. O psicanalista Norberto Keppe, afirmando que Tomás de Aquino constituiu o apogeu do racionalismo que inundou grande parte da civilização, atribui a aquele pensador a procura afoita pelo conhecimento, em detrimento do bem, quando considerou a ética como proveniente do entendimento apenas intelectual — o que Keppe interpreta como “*um dos principais meios de fuga da realidade*”⁷.

Outro racionalista tradicional, Descartes, vê a intuição como um ato único, que prescinde da intermediação do discurso, e elimina qualquer dúvida, sendo mais exata que a dedução⁷.

De modo que, além da razão como método exclusivo de conhecimento, alguns estudiosos passaram a considerar também a intuição um modo de saber primário e fundamental, subordinando a ela outras formas de conhecimento.

O próprio modelo científico experimental, que é estritamente indutivo, isto é, parte da observação de exemplos particulares para chegar a uma abstração mais geral, acaba se contradizendo, pois, embora a observação do cientista parta dos cinco sentidos, no processo experimental, quando ele chega a uma descoberta no laboratório, a verdade surge em sua mente.

Pascal mesmo (1623) tentou corrigir a parcialidade racionalista, introduzindo um novo modelo de conhecimento — o do “coração”, conforme Mora (2004), integrando assim a razão à fé pessoal.

Já quanto à intuição, embora haja polêmica em torno do assunto, o filósofo francês Bergson, em cujo pensamento tal conceito é central, a vê como acesso à realidade última (primária), pois, enquanto o pensamento apenas toca levemente a realidade, a intuição se dirige ao devir, ao contínuo, ao âmago do real. O próprio filósofo inglês Locke também considerou o conhecimento intuitivo mais perfeito que o demonstrativo. Para os restritos fins deste artigo, basta que a entendamos, diferentemente da razão, como uma captação direta e imediata do objeto do conhecimento.

Acreditamos que novos critérios precisam ser considerados no processo de aquisição de conhecimento.

No 15º. encontro do Conjunto de Pesquisa Filosófica (CONPEFIL), intitulado

“Reflexão filosófica sobre o relacionamento da afetividade com a verdade”, o Pe. Stanislaus Ladusans afirmou que “a pessoa humana não é só inteligência [...]” e que a afetividade é uma riqueza [...] que integra um só eu, sua identidade”⁴.

Mesmo Meister Eckhart, teólogo alemão do século XIII, para quem, segundo LOSSKY¹⁰: *“o intelecto humano descobre no interior das coisas criadas [...] os princípios primeiros de sua cognoscibilidade de seu ser [...]”¹⁴*, via no desprendimento total (e não na razão) a união do homem com Deus.

Igualmente, o pensador racionalista alemão, Leibniz, colocou em segundo plano o elemento intelectual quando, ao meditar sobre a existência de outro mundo além de nós mesmos ou sobre como distinguir percepções verdadeiras de alucinações, concluiu que *“não há demonstração exata” de que os objetos sensíveis estejam fora de nós, havendo, assim, para a existência do mundo externo, apenas uma certeza moral”¹⁵.*

Werneck afirma que, embora a construção do saber seja incumbência da educação e o fazer ciência tarefa da comunidade científica, tais procedimentos não excluem, sendo, pelo contrário, complementares¹⁶.

A Psicanálise também trouxe uma contribuição ao assunto, introduzindo elementos não racionais à aquisição de conhecimento. Desde que a desenvolveu, Freud nunca se deixou levar apenas pela evidência puramente racional, tendo seu método nascido justamente do princípio de que há algo por trás do que se pensa racionalmente.

Atualmente, a Psicanálise Integral, também denominada Trilogia Analítica, desenvolvida por N. Keppe, observa o imperativo dos fatores afetivos, energéticos e de ação no processo de aquisição intelectual. Aponta o psicanalista três dimensões na aquisição de conhecimento, e estabelece, assim, um novo paradigma: a dimensão afetiva (sentimento, intuição, fé); a dimensão racional (pensamento, razão, intelecto); e a dimensão do ato (operação, experimentação, energética). Sendo o ser humano constituído basicamente de sentimento, pensamento e ação, que correspondem na sociedade aos domínios da Teologia, Filosofia e Ciência, esse novo modelo contempla essa dimensão tridimensional tanto do homem como de sua cultura e civilização — daí o nome Trilogia, que parece mais apropriado para embarcar os três aspectos envolvidos no processo de obtenção de sabedoria.

A prática da ciência psicanalítica tem indicado que a vida emocional, as ações e a energética é que determinam o que vai ou não chegar ao intelecto. Ao agir, a pessoa interage com fatores energéticos, que lhe proporcionam maior consciência (conhecimento), tanto de si mesma como da realidade exterior, constituindo, assim, elemento fundamental no alcance do saber.

PARADIGMA TRILÓGICO PARA O CONHECIMENTO

Considerando o fator energético, mais ligado ao sentimento, pode-se citar os filósofos pré-socráticos, que já identificavam o *nous* (saber vindo da razão e não dos sentidos) como o *apeiron* (palavra criada pelo filósofo grego, Anaximandro, e significa o ilimitado, o infinito, que cria e gera tudo). Nessa concepção, o *apeiron* era o elemento mais energético de to-

dos e que possuiria todo o conhecimento³. O *nous* também consiste na apreensão dos primeiros princípios universais, indemonstráveis, que são anteriores e dos quais procede toda demonstração racional¹¹. Para São Gregório de Palamas, o *nous* é entendido tanto como energia ou atividade da mente, e como *kardia*, coração. Pode se notar aqui a noção de conhecimento universal como proveniente de uma forma de energia que advém não só da razão, mas também do coração.

Na visão científica trilogica, contemplamos o seguinte: Tudo o que a mente capta, seja na filosofia ou na ciência, parte de uma revelação inicial, que Parmênides, o criador da própria filosofia, chamava de experiência de ascese ou revelação². Para ele, o conhecimento não é organizado, ele já está na pessoa de maneira formal, necessitando apenas ser despertado; e se não fosse assim, afirmava o filósofo, não teríamos condições de compreender o que quer que fosse.

Para Keppe, o conhecimento “*é algo superior à capacidade humana, vamos dizer que é um elemento transcendental, eterno e imutável – assim como o afeto – como se fossem duas energias fundamentais responsáveis pela própria existência do homem*”⁶.

No entanto, é preciso considerar que mesmo que esse conhecimento chegue à mente de maneira completa, é necessária uma atitude de aceitação por parte do sujeito que o recebe. De maneira que a base do conhecimento está o sentimento, entendido aqui como a disposição ou não do indivíduo de acatar o entendimento que lhe chega à mente de maneira direta, intuitiva, através da consciência. Quando ele é aceito, a pessoa absorve aquela informação. Quando rejeitado, o conhecimento não é assimilado, ou seja, não ocorre.

Tal atitude de recusa à consciência constitui a psicopatologia. A Psicanálise Integral (ou Trilogia Analítica) entende tal postura humana como oriunda da inveja (que significa ‘não ver’ – do latim *invidere*), e da teomania (mania de ser Deus, ou seja, não aceitação da realidade existente, pelo fato de ela não ter sido criada pelo indivíduo, que pretende, então, se tornar um novo criador).

O fator emocional provém do intelectual e determina a aquisição ou não do conhecimento. Quando o raciocínio é realizado, ele pode já estar deturpado pelas emoções patológicas. A lógica sozinha não pode levar a um raciocínio e conhecimento corretos se os princípios universais do qual ela parte já podem ter sido deformados pelas emoções patológicas.

É por esse motivo que onde predominam o ódio, a inveja e a ignorância tudo entra em decadência. O raciocínio mesmo é o processo de colocar em discussão o próprio conhecimento, dando azo à dúvida e à controvérsia; portanto, torna-se uma atitude de se opor ao que se sabe. Se a fonte de todo conhecimento reside nos princípios captados diretamente pela mente em necessidade de demonstração, qualquer tentativa de comprová-los denota uma intenção de colocá-los abaixo de nosso nível: “na verdade, os princípios são indemonstráveis, eternos e imutáveis porque são a manifestação do que temos de perene e perfeito na mente: os universais”⁶.

Keppe mostra como, para além dos fatores racionais e sensorialistas, a consciência da psicopatologia é imprescindível para que se chegue ao conhecimento universal. Esse também foi o objetivo almejado por Husserl em sua fenomenologia (doutrina segundo a qual a descrição imediata dos fatos e ocorrências psíquicas é anterior a qualquer explicação teórica e os objetos se manifestam de forma aparente e ilusória tanto na experiência dos sentidos como na

consciência imediata). No entanto, Husserl não foi capaz de apresentar uma metodologia prática para realizar tal intento.

Hoje a metodologia da Psicanálise Integral busca justamente, através da conscientização da psicopatologia, colocar o ser humano em contato com as três dimensões de sua realidade, sentimento, pensamento e ação, para que possa raciocinar de maneira correta, de acordo com o novo paradigma trológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método racional, bem como a fé e a experimentação têm sido amplamente usados na história como o modelo para a aquisição de conhecimento. A intuição, bem como fatores afetivos (do sentimento) passaram também a ser por vezes considerados, havendo agora um novo paradigma, que inclui três dimensões ao processo gnosiológico, a partir da compreensão trina (trológica) do ser humano, constituído que é pelo sentimento, pensamento e ação. Toda vivência humana deve considerar essas três características, incorrendo em parcialidade e imprecisão quando algum deles é negligenciado. Entendemos, portanto, que o conhecimento ocorra através dessas três dimensões, a afetivo-intuitiva, a racional e a experimental (energética, de prática).

REFERÊNCIAS

1. BERGSON, H. *Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência*. Lisboa, Ed. 70, 1927.
2. CHÂTELET, F. *A Filosofia Pagã*. São Paulo, Zahar, 1973.
3. GOMES, P. *Filosofia Grega Pré-Socrática*. Lisboa, Ed. Guimarães, 1994.
4. LADUSANS, S. *Reflexão Filosófica sobre o Relacionamento da Afetividade com a Verdade*. Revista de Psicanálise Integral, 1980; 3(6).
5. KEPPE, MA. *Algo Mais Amplo*. Revista de Psicanálise Integral. 1979; 2(4).
6. KEPPE, N. *O Homem Universal*. São Paulo, Ed. Proton, 1999.
7. KEPPE, N. *Tomás de Aquino e o Racionalismo*. Revista de Psicanálise Integral. 1983; 6(11).
8. KEPPE, N. *A Libertação*. Revista de Psicanálise Integral. 1979; 2(4).
9. LIMA, JLP. *Alguns Elementos de Psicanálise Integral*. Revista de Psicanálise Integral. 1979; 2(4).
10. LOSSKY, V. *Théologie Négative et connaissance de Dieu chez Maître Eckhart*. Paris, Librairie Philosophique, 1998.
11. MARCONDES, D. *Nous vs. Logos*. Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. 1989; 1(1).
12. MORA, JF. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Ed. Loyola, 2004.
13. PACHECO, C. *Previsões de Uma Nova Era de Paz*. Revista de Psicanálise Integral. 1983; 6(13).
14. RASCHIETTI, M. *O uno e o ser no pensamento de Meister Eckhart*. Trans/Form/Ação. 2012; 35(especial).
15. RUSSELL, B. *A Filosofia de Leibniz*. São Paulo, Ed. Nacional, 1968.
16. WERNECK, V.R. *Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa*. Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. 2006; 14(51).

**CELEIRO DO DIVINO: PLANTIO
EXPERIMENTAL DE TRANSIÇÃO
– UMA PRÁTICA EXITOSA DA FACULDADE
TRILÓGICA KEPPE & PACHECO**

**BARN OF THE DIVINE: TRANSITIONAL
EXPERIMENTAL PLANTING
– A SUCCESSFUL PRACTICE BY FACULDADE
TRILÓGICA KEPPE & PACHECO**

Sari Hannele Koivukangas¹, Ana Luiza Silva Rosa²,
Vanessa Widmanski³ e Eduardo Nascimento Castelã⁴

RESUMO

Este artigo apresenta o Plantio Experimental de Transição Celeiro do Divino, um projeto de Gestão Ambiental da Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco na cidade de Cambuquira, Minas Gerais. O objetivo foi recuperar a produtividade de um solo degradado pela agricultura tradicio-

¹ Mestre em Ciências Econômicas pela Universidade de Turku, Finlândia. Pós-graduada em Gestão de Conflitos pela FATRI. Psico-Sócio-Terapeuta creditada pela SITA. Graduada em Gestão Ambiental pela UNIP.

² Advogada especialista em Direito Imobiliário pela PUC-SP. Mediadora de Conflitos Judiciais e Extrajudiciais. Assistente Social formada pela UCSAL – Ba. Pós-graduada em Gestão de Conflitos pela FATRI.

³ Psicóloga graduada pela FMU. Professora de yoga formada pela Humaniversidade. Pós-graduada em Gestão de Conflitos pela FATRI.

⁴ Mestre em Gestão Pública e Sociedade pela UNIFAL-MG. Pós-graduado em Gestão da Psico-Sócio-Patologia pelo IKP/INPG. Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Mackenzie.

nal, procurando evitar quantidades exageradas de adubação química e não usar defensivos ou herbicidas, realizando assim um plantio de transição para uma agricultura que se preocupa com as questões ambientais e a qualidade dos alimentos e do solo, além de adquirir e compartilhar conhecimentos das práticas de agricultura sustentável. O projeto foi realizado pelos voluntários da Associação STOP à Destruição do Mundo, que trabalha com a conscientização das causas profundas da destruição e traz soluções mais sustentáveis para substituir as práticas destrutivas. O trabalho é uma aplicação prática da Trilogia Analítica, ciência criada pelo Dr. Norberto Keppe, que une Teologia, Filosofia e Ciência e considera que a saúde do ser humano e do planeta pode ser recuperada com Ação Pura.

Palavras-Chave: Milho. Solo. Plantio de Transição. Ação Pura.

ABSTRACT

This article presents the Experimental Transition Planting, Celeiro do Divino, which is an Environmental Management project of Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco in Cambuquira, Minas Gerais, Brazil. The objective was to recover the productivity of a soil that had been degraded by traditional agriculture, trying to avoid exaggerated amounts of chemical fertilization and not to use pesticides or herbicides, thus carrying out a transition planting for an agriculture concerned with environmental issues such as food and soil quality, besides acquiring and sharing knowledge on sustainable agriculture practices. The project was carried out by volunteers from STOP the Destruction of the World Association, whose aim is to raise awareness of the root causes of destruction and provide more sustainable solutions to

replace destructive practices. This project is a practical application of Analytical Trilogy, a science created by Dr Norberto Keppe that unites theology, philosophy and science and considers that the health of human beings and our planet can be recovered through pure action.

Keywords: Corn. Soil. Transition planting. Pure Action.

INTRODUÇÃO

Os desafios do século XXI se mostram complexos: saúde pública; segurança alimentar; crimes; sequestros; roubos; delinquência; poluição e desmatamento de florestas; em uma lista quase sem fim. Uma das crises eminentes é a do alimento, oriunda do mal uso de recursos, supremacia do valor do dinheiro, exploração etc. O ensino praticado na Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco procura levar os alunos à compreensão das causas mais profundas das crises, através do conhecimento da psicossociopatologia, trazendo soluções para superá-las. O fundador da ciência da Trilogia Analítica, que une Teologia, Filosofia e Ciência, Dr. Norberto Keppe, descobriu o fenômeno da inversão psíquica, que significa que o ser humano vê no bem um mal e no mal um bem, levando a sua civilização para o abismo. No seu livro Glorificação ele diz:

“Estamos em perigo de perecimento pelos próprios alimentos que plantamos e pelas carnes e peixes que comemos, envenenando-os antes. Então, existe alguma coisa de muito errado na civilização atual — e esta coisa errada vem do pensamento do ser humano que, por força, quer pensar que qualquer perigo será dominado a tempo. A isto eu chamei de Teomania, isto

é, a ideias de que teríamos o poder de deuses; no momento em que quisermos, por um passe de mágica, colocaríamos cada coisa no seu lugar. Mas não é assim”¹.

A Aldeia do Divino é um projeto da Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco, localizada em Cambuquira, MG. Ela serve como “campus” experimental, um laboratório para as aplicações dos projetos psicossocioambientais trilógicos. Coordenado por Vanessa Widmanski, psicóloga pós-graduada em Gestão de Conflitos pela Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco, o projeto Celeiro do Divino coloca em prática os princípios sociais keppeanos, que incluem o alimento básico para todos. Para isto, procurou-se recuperar a produtividade de um solo degradado pela agricultura tradicional, evitando-se quantidades exageradas de adubação química e o uso de defensivos ou herbicidas, realizando assim um plantio de transição para uma agricultura que se preocupa com as questões ambientais e com a qualidade dos alimentos e do solo. Dentro de seus objetivos destacaram-se a acumulação e compartilhamento do conhecimento de como plantar alimentos sem agrotóxicos na região de Cambuquira, MG, valorizando a cultura e características naturais da região; a busca de autonomia alimentícia e a provisão de alimentos para comunidades carentes; a melhora da saúde psicofísica dos voluntários através de uma ação no bem e uma alimentação saudável; o compartilhamento de conhecimentos sobre plantio, hábitos alimentares e preparação de alimentos de acordo com a cultura regional e internacional; a conscientização dos participantes sobre a verdadeira origem divina do alimento e a questão da vibração na Prática Espiritual.



Figura 1 – Localização da Aldeia do Divino, cenário da prática do Celeiro do Divino.

MÉTODOS E MATERIAIS

O processo de plantio experimental de transição começou com a escolha do local, no qual já era praticado o cultivo de modo tradicional característico da região: monocultura, utilizando adubos químicos, solo exposto, uso de defensivos e herbicidas de alta toxicidade.



Figura 2

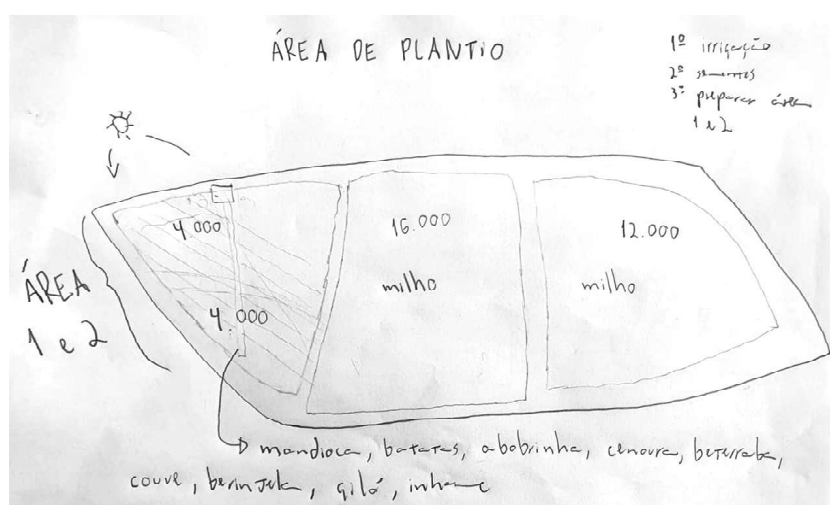


Figura 3

Figuras 2 e 3 – Área do Plantio do Celeiro do Divino (Google Earth; Flávio Togni, 2020)

Em seguida, a análise do solo, que foi feita no Laboratório SEMEAR – Laboratório de Análise de Solos e Folhas – UNINCOR no dia 27/05/2020 pela responsável Priscila Santos. O resultado pode ser verificado na tabela 1 abaixo.

pH		mg/l		mg/dm ³				cmolc/m ³							%					mg/dm ³							
CaCl	H2O	P-rem	P	P-resina	K	S	Na	Ca	Mg	Al	H+Al	SB	t	T	M.O.	m	V	Ca/T	Mg/T	K/T	B	Cu	Fe	Mn	Zn		
5,04	6	--	2,10	--	58,00	--	--	1,56	0,56	0,00	2,20	2,27	2,27	--	--	0,00	50,78	34,90	12,53	3,32	--	--	--	--	--		
Extratores														Legenda													
P, K, Na, Cu, Fe, Mn, Zn = Mechlic-1														SB = Soma das Bases trocáveis (CA + Mg +k)													
Ca, Mg e Al = KCl 1,0 N														T = C.T.C a pH 7,0 (SB+H+Al)													
B = Água quente														V = Saturação das Bases da C.T.C a pH 7,0 (100 S/T)													
P-resina – Resina														M.O. – Oxidação com biocarbonato de sódio +ácido Sulfúrico													
pH = água e C.Cálcio (relação 1:2,5)																											
H+Al = Extrator SMP																											

Tabela 1 – A análise do Solo do Sítio Aldeia Xororó, Cambuquira, MG. Fonte: Laboratório SEMEAR – Laboratório de Análise de Solos e Folhas – UNINCOR

Na análise, verificou-se que a produtividade do solo (saturação de base) estava em torno de 50%, demonstrando pouca fertilidade, característica do sistema de produção anterior. A partir da análise do solo, os técnicos indicaram a calagem e adubação necessária a cada cultura. O Professor Flávio Togni, que leciona na Faculdade Trilógica Keppe e Pacheco a disciplina Estudo de Solos e Práticas Conservacionistas, traçou o perfil do terreno com a ajuda do *Google Earth*, constatando que as declividades variam entre 4% - 18%, recomendando realizar curvas de nível como medida de contenção de erosão e perdas de água.

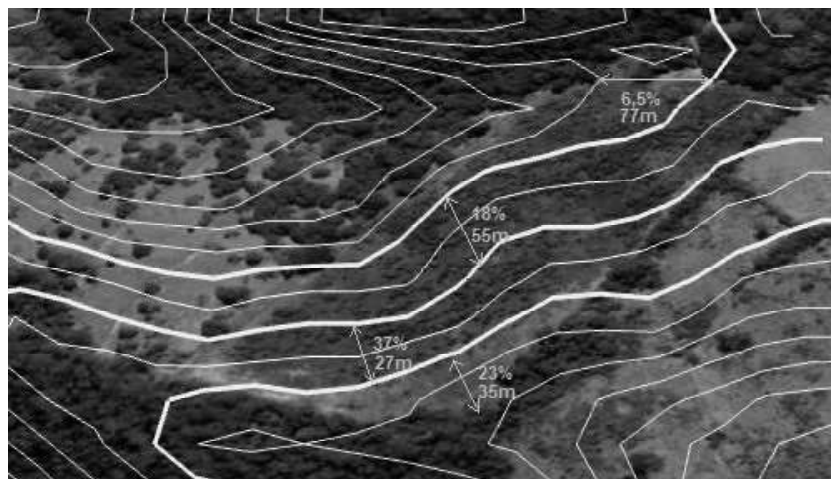


Figura 4 – Declividades do Celeiro do Divino (Fonte: Google Earth; Flávio Togni, 2020)

Foi contratado um tratorista, que preparou a terra de 4,5 hectares. Após o preparo da terra, foi feita a calagem. O primeiro plantio foi o de mandioca, no dia 09/10/2020, feito manualmente, a partir de manivas, sendo plantado feijão fradinho na entrelinha, com a intenção de fazer um consórcio entre essas duas culturas, bem como para que o feijão fizesse a adubação verde. Quanto ao feijão, a variedade de feijões nativos encontrados na região é muito grande: fradinho, carnaval, preto, rosinha, bolinha, mulatinho e vermelho; sendo este último o escolhido. Dessa ação participaram voluntários e prestadores de serviço locais. A área utilizada foi de 5.000m². Em 23/10/2020, foi feito o plantio de milho orgânico, semente desenvolvida pela EMBRAPA e produzida na região de Fortuna de Minas-MG. O plantio foi feito por meio de trator, com área total de 1 hectare. No restante da área foram plantadas sementes de adubação verde,

entre elas: girassol, milho, milheto, feijão guandu, feijão de corda, painço para que a terra possa ter naturalmente mais nutrientes, fazer o controle da braquiária, bem como trazer matéria orgânica e solo coberto, garantindo fertilidade a outras espécies que serão plantadas futuramente, como abóbora, legumes e frutíferas.

Plantio Experimental da Aldeia do Divino					
Área	Espécie	Quantidade	Data de Plantio	Data de Colheita	Colheita Estimada
2.500m ²	Mandioca	1.000 manivas	09/10/20	Jun-21	4.000kg
2.500m ²	Feijão Fradinho	4kg sementes	23/10/20	Jan-21	120kg
1 hectare	Milho	20kg sementes	11/11/20	Fev-21	3000kg

Tabela 2 – As espécies, quantidades e datas do Plantio Experimental Celeiro do Divino

Além da calagem, as indicações básicas para garantir o bom desenvolvimento do milho foram o uso de NPK junto com o plantio e, depois de um mês, cobertura de ureia, feita também com trator. O cuidado com a mandioca, uma vez que não foi feito o uso de herbicida, foi o uso de roçadeira no entorno, evitando o sufocamento das mudas. Segundo a orientação do Professor Flavio Togni, as covas deveriam ser um pouco mais rasas para facilitar a colheita. Quanto mais funda a cova, mais fundas ficam as raízes. Cobriram-se as manivas com 5 cm de terra. Nas entrelinhas de mandioca foi plantado feijão fradinho, constituindo um consórcio. Após 15 dias do plantio, as mandiocas já estavam brotando, para grande alegria de todos. Porém, o cipó também estava se espalhando pelas plantações, necessitando de limpeza na área das mandiocas, o que foi facilitado com uma enxada rotativa. No entanto, notou-se que as plantas “daninhas” podem ser benéficas, pois controlam a erosão e mantêm o solo coberto, sempre se atentando para que não prejudiquem a plantação. As plantas arrancadas permaneceram no local para contri-

buir como adubo. Por exemplo, com o milho não houve necessidade desse controle. Observou-se no meio dele as espécies espontâneas braquiária e cordão de viola que, apesar de dificultarem um pouco a colheita, não tiveram efeito negativo na formação das espigas.

Foi feito um plano de estocagem, sendo construído um galpão para esta finalidade. Uma forma de guardar os feijões não plantados na temporada sem perderem o vigor germinativo, é de colocá-los na geladeira. No entanto, como a Faculdade Trilógica possui a sala de testes do Keppe Motor, o motor captador e transmissor de energia magnética, as sementes foram guardadas lá em garrafas pet, com folhas de louro, alho e cinzas para conservá-las. No caso da mandioca, ela pode ficar na terra por um período de até 2 anos, evitando a necessidade de estocagem. Deve-se colher apenas o que for usar.

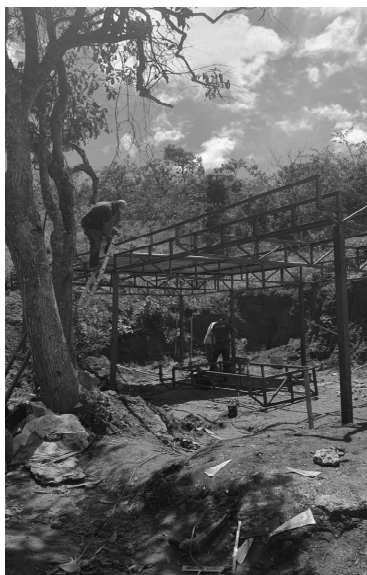


Figura 6 – Construção do galpão para estocar o alimento.

Planejou-se um curso para a colheita do milho, que não pôde ser realizado em sua totalidade, por causa das restrições impostas pelo covid-19. Em seu lugar, foi organizada a Festa da Primeira Safra do Milho do Divino. Antes da colheita acontecer, foi realizada uma celebração espiritual em São Paulo-SP, no dia 7 de fevereiro, 2021 com uma missa, com a finalidade de lembrar passagens bíblicas que falam sobre o plantio, a colheita e os significados psíquicos e espirituais desta prática, contribuindo assim para o processo de interiorização dos participantes.

Procurando ao mesmo tempo avivar valores culturais locais, essas práticas trazem também a lembrança de que a cidade de Cambuquira-MG, parte da diocese de Campanha-MG, é uma das cidades nomeadas como “forania Nossa Senhora dos Campos”, decreto editado em 29/06/2008 por Dom Diamantino P. de Carvalho, atribui a fertilidade desses solos à Virgem Maria e relata ser “*campo abundante onde se produz o fruto eterno que nos remiu e salvou depois do fruto perverso do paraíso*”, sendo os envolvidos ativos nesse compromisso de utilizar práticas que mantenham essas características regionais de fertilidade e não apenas a explorem, deixando rastros de degradação. O dia de início da colheita, dia 11/02/2021, foi exatamente o dia de Nossa Senhora de Lourdes. Sendo assim, no milharal foi feita uma oração de agradecimento. Houve também a consagração do plantio e colheita à nossa Senhora de Lourdes.



Figura 6 – Consagração do Plantio e Colheita à Nossa Senhora de Lourdes

A colheita do milho foi feita de 12 a 14 de fevereiro de 2021, exatamente 3 meses depois do plantio, na época em que o milho está pronto para ser colhido verde. A colheita contou com a participação de alunos do curso de gestão ambiental e do curso de gestão de conflitos, voluntários, membros da comunidade e prestadores de serviço. A voluntária Renata Macedo relatou o seguinte sobre o evento:

“Hoje é dia da colheita do milho orgânico na Aldeia do Divino! Os voluntários estão a todo vapor no campus experimental da FATRI. Esse é mais um projeto de aplicação dos ideais triloógicos junto à comunidade de Cambuquira, em ação de graças pela primeira safra do “mi-

lho do divino”. Além da colheita e receitas deliciosas, serão feitas doações de milho verde para famílias carentes da região”.

E completou, citando um trecho de fala da Dra. Cláudia Pacheco:

“Com a vinda do Espírito Santo, há uma mudança na consciência interior dos homens, que buscam construir um mundo justo, de riquezas abundantes e compartilhadas, de respeito ao meio ambiente, de altruísmo e espiritualidade. Um mundo em harmonia com o Ser Divino, a partir do interior Bom, Belo e Verdadeiro que existe em todos nós”².

Os voluntários foram divididos em equipes durante a colheita: 1^a) pessoas para abrir o caminho nas entrelinhas; 2^a) colhedores de espigas; 3^a) carregadores dos sacos até o transporte e 4^a) organizadores dos sacos colhidos, sendo 30 sacos no total. Outra equipe ainda realizou o processamento do milho para armazenar em conservas, bem como fazer receitas (pão de milho; pamonha; creme de milho; sopa e bolo). Esta atividade se deu principalmente em Cambuquira-MG, mas também se estendeu aos professores e voluntários de São Paulo-SP. O professor da FATRI Roberto Silvando de Abreu ensinou a preparação de um prato típico venezuelano, a “*Cachapa*”, para os voluntários. O jantar foi realizado com piano ao vivo, com o professor americano Gilbert Cambucci, em comemoração e agradecimento aos participantes e à farta colheita.

Programação

Sábado - 13 de fevereiro

6:30 às 7:30 café da manhã

7:00 saída para a Aldeia do Divino para realizar a **colheita** do milho

8:00 Na recepção do GHT encontro dos grupos das **conservas, preparações e distribuição**

12:30 Almoço no Restaurante Fado Tropical , comida saudável, incluso alimentos de nossa horta

14:00 Continuidade das atividades de **colheita, distribuição, conserva e preparações**

17:00 Momento livre para passeio na cidade ou Parque das Águas

19:00 Jantar com comida saudável, incluso preparações com milho colhido

20:00 Leitura terapêutica na Capela

Domingo - 14 de fevereiro

7:00 Exercícios físicos energizantes

8:00 Café da Manhã

9:00 Oração de Ação de Graças na Capela

12:30 Almoço com comida saudável, incluso alimentos de nossa horta

14:00 Compartilhar vivências



Figura 5 – Programação da Festa da Primeira Safra do Milho do Divino.

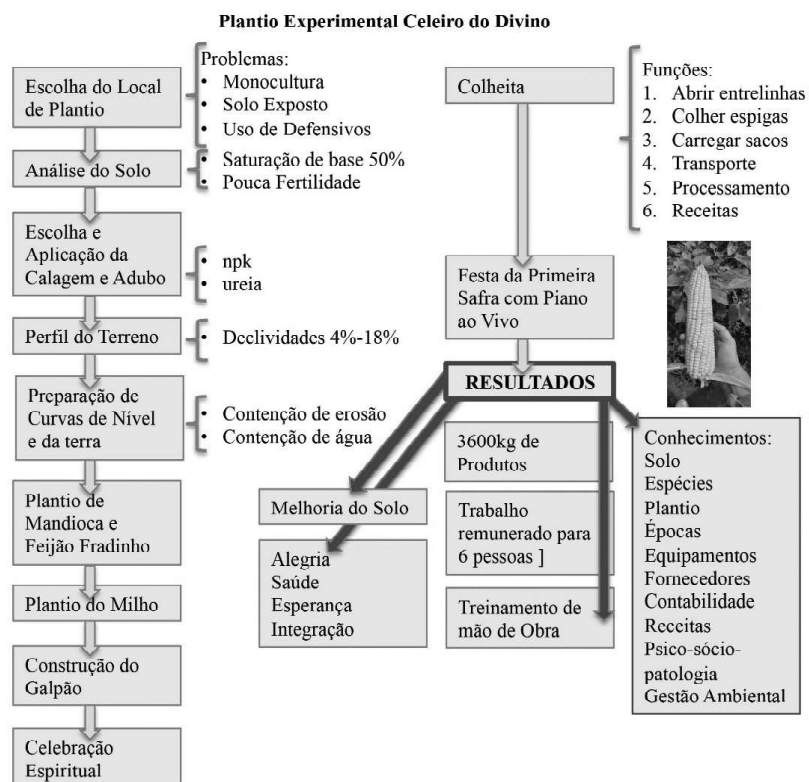


Figura 6 – Resumo do fluxo das Atividades do Plantio Experimental Celeiro do Divino

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plantio experimental rendeu 30 sacos de 60 kg de alimentos e 30 sacos de 60 kg de sementes para plantio futuro, ou seja, um total de 3600kg. O projeto melhorou o solo da Aldeia do Divino para futuras plantações, possibilitando a

transição para plantios mais sustentáveis. O milho verde e as receitas de maior sucesso foram compartilhados com as pessoas da cidade de Cambuquira-MG, em agradecimento ao acolhimento e trabalho desenvolvido juntos com Arione, o tratorista; Eduardo da EMATER e o prefeito da cidade: Fabrício dos Santos Simoni.

Outros cinco sacos de 60kg foram divididos em embalagens contendo 15 espigas cada, distribuídas em bairros da cidade que concentram população com pouco ou nenhum recurso financeiro. Metade do milho foi deixado para secar nas espigas para ser utilizado como sementes para as plantações futuras, sendo colhido em meados de abril, conforme a orientação do professor Flávio Togni. Nesta altura começou-se a plantar feijão vermelho, cobrindo-o com palha para garantir que fique mais úmido, com mais micro-organismos essenciais e que sofra menos impacto da passagem do trator, evitando erosão.



Figura 7 – Os voluntários da colheita de Milho na Aldeia do Divino da Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco, Cambuquira, MG.

Além do envolvimento da comunidade, das lideranças e técnicos locais, o projeto gerou trabalho remunerado temporário para 6 pessoas locais, incluindo treinamento para mão de obra qualificada. Os participantes compartilharam e adquiriram conhecimentos sobre a Aldeia do Divino: solo; tipos adequados de espécies; plantio e suas épocas; colheita; preparação de alimentos; locais de fornecimento; tipos de equipamento; contabilidade; receitas; psicossociopatologia e gestão ambiental. As atividades proporcionaram alegria e a possibilidade de desenvolvimento e melhora na saúde dos participantes, como também esperança em plena crise da pandemia Covid-19. A integração entre diversas faixas etárias estimulou o convívio e trocas, como também trabalho em equipe e gestão de conflitos na prática, um estágio em Ação no Bem. Os conhecimentos foram registrados pela Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco nas suas publicações para a comunidade científica e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

1. KEPPE, N. *A Glorificação*, São Paulo, Ed. Proton, 1981.
2. PACHECO, CBS. *História Secreta do Brasil*, São Paulo, Ed. Proton, 2016.

**ARTE, CRIATIVIDADE
E PSICO-SÓCIO-PATOLOGIA (PARTE 1)
ART, CREATIVITY AND
PSYCHO-SOCIO-PATHOLOGY (PART 1)**

Marcos Fernando Vescovi Pera¹

RESUMO

Este artigo é um resumo do livro Arte, Criatividade e Psico-Sócio-Patologia, do mesmo autor, sobre o estado de decadência da nossa civilização e as origens dessa derrocada. A pesquisa buscou identificar suas causas entre o final do século XIX e o início do século XX, tendo sido detectadas influências de fatores psíquicos, sociais, espirituais e filosóficos nos artistas e na sociedade em geral. Segue-se um estudo da psicopatologia dos artistas e do público; da influência da mídia e dos meios de comunicação; dos interesses das sociedades secretas e mesmo de seres espirituais malignos; e dos erros filosóficos incorridos - propondo-se uma solução para a realização de uma sociedade verdadeiramente trilogica. Esta edição apresenta a Parte 1 do trabalho, com ênfase nos aspectos da decadência a partir do início do século XX. As Partes 2 e 3 serão publicadas nas próximas edições desta Revista.

Palavras-chave: Psico-Sócio-Patologia. Arte. Criatividade. Erros Filosóficos. Influências Espirituais.

¹ Pós-graduado em Gestão da Psico-Sócio-Patologia pelo Instituto Keppe & Pacheco e INPG. Engenheiro de Produção pela Universidade de São Paulo (1980). Compositor, pintor e escritor.

ABSTRACT

This article is a summary of the book *Arte, Creativity and Psycho-Socio-Pathology*, by the same author, about the state of decay of our civilization and the origins of this collapse. The research sought to identify its causes between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, having detected influences of psychic, social, spiritual and philosophical factors in artists and society in general. This is followed by a study of the psychopathology of artists and the public, the influence of the media, the interests of secret societies and even evil spiritual beings, and the philosophical mistakes incurred, proposing a solution for the realization of a truly trilogical society. This edition presents Part 1 of the work, with an emphasis on aspects of decay from the beginning of the 20th century. Parts 2 and 3 will be published in future issues of this Journal.

Keywords: Psycho-Socio-Pathology. Art. Creativity. Philosophical Errors. Spiritual Influences.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz algumas informações sobre o livro de mesmo nome; o qual reflete uma preocupação em relação ao estado atual da sociedade em que vivemos. Como as artes espelham, e mesmo orientam o comportamento de uma sociedade, procuramos analisar um pouco do que aconteceu às mesmas no decorrer do último século, para elucidar o que ocorreu em nossa sociedade como um todo.

Se nos atentarmos ao fato de que os resultados alcançados pelos agrupamentos humanos são consequência dos atos de cada um de seus componentes, penso que este estudo

poderá ser útil a cada um dos que o lerem. Por outro lado, creio não ser necessário mencionar que a criatividade - outro dos tópicos abordados no livro – aplica-se a qualquer atividade humana, desde as aparentemente mais simples às mais complexas, inclusive para torná-las mais simples. Quem usa mais sua criatividade tem maiores condições de sucesso, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Consequentemente, quanto mais houvesse indivíduos agindo assim, melhor seria o resultado para a sociedade como um todo. Foi nisso que o mencionado livro se propôs a ajudar, porém sem pretender esgotar esse assunto tão fascinante, que merece mais estudos e discussões. Observação: Focamo-nos nas Artes, mas as conclusões a que chegamos se aplicam a qualquer campo do conhecimento. Por ser um pouco longo, ele será dividido em três partes, editadas em três números consecutivos desta revista.

PARTE 1:

1.1. A DECADÊNCIA

Comecemos nossa análise pela decadência das artes, fazendo um comparativo entre o número de *grandes artistas* que foram contemporâneos no período de apogeu das artes (meados do século XIX até o início do século XX, aproximadamente) e o número atual de *grandes nomes* nessa área, mais especificamente, entre pintores, músicos e literatos. Chegamos à conclusão que eles estão verdadeiramente diminuindo. Para o mesmo período analisado, verificamos o que aconteceu naquela época em relação à ciência:

1. O telefone foi oficialmente patenteado em 1876 pelo escocês Alexander Graham Bell, embora vários outros

pesquisadores, como o italiano Antonio Meucci, já trabalhassem nesse sentido anteriormente;

2. O telégrafo sem fio, implantado em grande escala, data do início do século XX, assim como o rádio, que conta com o padre brasileiro Roberto Landell de Moura (1861-1928) como um de seus pioneiros;

3. A iluminação elétrica em larga escala chegou às cidades nesse período;

4. Os transportes, principalmente por via férrea e marítima, se intensificaram nessa época;

5. O avião foi descoberto em 1906, por Alberto Santos Dumont (1873-1932);

6. A produção em massa de automóveis começou em 1888, sendo que vários modelos movidos a energia elétrica ou híbridos surgiram no início do século XX;

7. O químico e biólogo francês Antonie Béchamp (1816-1908) descobriu as microzimas, entidades vivas responsáveis pela manutenção da vida, que criam bactérias em resposta a fatores ambientais e do hospedeiro; portanto, ele não acreditava que as bactérias pudessem invadir um hospedeiro saudável e criar doenças por si mesmas, como a ciência trológica de Norberto Keppe veio recentemente confirmar (vide Norberto Keppe, “Teologia Trológica (Científica)” – Proton Editora);

1) Sigmund Freud (1856-1939), Karl Gustav Jung (1875-1961) e outros grandes influenciadores da ciência da vida psíquica, como Melanie Klein (1882-1960), viveram nessa época.

Enquanto isso, hoje em dia nossas cidades se asfixiam e se paralisam devido a meios de transporte já arcaicos, somos envenenados pela comida e bebida que ingerimos, e mortos pelas vacinas que obrigam que nós e nossos filhos tomemos.

Seria isso desenvolvimento, ou uma grande decadência, já que poderíamos estar viajando pelo espaço, livres de doenças e pobreza (somente para falar da questão material)?

1.2. ORIGENS DA DECADÊNCIA

Passamos então a analisar as origens da decadência atual, focando-nos na Primeira Guerra Mundial (ocorrida entre 1914 e 1918, justamente dentro do período de início de decadência nas artes), descrevendo algumas das suas causas, que certamente incluíram interesses comerciais e de poder, tais como: 1º) Inglaterra e França explorando suas colônias no mundo todo; 2º) o Império Alemão começando a colocar em perigo esse poder, através da oferta de seus produtos no exterior; 3º) criação do Federal Reserve em 1913 nos EUA, que é um banco privado, controlador de todas as emissões de dólares e fundado por J. P. Morgan. Posteriormente, o Federal Reserve ajudou a financiar a Revolução Comunista na Rússia; 4º) os interesses da indústria armamentista – para se ter uma ideia do grau dessa influência, apenas entre 1908 e 1913 os gastos militares das potências europeias aumentaram em 50% e 5º) as consequências da guerra, que oficialmente contabilizou dezenove milhões de mortos.

Após o armistício, a fome se intensificou, pois a produção de alimentos foi severamente prejudicada devido aos próprios combates e bombardeios em zonas de cultivo e à perda de mão-de-obra da agricultura. Houve também um consequente agravamento das doenças, resultante de todas as decorrências da guerra. Isso levou a milhares de mortes, e à emigração em massa das regiões mais atingidas, com a separação de muitas famílias.

Nesse ambiente de falta de esperança e pessimismo, os movimentos artísticos que já haviam sido iniciados no come-

ço do século, como o Expressionismo (deformação da realidade para expressar a natureza e o ser humano de forma subjetiva, tendo por temas principais a solidão e a miséria, refletindo a angústia e a ansiedade dos artistas e da sociedade da época), por exemplo, se intensificaram, com a aceitação da feiura nas artes. Surge então o dodecafonismo na música (uma forma quase que totalmente matemática de se fazer música – de acordo com Gilbert Gambucci, em seu livro *Por Dentro da Música*, publicado pela Proton Editora), sistematizado por Arnold Schoenberg em 1921. No dodecafonismo a dança se desliga do ritmo e as construções ficam cada vez mais “quadradas” e sem ornamentos.

Entretanto, como toda ação provoca reações, no período posterior, entre as duas Grandes Guerras surgiram movimentos de retomada cultural, como a *art déco*, movimento que, embora menos rebuscado que a *art nouveau*, também incluía ornamentos, e afetou as artes decorativas, a arquitetura, o design de interiores e o desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura e as artes gráficas. Músicos como Sergei Prokofiev (1891-1953), Dmitri Shostakovich (1906-1975), Sergei Rachmaninof (1873-1943), o nosso Villa-Lobos (1887-1959), Béla Bartok (1881-1945) retonaram as correntes anteriores ao dodecafonismo, e o cinema teve grande desenvolvimento nesse período.

Após a Segunda Guerra Mundial, porém, já é voz corrente que a CIA financiou os artistas do Expressionismo Abstrato, como Jackson Pollock, Robert Rauschenberg, Mark Rothko, Willem de Kooning. Esta questão é abordada no livro: *Who Paid the Piper: The CIA and the Cultural Cold War* (Quem Pagou a Conta: a CIA e a Guerra Fria Cultural), de Frances Stonor Saunders, editado no Brasil pela Editora Record, com tradução de Vera Ribeiro. Com o movimento do Expressionismo Abstrato, as aberrações voltaram com força

para se firmarem de vez, pelo menos na arte considerada oficial. Quem visitar atualmente uma das Bienais pelo mundo (Frankfurt, Veneza, São Paulo) poderá apreciar as mais estapafúrdias instalações, mas raramente algo realmente estético.

Com relação ao Expressionismo Abstrato, poderia surgir a pergunta: - *"Mas isso também não é criatividade?"*, ao que eu poderei responder que a criatividade, como tudo na vida, deve estar ligada a algo bom, útil e estético. Tal criatividade é muito mais difícil de ser realizada do que a mera destruição de algo, como já ocorreu, e ainda ocorre, em muitos *happenings*. Também é mais difícil de ser realizada do que juntar coisas já prontas, como nos famosos *ready-made* de Marcel Duchamp, sobre os quais muito da arte contemporânea se apoia, ou nas colagens, por exemplo.

Para melhor explicarmos essa questão, devemos notar que os dois fatores fundamentais para qualquer pessoa fazer um trabalho ligado à realidade são seu intelecto e sua vontade. Usando esta última, a pessoa pode unir seu intelecto à sua intuição, ou à sua fantasia (no sentido de algo irreal, delirante). No primeiro caso, surgem as grandes obras e realizações, e no segundo, a destruição e a confusão. Como diz Norberto Keppe,

Tudo o que se refere à vontade apresenta-se com duas possibilidades: uma, de aceitação da realidade, e a segunda, de criação de alguma fantasia. Exatamente o mesmo acontece com o conhecimento, que pode ser usado de duas maneiras: em forma de elaboração de uma ideia, de um sistema etc., ou no reconhecimento da verdade (do que é real).

Até o ser humano, as coisas correm normalmente, mas do homem em diante, tudo torna-se imprevisível, pois ele pode escolher o certo ou o errado, o conhecimento verdadeiro ou a fantasia; no primeiro caso, seria mais uma aceitação do que uma decisão, um reconhecimento e uma obediência à verdade.

A característica fundamental do ser humano é a sua liberdade, a tal ponto que podemos dizer: ser humano é ser livre — essa liberdade é total, não apenas para o que pensa, mas sinta e faça. Praticamente, assumimos os aspectos que determinamos pela vontade — o centro de nossa vida⁵.

Podemos dar exemplos disso em algumas áreas:

1^a) Na arte, com os quadros monocromáticos e os metais retorcidos, expostos em muitas galerias de arte ao redor do mundo;

2^a) Na agricultura, com o uso da monocultura, dos transgênicos e agrotóxicos em lugar de processos naturais (como se o artificial fosse melhor);

3^a) Na economia, com a especulação financeira em lugar da produção, ou também a abolição do lastro em ouro (algo real) para a impressão de papel moeda;

4^a) Na física, com o uso da matéria (carvão, petróleo) como fonte de energia, a qual já é livre em todo o universo, bastando um maior contato com a realidade e suas leis para encontrar meios de captá-la (falaremos mais sobre este assunto posteriormente);

5ª) Na política, com a utilização que os políticos fazem dos recursos da nação em seu próprio proveito e sua subserviência ao poder econômico, em detrimento do povo;

6ª) Na sociedade, com a valorização do dinheiro, do poder e do sexo, ao invés do trabalho, da sabedoria e do amor;

7ª) Na medicina, com o uso de remédios alotrópicos e cirurgias em vez da prevenção e do desenvolvimento da verdadeira medicina, que é psicossomática;

8ª) Nos negócios, com o lucro em primeiro lugar, em detrimento do benefício social...E assim por diante, em cada área e profissão.

Portanto, creio na verdade da minha afirmação de que vivemos em um mundo decadente que, no geral, se ressentido de mais criatividade e contato com a verdadeira realidade (boa, bela e verdadeira, como diz N. Keppe). Mas quais são as origens e os interesses por trás de toda essa decadência e falta de criatividade? Eu poderia enumerar alguns, reunindo-os resumidamente em: fatores psíquicos (como a teomania, a inveja, a arrogância – da forma como vistas por Norberto Keppe, conforme veremos adiante), fatores filosóficos, fatores sociais (como as guerras e outros fatores que influenciam o pensamento da sociedade como um todo) e fatores espirituais (talvez as menos invocadas, mas provavelmente as principais, contando com a influência das sociedades secretas).

(Parte 2 deste artigo a ser publicada em outra edição desta Revista)

REFERÊNCIAS

1. DEROSA, C. *Edward Bernays e o Controle da Opinião Pública*. Jornal Eletrônico: Mídia sem Máscara, n. 227.
2. KEPPE, N. *O Reino do Homem*. São Paulo, Ed. Proton, 1983.
3. KEPPE, N. *Teologia Trilógica (Científica)*. São Paulo, Ed. Proton, 2009.
4. KEPPE, N. *A Libertação da Vontade – A Libertação do Livre Arbítrio*. São Paulo, Ed. Proton, 1992.
5. KEPPE, N. *A Glorificação*. São Paulo, Ed. Proton, 1998.
6. KEPPE, N. *Auto-Sentimento*. São Paulo, Ed. Proton, 1977.
7. KEPPE, N. *A Libertação*. São Paulo, Ed. Proton, 1998.
8. KEPPE, N. *A Libertação dos Povos*. São Paulo, Ed. Proton, 1987.
9. KEPPE, N. *Metafísica Trilógica, Fenômenos Sensoriais Transcendentais*. Volume II, São Paulo, Ed. Proton, 2002.
10. KEPPE, N. *O Universo dos Espíritos*. São Paulo, Ed. Proton, 2006.
11. KEPPE, N. *Sociopatologia*, São Paulo, Ed. Proton, 1991.
12. PACHECO, C. *ABC da Trilogia Analítica*. São Paulo, Ed. Proton, 2001.
13. PACHECO, C. *A Cura pela Consciência*. São Paulo, Ed. Proton, 1994.

O BAILARINO RUSSO VASLAV NIJINSKY: UMA ANÁLISE TRILÓGICA DE SUA VIDA

RUSSIAN DANCER VASLAV NIJINSKY: A TRILOGICAL ANALYSIS OF HIS LIFE

Mariane Barros Fernandez¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade apresentar uma análise trilógica da vida de Vaslav Nijinsky, baseada em estudos biográficos sobre o bailarino russo e nos textos autobiográficos do livro *Cadernos de Nijinski*, conjunto de quatro cadernos escritos pelo artista. A análise é definida como trilógica por estar baseada nos estudos da Trilogia Analítica, ciência que unifica Teologia, Filosofia e Ciência.

Palavras-chaves: Diário. Bailarino. Deus. Demônios. Loucura.

ABSTRACT

This article has the purpose to present a trilogical analysis of Vaslav Nijinsky's life through the study of biographical texts about this Russian dancer, especially his autobiographical writing, called *The Diary of Vaslav Nijinsky*, a series of four notebooks written by the artist. This analysis is defined as trilogical because it is based on the studies of

¹ Mestranda em Estudos Comparados em Literatura e Outras Artes pela Universidade Aberta de Portugal, Professora e Psicossocioterapeuta pelo Instituto Keppe & Pacheco e Bailarina.

Analytical Trilogy, a science that unifies Theology, Philosophy and Science.

Keywords: Diary. Ballet dancer. God. Demons. Madness.

O ARTISTA

Vaslav Nijinsky nasceu em Kiev, Ucrânia, em 1889. Como filho de bailarinos poloneses, ele atuou desde os quatro anos, dançando nas apresentações de seus pais em teatros e circos. Segundo Romola Nijinsky:

[...] O pai, Thomas Nijinsky, belo homem, de temperamento sombrio e arrebatado, altivo e ambicioso, era um dançarino já da quarta geração, numa família em que a arte e a técnica da dança se transmitiam de pais a filhos [...] vivia e dançava na Rússia, onde era célebre e popular ao mesmo tempo. Todavia, a sua origem polonesa e o fato de não ser graduado pelas escolas imperiais, impediam-no de realizar o seu maior desejo, que era tornar-se membro do Teatro Imperial. E foi esta a grande tragédia da sua vida⁷.

Como não pertencia a qualquer teatro, Thomas Nijinsky não tinha residência fixa. A família Nijinsky circulava de cidade em cidade para exercer a sua arte, percorrendo toda Rússia, do mar Báltico ao mar Negro; da Sibéria ao Turquestão. A mãe, Eleonora, bailarina graciosa e muito religiosa, por onde quer que passasse levava os filhos à Igreja. A vida da família era uma peregrinação constante.

Thomas Nijinsky logo percebeu que Vaslav era seu filho mais dotado e passou a instruí-lo. No entanto, em uma viagem pela Rússia Central, ele se apaixonou por uma jovem bailarina judia e resolveu abandonar a sua família. Sua esposa, desamparada, mudou-se com Vaslav e seus irmãos para São Petersburgo. Ao mesmo tempo que lutava todos os dias para conseguir os meios de subsistência para seus filhos, também vislumbrava a possibilidade de Vaslav entrar na Escola Imperial da Rússia. E, para sua grande alegria, aos nove anos, Vaslav entrou na Escola de Balé do Teatro Imperial. Na mesma escola na qual frequentaram: Michel Fokine, Anna Pavlova, Tamara Karsavina, George Balanchine, Rudolf Nureyev, Natalia Makarova e Mikhail Baryshnikov.

Tal foi o sucesso de Vaslav que, dois anos antes dele se formar, o diretor da Escola de Balé prontificou-se a ingressá-lo, como membro regular, do Teatro Mariinsky, um caso sem precedentes na história daquela Escola. Segundo a jornalista e escritora norte-americana Joan Acocella, mesmo com toda fama, Vaslav não ganhava o suficiente para ajudar a sustentar a família e naquela época era muito comum a prática dos bailarinos aceitarem recebimentos em troca de favores sexuais. Em 1907, Vaslav foi apresentado ao Príncipe Lvov, que ficou lisonjeado em ajudar financeiramente o bailarino. No ano seguinte, o próprio príncipe encaminhou Vaslav para uma das figuras mais proeminentes no mundo das artes em São Petersburgo, que era Sergei Pavlovitch Diaghileff (1872-1929). A partir daquele momento, Vaslav encontrou a pessoa que desempenhou o papel mais importante em sua vida.

Em 1909, Nijinsky viajou à Paris com a recém-criada companhia de balé de Sergei Diaghilev, *Ballets Russes*, adquirindo grande reconhecimento internacional. Durante os três anos seguintes, Nijinsky alcançou o auge de sua carrei-

ra, como primeiro bailarino da companhia, com coreografias de Michel Fokine como, *Les Sylphides*, *Scherazade*, *O Espectro da Rosa*, *Petrouchka* e outras.

Após grande fama em Paris, Londres e outras capitais europeias e americanas, a companhia *Ballets Russes* se tornou um ícone no mundo da dança. Para quebrar o molde rígido em que o balé havia caído no final do século XIX, Diaghilev propôs que cada peça fosse colocada em seu próprio mundo distinto, encontrando no orientalismo, a chance para oferecer ao público um irresistível banquete visual.

Além de Nijinsky, Diaghilev conseguiu reunir diversos outros talentos, como os coreógrafos Michel Fokine e George Balanchine, os compositores Igor Stravinsky, Claude Debussy, Sergei Prokofiev, os figurinistas Léon Bakst, Coco Chanel e artistas como Vasily Kandinsky, Alexandre Benois, Léon Bakst, Valentin Serov, Pablo Picasso e Henri Matisse.

A transformação do papel masculino na dança foi uma das grandes revelações da companhia. No ballet *Scherazade*, pela primeira vez, a prioridade foi dada ao personagem masculino, executado por Nijinsky, que brilhou no palco com sua incrível técnica e uma exótica combinação de erotismo e graciosidade:

*Tal pulo só poderia ser comparado ao de um tigre, até então enjaulado, e que, agora, açoitava com ímpeto a vítima, logo arrastada até um divã, num sacalão da mais despejada luxúria. Nijinsky era de uma inexprimível selvageria voluptuosa*⁷.

Graças à coreografia de Michel Fokine (1880-1942), o bailado foi liberto da tradição clássica e, encontrara em Nijinsky o representante mais entusiasta e revolucionário,

que dançava com toda sua alma em movimentos extremamente harmoniosos e saltos que pareciam desafiar a lei da gravidade. Chamado por muitos de o “Deus da Dança”, a “Oitava Maravilha do Mundo” e o “Vestris do Norte” (referência ao bailarino Auguste Vestris), Nijinsky era uma figura exótica (traços mongóis e “maçã” do rosto proeminente), de personalidade intrigante, tão presente e forte no palco, tímido e resguardado nos bastidores. Em suas memórias, Ottoline Morrell, uma das patronas do *Ballets Russes*, relata que nos anos anteriores à guerra, Nijinsky era alvo de fábulas fantásticas. Como exemplo, havia a fábula de que ele usava cintos de esmeraldas e diamantes, que recebera de um príncipe indiano.

Outra grande revolução no balé do início do século XX ocorreu quando Diaghilev encorajou Nijinsky a tornar-se coreógrafo da companhia. Seus balés *L'Apré-Midi d'un Faune* (1912), *Jeux* (1913) com música de Debussy e *Le Sacre du Printemps* (1913), com música de Igor Stravinsky, foram um escândalo para a época, causando grande alvoroço, principalmente pelas formas ousadas e eróticas que os bailarinos se apresentavam. A *Sagração da Primavera*, como é sabido, desencadeou uma revolta no *Théâtre des Champs-Élysées* em Paris, a ponto de terem que chamar a polícia para abrandar o tumulto.

Nestes três *ballets*, as formas tradicionais do balé clássico (as cinco posições e os movimentos “*en dehors*”) foram totalmente abolidas. Em *L'Apré-Midi d'un Faune*, os bailarinos se moviam de perfil, cortando o ar como lâminas. Em *Le Sacre du Printemps*, se curvavam e batiam os pés no chão, gerando grande desconforto no espectador. Uma quebra total com os elementos do balé clássico, suficientes para introduzir uma nova concepção: a Dança Moderna. Fato que foi reconhecido muito mais tarde, após a morte do bailarino.

Se ainda hoje é difícil dançar e dirigir os balés criados por Nijinsky, naquela época tratava-se de um esforço sobre-humano e, ao fim das representações estavam todos esgotados. As dificuldades de relacionamento social de Nijinsky também dificultavam a comunicação deste com os demais bailarinos, sendo que Lydia Sokolova, trabalhando com o bailarino em 1913, descreveu que: “durante o ensaio de Fauno, ele a segurou para continuar se movendo ao invés de seguir a música, ela explodiu em lágrimas e saiu correndo”¹¹. Os demais bailarinos faziam questão de demonstrar que detestavam o seu trabalho.

Ao final das apresentações de *Sagração da Primavera*, a parceria entre Nijinsky e Diaghilev encontrava-se em perigo. O temperamento impulsivo de Nijinsky e seu desejo de independência entraram diretamente em choque com seu companheiro. Em seu diário, Nijinsky escreve:

Diaghilev gosta de mostrar que Nijinsky é seu pupilo em tudo. Eu quis mostrar que não concordava com ele em tudo e com frequência passei a discutir na presença de todos. Eu comecei a odiá-lo abertamente e cheguei a empurrá-lo na rua de Paris [...]”⁸.

Em seu livro, Bronislava Nijinska escreve que Diaghilev já não conseguia suportar o comportamento imprevisível e muitas vezes violento do parceiro. Porém, o relacionamento se manteve até o momento em que Nijinsky, para a surpresa de todos, no verão de 1913, em uma turnê pela América Latina, se casou com Romola de Pulszky (1891-1978).

Ao tomar conhecimento do episódio, Diaghilev o demite imediatamente de sua companhia. Misia Edwards (futura-mente Misia Sert), que era amiga do empresário e estava

com ele quando este recebeu a notícia, escreve: “Ele ficou histérico, soluçando e gritando”¹⁰. Nijinsky, por outro lado, surpreso com a reação do companheiro, escreveu uma carta para o amigo Stravinsky dizendo: “por favor, pergunte a Serge qual foi o problema. Se é verdade que Serge não quer mais trabalhar comigo, então eu perdi tudo”¹⁰. Stravinsky mais tarde menciona esta carta como “um documento de uma inocência tão surpreendente que, se não fosse Nijinsky, somente um personagem de Dostoiévsky poderia escrevê-la”¹⁰.

Privado da fama e reputação do *Ballets Russes*, e sem o apoio artístico e financeiro de Diaghilev, Nijinsky passou por muitas dificuldades em manter sua conceituada carreira de bailarino e coreógrafo. Ele também viu sua responsabilidade aumentar com o nascimento de sua filha Kyra, em junho de 1914. Na sequência, explode a Primeira Guerra Mundial, enquanto ele estava em Budapeste. Por estar em terreno inimigo, Nijinsky foi considerado inimigo de guerra e, por mais de um ano, permaneceu em prisão domiciliar na casa de sua sogra.

Em 1916, Nijinsky foi solto graças à influência dos amigos de Diaghilev, e este o convida a retornar para companhia, em uma turnê no *Metropolitan Opera House* de *New York*. Porém os desentendimentos entre Romola e Diaghilev eram constantes. Nesse período, Nijinsky se aproximou da filosofia religiosa de Leo Tolstoy, passando a defender a não violência, a castidade e a abstinência de carne.

No fim de 1917, de volta de uma turnê pela América do Sul - a última de sua carreira - Nijinsky decide fazer um repouso nos Alpes da Suíça, junto com Romola. Ao longo do inverno, Nijinsky adotou um comportamento cada vez mais incoerente, chegando a se exercitar dezesseis horas por dia. Em 19 de janeiro de 1912, Nijinsky fez a sua última apresentação no salão do hotel Suvretta, em Saint-Moritz, para um

público animado em ver o bailarino de volta ao palco. Este público assistiu uma trágica dança de evocação aos horrores da guerra.

Acredita-se que entre 19 de janeiro a 4 de março de 1919, durante o inverno nos Alpes, na cidade de Saint-Moritz, Nijinsky escreveu os quatro cadernos, posteriormente chamado de *The Diaries of Vaslav Nijinsky*. Tal escrita foi realizada poucos meses antes de sua internação no sanatório Bellevue, em Kreuzlingen (Suíça), devido a uma forte crise mental, diagnosticada na época como esquizofrenia grave e manifestada com intensos delírios e alucinações. Durante os trinta anos seguintes, Nijinsky passou por inúmeras clínicas psiquiátricas, até o seu falecimento com 61 anos de idade, ocorrido em uma clínica de Londres, na data de 8 de abril de 1950.

OS CADERNOS DE NIJINSKY

A obra é constituída por um conjunto de quatro cadernos, escritos pelo bailarino que desejava publicá-la, ainda em vida, com o nome: *O Sentimento*. Os três primeiros cadernos foram escritos originalmente em russo e eram ilustrados por dez páginas de desenhos abstratos a lápis, contendo quinze páginas de notações coreográficas. Segundo o editor e tradutor Christian Dumais-Lvowski:

O manuscrito comporta quarenta e quatro páginas escritas a lápis, sendo as restantes, à caneta. Sensível à caligrafia de seus escritos, Nijinski tem uma letra caprichada, e o texto, essencialmente em russo, inclui muito poucas rasuras ou correções. O quarto caderno serve de anexo aos três primeiros. Nele, o bailarino consignava poemas, alguns dos quais compos-

*tos em francês, e cartas a diversas pessoas, em russo, em polonês e em francês*⁸. *Esse caderno está hoje sob a guarda da Bibliothèque Nationale (acervo Igor Markevitch).*

Os cadernos de *Nijinsky* registram tudo o que o bailarino pensava e sentia, com os comentários sobre sua relação com Sergei Diaghilev. Além disso, tais cadernos descrevem seus sentimentos pela esposa e amigos, expondo suas ideias sobre a dança. Estes cadernos apresentam críticas a escritores, filósofos, cientistas e políticos, mas, descrevem, principalmente, a sua relação com Deus.

Ao longo de décadas, os escritos de Nijinsky receberam cortes e censuras dos familiares, até que em 1995 foi publicada uma edição integral dos originais de seu diário, pela editora *Actes Sud*, na França. Tal publicação integral ocorreu graças aos esforços do escritor e produtor Christian Dumais-Lvowski e ao consentimento das filhas de Nijinsky, Kyra e Tamara.

Conta Dumais-Lvowski, no prefácio dos Cadernos de Nijinsky, que em 1936 a esposa do bailarino, Romola Nijinski, decidiu publicar uma versão expurgada em inglês do texto original em russo, com o título *The Diary of Nijinsky: "Romola remanejou a ordem dos Cadernos e amputou o manuscrito em cerca de trinta mil palavras, ou seja, um terço do texto"*⁸ Todos os poemas com passagens eróticas foram censurados.

Em 1978, pouco tempo antes de morrer, Romola presenteou um amigo com os três primeiros cadernos de Nijinsky. O quarto ficou aos cuidados de Igor Markevitch, compositor e regente, casado com Kyra Nijinski, filha do bailarino. Em 1979, os três cadernos foram vendidos a um

antiquário inglês, e o montante da venda serviu para liquidar as despesas do inventário de Romola.

Markevitch legou o quarto caderno à *Bibliothèque Nationale de France*. As duas filhas de Nijinsky, Kyra e Tamara, herdaram o *copyright* dos cadernos, excluindo qualquer possibilidade de publicação sem o devido consentimento. Os cadernos de Nijinsky foram revendidos três vezes e estiveram na Inglaterra, nos Estados Unidos e depois na Suécia, sem que os sucessivos proprietários pudessem publicar o conteúdo.

Em 1992, Kyra e Tamara Nijinsky concederam ao escritor e produtor Christian Dumais-Lvowski, os direitos de adaptação teatral da versão publicada em inglês. Esta adaptação foi apresentada no ano seguinte, no Festival de Avignon, pelo ator Redjep Mitrovitsa, que interpretou Nijinsky, na leitura dos textos de seus cadernos.

Durante todos esses anos, Kyra e Tamara receberam solicitações, por diversas vezes, para concederem a permissão para a publicação completa dos cadernos do pai delas, mas sempre se opuseram à ideia. Sua mãe sempre velara para manter acesa a chama diante do “ícone” Nijinsky, e elas temiam que a revelação dos cadernos viesse deteriorar essa imagem.

Após dois anos de incansáveis correspondências, Dumais-Lvowski conseguiu a autorização de Tamara Nijinsky para realizar a edição não-expurgada dos cadernos. Com a ajuda da escritora e tradutora Galina Pogojeva, houve a tradução do texto original em russo, reestabelecendo a cronologia e preparando a edição francesa. Tal edição foi publicada em 1995, com o subtítulo *O Sentimento*, que era um dos temas mais presentes nos escritos do bailarino.

Ao trabalharmos neste livro, tivemos apenas um anseio: devolver a Nijinski sua palavra inteira, indivisível. Estas páginas são o testemunho daquilo que o homem e o artista quiseram deixar à humanidade, uma procura do amor humano, espiritual e religioso. Esta torrente de palavras não é senão um grito, o grito de uma alma em desmoronamento, a qual, para sua última dança, salta até onde ninguém a poderá seguir “para dentro do coração de Deus”⁸.

A leitura das páginas de Cadernos Nijinski gera no leitor sentimentos ambíguos de encantamento e estranheza. Em alguns momentos, a narrativa de Nijinsky reflete uma genialidade que ultrapassa as fronteiras entre a razão e a loucura:

Finjo estar louco para atingir meus fins. Sei que, se todo mundo pensar que sou um louco inofensivo, ninguém terá medo de mim. Não gosto das pessoas que acham que sou um louco que pode fazer mal às pessoas. Sou um louco que ama as pessoas. Minha loucura é o amor à humanidade⁸.

Outros poderão descartar a leitura logo no início do primeiro caderno, pensando que se trata apenas de “*palavras de um louco*”. A escrita, em muitos momentos, entrecortada com sintaxe defeituosa e ambígua, causa grande desconforto e até mesmo um sentimento de desespero, que pode levar o leitor a questionar o valor de se publicar um livro com tantos devaneios: “*Na Suíça as pessoas são secas, pois nelas não existe vida. Tenho uma copeira seca, porque sente. Ela pen-*

sa muito, porque foi dessecada no outro lugar onde serviu por muito tempo”⁸.

Porém, ao persistir na leitura, nos deparamos com uma lucidez ofuscante de um artista que, mesmo abatido pela impotência, mostra uma sensibilidade capaz de captar intuitivamente as belezas mais sutis da vida, acompanhada de um grande sentido de humanidade:

A natureza é uma coisa soberba. Minha natureza é soberba [...] Mas eu estudo a natureza segundo o sentimento. Meus sentimentos são grandes, por isso eu sei, sem estudar, o que é a natureza. A natureza é a vida. A vida é a natureza. [...] O macaco não é a natureza do homem. [...] Eu sei que, pelas matérias orgânicas, o homem parece com o macaco, mas pelas do espírito, não parece⁸.

A relação de Nijinsky com o empresário Sergei Diaghilev se faz muito presente nos textos do bailarino. Caracterizada por uma ambiguidade de sentimentos de amor e ódio, Diaghilev ora encarna o papel do amor tirânico que tem o poder de manipular Nijinsky, segundo os seus interesses; ora constitui na vida do bailarino, uma figura paterna digna de amor e admiração.

O livro apresenta ao leitor os sentimentos mais íntimos do famoso bailarino que, debruçado em sua escrivaninha por seis semanas antes da internação, já em processo de terrível hermetismo, revela suas várias facetas, desde a fragilidade mais desesperada, até a arrogância megalômana.

UM OLHAR TRILÓGICO

Conhecido paradoxalmente como “O Deus da Dança” e, posteriormente, como “O Bailarino Louco”, Nijinsky conquistou e ainda conquista o fascínio de muitos que procuram entender como o mesmo bailarino que surpreendeu a plateia com seus saltos que pairavam no ar, passou da glória divina para o sofrimento infernal.

Após intenso estudo, baseado em livros e artigos sobre a vida de Nijinsky, nota-se uma frequente presença de narrativas projetivas, a ponto de culpar determinadas pessoas pelo seu processo de enlouquecimento. Haveria realmente algum culpado?

No artigo “*Un caso para la clínica de las psicosis: Vaslav Nijinsky. Un caso paradigmático de la investidura narcisista del cuerpo y del devenir psicótico*”, Nafia Yaghen-Vial, traz um estudo da gênese patológica da família Nijinsky:

En el caso de Vaslav Nijinsky, el origen de su locura parece remontarse incluso antes de su nacimiento, situación que remite a lo que Piera Aulagnier escribe con respecto al conflicto psicótico en Un interprète en quête de sens, el cual lo sitúa incluso dos generaciones anteriores y que serán decisivas en el devenir del sujeto¹².

Nijinsky passou por diversos tipos de tratamentos e foi examinado por psiquiatras mundialmente reconhecidos, como Eugen Bleuler, Ludwig Binswanger, Alfred Adler e Manfred Sakel. O psiquiatra e escritor americano Peter

Ostwald, que teve acesso aos arquivos médicos, além de manter contato com membros da família, revela que Nijinsky já havia recebido um diagnóstico psiquiátrico, emitido por um médico de São Petersburgo, em 1910. Ele relatou que muitos, até na atualidade, acreditam que Nijinsky sofria de esquizofrenia. Porém, após revisão dos documentos, constatou que o bailarino recebeu diversos diagnósticos, incluindo neurastenia, depressão, mania, estado crepuscular epilético, catatonia, paranoia, além de obesidade, hipertensão, arteriosclerose e uremia. Como isso seria possível?

De acordo com as pesquisas do psicanalista e escritor Norberto R. Keppe, mesmo que Nijinsky tivesse uma simples neurose: *“a neurose constitui o primeiro fator etiológico de todas as doenças, psíquicas ou orgânicas. [...] A conduta neurótica do homem nunca é baseada apenas em determinados fatores, provenientes da primeira infância”*³. Explica que a origem de todas as neuroses adviria do sentimento persecutório, que leva o indivíduo a empreender uma recolhida luta contra tudo e todos.

Portanto, a projeção seria a responsável pela maior parte dos desastres humanos e sociais, pelo fato da pessoa colocar fora as próprias intenções malévolas: *“O indivíduo paranoide acredita que tem importância enorme para o mundo, alimentando a ideia de que todos olham para ele dando-lhe grande valor – devido sua megalomania”*³.

A psicopatologia de Freud defende a teoria de que o sofrimento do ser humano advém das pulsões incontroláveis do inconsciente (pulsão de morte). Porém Keppe, em suas pesquisas científicas, constatou que *“grande parte desses pensamentos compulsivos, que insistem em se infiltrar em nosso pensamento (causando enorme sofrimento) não tem origem em nosso inconsciente”*⁴. Então, onde estaria a origem do sofrimento humano?

“Se pararmos um pouco para refletir, podemos constatar que vivemos muito mais no mundo espiritual (metafísico) do que material (físico). No entanto, organizamos uma vida “alheia” a este universo infinitamente maior que, apesar de estar constantemente presente em nossas vidas, não conseguimos perceber claramente, devido a enorme resistência que criamos para admiti-lo, invertendo o processo do conhecimento, pretendendo entornar a natureza”⁴.

Através desta perspectiva, qual seria a verdadeira causa da psicopatologia de Nijinsky? Pelo próprio processo de experimentação, podemos constatar que tanto o tratamento organicista, com o uso de psicotrópicos, quanto a orientação psicanalítica baseada em elementos sensoriais e particulares (*a posteriori*), não ajudaram o bailarino a sair de sua crise psicótica.

Fato é que Nijinsky teve consciência de sua grandeza como bailarino, porém não conseguiu obter equilíbrio suficiente para suportar a sua própria fama. Muitos foram os elogios recebidos, assim como muitas foram as críticas, mas nada foi suficiente para afundá-lo. Sua frase “Eu sou Deus”, ficou na história e, sendo ele aclamado pelo próprio público como o “Deus da Dança”, não seria ele mesmo um deus? E que deus seria esse, que se permitiu cair no abismo da loucura?

“Temos de prestar atenção que a vida espiritual segue dois rumos: o primeiro evidentemente é o divino, onde Deus, os anjos e os bons espíritos humanos nos trazem assistência, e o

*segundo é o dos demônios e das almas penadas (como se fala), que vagueiam pelo mundo praticando o mal. De maneira que o ser humano tem de perceber qual deles é que está agindo no momento, para não cometer desatinos irreparáveis*⁴.

Podemos afirmar que a existência do ser humano é transcendental, mesmo que este não queira perceber ou admitir devido sua cegueira (inveja), que não o permite ter consciência da origem dos fatores que ocasionam a sua doença: *“Assim sendo, negamos a noção do transcendente em nossa vida, sendo que esta continua aí intensa, só necessitando reconscientizá-la*⁴.

UMA LUZ QUE NÃO SE APAGA

Nijinsky, mesmo com sua curta e conturbada carreira de bailarino e coreógrafo, suas agruras nos relacionamentos conjugais e familiares, e seus delírios que o levaram ao estado psicótico grave, ficou para sempre na história devido ao seu grande valor como artista. Seu intenso amor pela dança é inegável, servindo de inspiração não somente para diversos bailarinos, mas para todos aqueles que valorizam as Artes (Estética).

Como afirma Keppe,

“A estética é a manifestação do amor pela bondade, ou melhor, é a própria atuação da bondade; por esta razão, não se encontra um verdadeiro artista criminoso, ladrão ou

delinquente – geralmente, quando ele comete algum mal, prejudica-se a si mesmo – enquanto os que tem o poder econômico-social agridem o povo. Nenhuma pessoa pode ser boa, sem gostar das artes; a própria ética é uma palavra ligada à estética, porque a retidão de caráter depende do equilíbrio interno (estética). Os indivíduos perversos têm a aparência de monstros (assim como os demônios), enquanto os benfeitores da humanidade são retratados como criaturas angelicais”⁵.

Espera-se que através deste artigo, muitos artistas e admiradores das artes possam refletir sobre a verdadeira etiologia das doenças, que assolam não somente os artistas, mas toda a humanidade. Precisamos urgentemente conscientizar que já vivemos na transcendência, basta abrir os olhos e ver que temos os meios suficientes para nos livrar deste sofrimento (que não é nosso), e retomar o paraíso que nos pertence.

REFERÊNCIAS

1. GARAFOLA, L. *Legacies of Twentieth-Century Dance*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2005.
2. KARSAVINA, T. *Theatre Street. The Reminiscences of Tamara Karsavina*. New York. E. P. Dutton & CO., Inc., 1961.
3. KEPPE, N. O *Médico da Alma*. Revista de Psicanálise Integral. 2005; 31 (27): 9-11.
4. KEPPE, N. A *influência psíquica dos espíritos no ser humano*. Revista de Psicanálise Integral. 2006; 32 (28).
5. KEPPE, N. A *Arte é o Fundamento da Civilização e do Desenvolvimento do Ser Humano*. Revista de Psicanálise Integral. 2004; 30 (26).
6. MORRELL, O. *Memoirs of Lady Ottoline Morrell: A Study in Friendship, 1873-1915*, New York, Knopf Doubleday, 1964.
7. NIJINSKY, R. *Nijinsky*. Tradução: Gastão Cruls. São Paulo: Ed. José Olympio, 1948.
8. NIJINSKY, V. *Cadernos de Nijinski, O Sentimento, versão não expurgada*. Tradução: Joana Angélica d'Ávila Melo (versão francesa: *Cahiers, version non expurgée*) Rio de Janeiro. Ed. Livraria Francisco Alves, 1936.
9. NIJINSKY, V. *The Diary of Vaslav Nijinsky (Unexpurgated edition)*. Tradução: Kyrill FitzLyon. Londres, Allan Lane, 1999.
10. OSTWALD, PETER. *Vaslav Nijinsky. A Leap into Madness*. New York: Lyle Stuart Book, 1991
11. SOKOLOVA, LYDIA. *Dancing for Diaghilev: The Memoirs of Lydia Sokolova*. Londres: John Murray Publisher, 1960.
12. YAGHEN-VIAL, NAFIA. *Un caso para la clínica de las psicosis: Vaslav Nijinsky. Un caso paradigmático de la investidura narcisista del cuerpo y del devenir psicótico*. Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental. 1999 Out/Dez; 4 (2): 145.

FACULDADES TRILÓGICAS
KEPPE & PACHECO

A Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco têm suas raízes em 1970, com a fundação da Sociedade de Psicanálise Integral pelo Psicanalista Norberto R. Keppe, com a participação de sua assistente, a também psicanalista Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco.

Em 1980, dado ao aprofundamento e abertura no campo da Psicanálise, Psicossomática e Psico-sócio-patologia, passaram a chamar a essa, no campo científico interdisciplinar, de Trilogia Analítica.

Desde então, os membros da nova Escola de Keppe e Pacheco, aplicam a ciência trilógica a uma variada gama de áreas humanas, científicas, tecnológicas e artísticas.

A Ciência da Trilogia Analítica foi difundida nas Américas (Norte, Central e Sul), além de Europa, inclusive chegando a Rússia e ainda ao Oriente, na China.

Dentre tantas descobertas científicas da Trilogia Analítica, a Nova Física da Metafísica Desinvertida possibilitou a Tecnologia Keppe Motor, desenvolvendo motores de alta eficiência energética.

Os professores formados e capacitados em Psico-Sócio-Terapia, poderão treinar seus alunos a enfrentar os conflitos psicossociais cada dia mais crescentes na sociedade atual.

Com centros de pós-graduação em São Paulo, sua sede está localizada junto ao Grande Hotel Trilogia em Cambuquira, Minas Gerais, uma pequena cidade cercada de Mata Atlântica original e com as melhores águas minerais medicinais do mundo.

· TEOLOGIA – SENTIMENTO
· CIÊNCIA – AÇÃO e
· FILOSOFIA – PENSAMENTO

O estudo unificado da Teologia, Filosofia e Ciência proporcionará aos alunos se conscientizarem dos entraves (patologia) ao uso de sua de riqueza interior, em grande parte inativa. Através da desinversão de valores psico-sociais, os alunos da Faculdade Trilógica, trabalharão para a preservação do mundo em harmonia com as leis da natureza e da sua própria essência.

- 1) **Especialização em Nova Física e Tecnologia de Motores Resonantes:** Este Curso oferece, a todos os interessados, a oportunidade de conhecer a mais nova Tecnologia de motores elétricos aplicada a produtos de eficiência energética, através do princípio de ressonância eletro-magnetomecânica: a Tecnologia Keppe Motor, patenteada em diversos países. Atingindo níveis de eficiência de até 90 por cento, o Keppe Motor é uma tecnologia premiada no Brasil e internacionalmente, conhecida e procurada por engenheiros e técnicos de diversas áreas que desejam inovar ou obter soluções mais eficientes, simples e de menor custo em eficiência energética motriz.
- 2) **Gestão de Conflitos – Psico-Sócio-Patologia:** Fornece os instrumentos para o aluno atuar na gestão de conflitos em sua vida pessoal e profissional, onde exige-se cada vez mais equilíbrio para lidar com adversidades e conflitos interpessoais. A partir do conhecimento de si e da sociedade, este curso é composto por aulas teóricas e práticas e oficinas terapêuticas de autoconhecimento (Gestão de Conflitos), visando a conscientização das causas mais profundas, psicossociais, muitas ainda inconscientes, que geram os atritos e problemas individuais e sociais.
- 3) **Terapia em Sala de Aula: Educação e Conscientização:** O curso une a Psicanálise Integral (Trilogia Analítica) com a Pedagogia de forma única e inovadora. Apresenta propostas práticas aplicadas com resultados no ambiente escolar, por meio da conscientização. Fornece recursos para o educador realizar o trabalho com maior satisfação e equilíbrio interno diante das situações de conflitos, stress e angústias dos envolvidos, com aprofundamento na vida psíquica. Aborda assuntos pouco tratados na formação pedagógica, que são fundamentais para o processo ensino-aprendizagem.

- 4) **Pós-Graduação em Artes, Cultura e Saúde:** O curso é constituído por aulas teóricas e práticas (oficinas de artes) e oficinas terapêuticas de autoconhecimento, visando um resgate da consciência da Beleza e da beleza da Consciência. Estas atividades despertam a sensibilidade estética e habilidades do fazer artístico preparando o aluno para lidar melhor com problemas individuais e sociais.
- 5) **Tradução e Intérpretes de Conferências:** Os estudos acadêmicos mostram que o processo de traduzir consiste em distintas competências que se articulam com o objetivo de propiciar uma produção linguística e cultural eficaz e de qualidade. A tradução, considerada como 5ª habilidade a ser desenvolvida no processo de aprendizagem do idioma, pode ser um poderoso instrumento para o aprimoramento dos conhecimentos dos alunos, tanto do idioma estrangeiro – no caso, inglês, francês, espanhol, italiano e alemão – como na língua portuguesa.
- 6) **English Communication Management:** Para os que buscam desenvolver suas habilidades de comunicação, à partir do conhecimento das causas das dificuldades internas (psicológicas e emocionais) que impedem seu progresso... Aos interessados em conhecer os fundamentos da profissão de tradutor e de intérprete e realizar atividades práticas que possibilitem o desenvolvimento de habilidades para tradução de textos e interpretação consecutiva e simultânea.

A Faculdade Trilógica também aplica estes conceitos inovadores nos seguintes cursos de Graduação:

- 1) **Gestão Ambiental:** O gestor ambiental pode atuar na gestão de programas de conscientização da população e de empresas, por meio da educação ambiental e da propagação da importância da conservação da natureza. Pode prestar consultorias em negócios ambientais e desenvolver projetos de preservação ambiental, nos setores: *público* (como servidor ou prestador de serviço) ou *privado*. O curso também desenvolve o empreendedorismo e prepara o gestor para atuar em ESCOs – Empresas de Serviços de Conservação de Energia.

2) Teologia (trilógica): Única graduação de teologia trilógica, não confessional, que unifica a Ciência, Filosofia e a Teologia...Aprenda como utilizar a psicoterapia na prática do teólogo...A PSIQUE (alma) é um dos grandes objetivos deste bacharelado...Entenda porque a sociedade humana está dia a dia mais afastada do seu Criador com suas dramáticas consequências.

**FACULDADE TRILÓGICA
KEPPE E PACHECO**

Sede - Av. Nossa Senhora Aparecida, 59
37-420-000 – Cambuquira – MG
Tel. (35) 3251-3800 / Whatsapp (35) 98872 3470
www.keppepacheco.edu.br
contato@keppepacheco.edu.br
[facebook.com/keppepacheco.lc](https://www.facebook.com/keppepacheco.lc)
<https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>
Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)
Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc

Unidade I - Avenida Rebouças 3819 – São Paulo – SP
Tel. (011) 3032-3616 / Whatsapp (11) 97623-8598
contato@keppepacheco.edu.br
[facebook.com/keppepacheco.lc](https://www.facebook.com/keppepacheco.lc)
<https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>
Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)
Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc

Unidade II - Avenida Rebouças 3115 – São Paulo – SP
Tel. (011) 3032-4105 / Whatsapp (11) 97623-8598
contato@keppepacheco.edu.br
[facebook.com/keppepacheco.lc](https://www.facebook.com/keppepacheco.lc)
<https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>
Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)
Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc
Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)
Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc

Unidade III - Avenida Rebouças 3887 – São Paulo – SP

Tel. (011) 3814-0130 / Whatsapp (11) 98429-9890

central3@keppepacheco.edu.br

contato@keppepacheco.edu.br

www.millenniumlinguas.com.br

Facebook: facebook.com/keppepacheco.lc

Instagram: <https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>

Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)

Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc

Unidade IV - R. Américo Brasiliense, 1777 – São Paulo – SP

Tel. (011) 5181-5527 / Whatsapp (11) 98429-9890

central3@keppepacheco.edu.br

contato@keppepacheco.edu.br

www.millenniumlinguas.com.br

Facebook: facebook.com/keppepacheco.lc

Instagram: <https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>

Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)

Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc

Parceiros

Itapecerica da Serra (Colégio 8 de maio) - Av Eduardo Roberto Daher, 94

Tel 11 4668-8611

colegio8demaio@colegio8demaio.com.br

Instagram@8demaio

www.colegio8demaio.com.br

Santa Maria - Rua Antônio Botega, 409- Térreo - Bairro São José

97095-030 - Santa Maria - RS

Tel: (055) 3307-0846 / Whatsapp (55) 55 99978 8029

santamaria@keppepacheco.edu.br

SOBRE A PROTON EDITORA

A Proton Editora foi fundada em 1976 por Norberto R. Keppe e Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco, com a finalidade de publicar as obras da Sociedade de Psicanálise Integral, posteriormente denominada de Trilogia Analítica.

Após 44 anos de existência, e publicando obras em 9 idiomas, a Proton dispõe de mais de três mil publicações, entre livros, revistas científicas, periódicos, CDs, DVDs, materiais didáticos e tecnológicos.

O primeiro livro publicado foi *Psicanálise da Sociedade*, de Keppe, obra pioneira e única de aplicação dos conceitos psicanalíticos nos fenômenos da sociedade.

A mudança de nome para Sociedade Internacional de Trilogia Analítica – SITA – mostra que o trabalho dos psicanalistas, em 1980, já ultrapassava os limites da ciência psicanalítica tradicional, para abraçar outros campos inerentemente unidos à dimensão humana e social, à filosofia e à teologia, como base de todas as ciências.

Posteriormente, com a expansão do trabalho dos psicanalistas e de seus assistentes e alunos, foi formado o Instituto Educacional Keppe & Pacheco, cujos estudos levaram a aplicações da ciência trilógica nos campos da psicoterapia, medicina e odontologia psicossomáticas, economia, psicoterapia, sociopatologia, artes, espiritualidade, filosofia, metafísica, educação, história, entre títulos entre livros, revistas científicas, periódicos, CDs, DVDs, material didático e tecnológico. O desenvolvimento das pesquisas no campo da Física culminou, baseado no livro *A Nova Física da Metafísica Desinvertida*, na Tecnologia do Keppe Motor.

E o desenvolvimento na área educacional levou à fundação da Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco, em 2017 (Ensino presencial) e da Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos, em 2021 (EAD - Ensino à Distância).

Hoje, a Proton é a Editora Oficial das Faculdades Trilógicas!



PRESENCIAL

Instituto de Ciência e Tecnologia

KEPPE & PACHECO

Mantenedor das

FACULDADES TRILÓGICAS



EAD



Proton Editora



SITA

SOCIEDADE INTERNACIONAL
DE TRILOGIA ANALÍTICA

Índice

Editorial

Todos os Esquemas da Física Antiga São Invertidos

Norberto R. Keppe

As patologias individuais e sociais são provenientes da inversão energética –(Coordenação de diálogos científicos)

Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco

Superando os delírios cotidianos em que vivemos!

Marc André R. Keppe

Dialogia entre a Pedagogia e Teologia da esperança na formação docente – sob uma perspectiva tritológica

Bruno Pontes da Costa

A História à luz da Teologia da Física: Ressonâncias do Quinto Império

Paulo Roberto Furtado de Azevedo Varejão

Abordagem Tritológica do conhecimento

João Léo Pinto Lima e Alexandre Frascari

Ceteiro do Divino: Plantio experimental de transição – uma prática exitosa da Faculdade Tritológica Keppe & Pacheco

Sari Hannele Koivukangas, Ana Luiza Silva Rosa, Vanessa Widmanski e Eduardo Nascimento Castela

Arte, criatividade e psico-sócio-patologia (Parte 1)

Marcos Fernando Vescovi Pera

O Bailarino Russo Vastav Nijinsky: Uma Análise Tritológica de sua Vida

Mariane Barros Fernandez

Sobre a Proton Editora



Instituto de Ciência e Tecnologia

KEPPE & PACHECO

Reconhecido



MEMBRO DA FACULDADES TRILÓGICAS



SITA

SOCIEDADE INTERNACIONAL
DE TERAPIA ANALÍTICA



Diretor Presidente

Norberto R. Keppe

Diretora Fundadora

Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco

Diretor Editorial

Marc André da Rocha Keppe

Supervisora Administrativa

Mara Lúcia Szankowski

Supervisor de Redação

José Ortiz Camargo Neto

Supervisora Científica

Márcia Regina Fernandez Sgrinhelli

Correspondentes Internacionais

Alemanha: Thomas Eisinger

Canadá: Will Lajeneusse, Richard Jones

Colômbia: Cláudia Marcela Ruiz, Carlos Moccagatta, Constanza Villalobos Acosta, Francisco Prieto, Julieta Villarreal Villalobos
Pablo Marín

Espanha: Javier Llopis Gomila

EUA: Gilbert Gambucci, Leonard Burg, Susan Berkley

Finlândia: Anja Piirto, Markku Lyyra, Marja Torppo, Paivi Tiura,
Sari Koivukangas, Sirka Koivuneva

França: Frédéric Esteve, Julien Colombar, Pryska Ducoeurjoly

Ingraterra: Ramon Jimmí

Itália: Fábio Biliotti, Fabrizio Biliotti

Portugal: Gisela Carla Alcaide, Maria de Lurdes Alcaide, Maria de Lourdes Pelicano, Oscar Segurado, Suely Maria Keppe Simula

Rússia: Fatima Norell

Suécia: Anna Karin Björnsdotter Lindquist, Kerstin Arvidsson,
Vicky Johansson

Distribuição

Sociedade Internacional de Trilogia Analítica - SITA

Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco

Proton Editora e Tecnologia Ltda.